



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

# Práticas de consumo colaborativo e de economia da partilha:

## o caso de um grupo de boleias entre Porto e Lisboa

Trabalho Final na modalidade de Dissertação  
apresentado à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de mestre em Gestão

por

Ana Catarina Aguiar Rodrigues

sob orientação de

Professora Doutora Sandra Cristina Lima Coelho e  
Professor João Luís Andrade Serra Moreira de Campos

Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Economia e Gestão  
Abril, 2017



# Agradecimentos

O mestrado em Gestão foi para mim um desafio constante de início ao fim, que foi superado com o apoio imprescindível de várias pessoas.

Gostaria de deixar um especial agradecimento aos professores Sandra Lima Coelho e João Campos pelo acompanhamento, rigor e motivação durante todo o processo de desenvolvimento do TFM. A sua disponibilidade e energia fizeram com que nunca baixasse os braços ao longo desta trajetória.

Ao Paulo, pelo companheirismo, pelas palavras de ânimo e paciência para escutar todos os meus anseios.

Aos meus pais e irmãos por todo o suporte, confiança e orgulho que demonstraram ao longo do meu percurso académico.

Aos meus amigos, em especial à Isabel Fernandes, que me energizou sempre durante os dias de trabalho, em que estava mais cansada por estar focada no mestrado, e me transmitiu todo o seu entusiasmo no alcance e superação dos objetivos a que me propus. À Ana Isabel, que foi a minha companheira desta aventura desde sempre.

A todas as pessoas que tive oportunidade de conhecer durante a partilha do questionário e nas entrevistas, que se mostraram sempre disponíveis para me ajudar e dar a informação que necessitava.

Aos meus colegas da Jason Associates que sempre estiveram dispostos a apoiar-me, curiosos para descobrir os desenvolvimentos do TFM e disponíveis para me ajudar na elaboração do mesmo.



# Resumo

O presente estudo enquadra-se na análise de práticas de consumo colaborativo e economia da partilha. Elegemos como objeto de estudo uma página de *Facebook*, o grupo fechado "Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!". Esta investigação teve como objetivos identificar os principais motivos subjacentes à partilha de boleias, bem como os valores associados a esta prática de consumo. Também foi analisado o impacto dos contextos em que o indivíduo se moveu ao longo da sua trajetória de vida e que possam influenciar as suas disposições para a partilha de boleias.

Este estudo tem por base o cruzamento de um método quantitativo – a aplicação de um inquérito por questionário – com um método qualitativo – a realização de quatro entrevistas biográficas, que resultaram em quatro retratos sociológicos.

A investigação encetada revelou que existem motivações diversas associados à partilha de boleias, desde as motivações económicas, de sociabilidade, ambientais até à solidariedade. Tanto os inquiridos como os entrevistados destacaram a poupança de custos como um fator preponderante na partilha de boleias. Por outro lado, conclui-se também, através da realização das entrevistas, que existem valores materialistas e pós-materialistas associados a esta partilha de boleias.

Palavras-chave: partilha de boleias; consumo colaborativo; economia da partilha.



# Abstract

This thesis focus on the dynamics of collaborative consumption through the study of the *Facebook* community of carsharing "Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!". We want to identify the drivers of carsharing as well as the main values of this practice of consumption. We also measured the impact of individual's history line on the decision of carsharing.

We used two different methods: a quantitative one – query to the community users, and a qualitative one – bibliographic interviews that results in four sociological portraits.

We found evidences that there are different types of motivations regarding the car sharing such us economic reasons, social needs, environmental awareness and solidarity to others. Both the respondents and interviewed ones highlight the costs saving as the main driver for this collaborative act. On the other hand, we conclude that exist materialistic and post-materialistic values regards the car sharing.

Keywords: carsharing; collaborative consumption; sharing economy.





# Índice

Agradecimentos .....	iii
Resumo .....	v
Abstract .....	vii
Índice de Figuras.....	xii
Índice de Tabelas .....	xiv
Introdução.....	16
Capítulo 1:	
Enquadramento Teórico .....	19
1. O consumo numa perspectiva histórica e sociológica .....	19
1.1. A evolução do consumo e produção.....	20
1.2. Consumo como prática social .....	23
2. Práticas de consumo colaborativo.....	25
2.1. A mudança dos valores entre gerações .....	25
2.2. Práticas de consumo colaborativo enquadradas na economia da partilha.....	26
2.3. <i>Carsharing</i> .....	30
2.4. As motivações para a prática de Consumo colaborativo.....	32
Capítulo 2:	
A escolha dos métodos de investigação .....	39
1. Instrumentos de recolha de dados .....	40
1.1. Objetivos do Estudo .....	40
1.2. Construção da Amostra .....	41
1.3. Métodos de Investigação .....	42
1.3.1. A aplicação do inquérito por questionário .....	42
1.3.1.1. Análise Estatística Descritiva .....	45
1.3.2. Entrevistas Biográficas .....	46
1.3.3. Retratos Sociológicos .....	49
Capítulo 3:	
Análise e Discussão de Resultados .....	51
1. Resultados do inquérito por questionário .....	52
1.1. Análise dos dados recolhidos .....	52
1.1.1. Caracterização Sociodemográfica dos Inquiridos .....	52
1.1.2. Análise das Respostas.....	57
1.1.2.1. Preferências sobre meios de transporte .....	57
1.1.2.2. Experiência de boleias, enquanto condutores.....	59
1.1.2.3. Experiência de boleias, enquanto passageiros de boleias .....	61
1.2. Discussão dos Resultados.....	65
2. Retratos Sociológicos.....	69
2.1. Caracterização Sociodemográfica do conjunto de entrevistados .....	69
2.1.1. Retrato Sociológico – Mónica Marques.....	70

2.1.2.	Retrato Sociológico – José Teodoro.....	85
2.1.3.	Retrato Sociológico – Rute Rodrigues .....	96
2.1.4.	Retrato Sociológico – Joaquim Santos .....	106
2.2.	Análise transversal dos quatro retratos sociológicos .....	114
Capítulo 4:		
	Conclusões.....	117
	Bibliografia.....	121
Apêndices		
Apêndice I – Inquérito por questionário		
Apêndice II – Figuras e tabelas relativas ao Inquérito por Questionário		
1.1.	Caracterização Sociodemográfica	
1.2.	Preferências sobre meios de transporte	
1.3.	Experiência enquanto condutor	
1.4.	Experiência enquanto utilizador de boleia	
Apêndice III – Guião das Entrevistas Realizadas		
Apêndice IV – Transcrição das Entrevistas Realizadas		
Entrevista 1 – Mónica Marques		
Entrevista 2 – José Teodoro		
Entrevista 3 – Rute Rodrigues		
Entrevista 4 – Joaquim Santos		
Apêndice V – Edição das Entrevistas		
Edição da Entrevista 1 – Mónica Marques		
Edição da Entrevista 2 – José Teodoro		
Edição da Entrevista 3 – Rute Rodrigues		
Edição da Entrevista 4 – Joaquim Santos		
Anexos		
Anexo I – Declaração de Confidencialidade		



# Índice de Figuras

<b>Figura 1:</b> Distribuição da amostra total por Género .....	52
<b>Figura 2:</b> Distribuição da amostra total por Faixa Etária .....	53
<b>Figura 3:</b> Distribuição da amostra total por Estado Civil .....	53
<b>Figura 4:</b> Distribuição da amostra total por Nível de Escolaridade .....	54
<b>Figura 5:</b> Distribuição da amostra total por condição perante o trabalho .....	55
<b>Figura 6:</b> Distribuição da amostra total por condição perante atividade económica .....	56
<b>Figura 7:</b> Distribuição da amostra total por Rendimento Bruto Mensal .....	57
<b>Figura 8:</b> Número de inquiridos por nível de satisfação, enquanto condutores, com conforto, custo da viagem, duração da viagem, interação social, partilha de uma nova experiência e preocupação ambiental .....	60
<b>Figura 9:</b> Número de inquiridos por nível de satisfação, enquanto utilizadores de boleias, com conforto, custo da viagem, duração da viagem, interação social, partilha de uma nova experiência e preocupação ambiental .....	63
<b>Figura 10:</b> Distribuição de inquiridos que têm preferência por realizar viagem na sua viatura própria .....	64
<b>Figura 11:</b> Distribuição da amostra total por utilização de Redes Sociais ....	140
<b>Figura 12:</b> Distribuição da amostra total por forma de conhecimento do grupo de boleias .....	140
<b>Figura 13:</b> Distribuição da amostra total por meio de transporte mais utilizado no dia-a-dia .....	140
<b>Figura 14:</b> Distribuição de inquiridos da amostra total com e sem viatura própria .....	141
<b>Figura 15:</b> Número de inquiridos por frequência de partilha de boleias na viatura própria .....	142

<b>Figura 16:</b> Distribuição de inquiridos que procura informação sobre as pessoas com quem partilham viagem .....	142
<b>Figura 17:</b> Número de inquiridos por situações de partilha de boleias na viatura própria .....	142
<b>Figura 18:</b> Distribuição dos inquiridos que partilham boleia na sua viatura própria por intervalo de kms .....	143
<b>Figura 19:</b> Número de inquiridos por frequência de utilização de boleias ..	145
<b>Figura 20:</b> Distribuição de inquiridos que procura recomendações sobre o condutor .....	145
<b>Figura 21:</b> Situações de utilização de boleias .....	146
<b>Figura 22:</b> Distribuição dos inquiridos que utilizm boleias por intervalo de kms.....	146

# Índice de Tabelas

<b>Tabela 1:</b> Motivos para partilhar boleia enquanto condutor .....	59
<b>Tabela 2:</b> Motivos para utilizar boleias de outras pessoas .....	62
<b>Tabela 3:</b> Caraterização Sociodemográfica dos entrevistados .....	69
<b>Tabela 4:</b> Número de inquiridos por profissão .....	136
<b>Tabela 5:</b> Principais motivos para utilizar o meio de transporte que mais utiliza no dia-a-dia.....	141
<b>Tabela 6:</b> Principais motivos para os inquiridos não darem boleia .....	143
<b>Tabela 7:</b> Motivos indicados para não utilizar boleias.....	147



# Introdução

A crise económica iniciada em 2008 e a existência de padrões de produção e consumo pouco sustentáveis deram origem ao surgimento de novos modelos de oferta de bens e de serviços e novos modelos de consumo, que assentam em novos modelos de contrato entre consumidores e produtores/fornecedores de serviços (Botsman e Rogers, 2011). Emergem novas formas de consumo, como o consumo colaborativo, efetuado no sentido *peer-to-peer*, que se apoiam em sistemas de trocas de experiências de consumo, e que têm por base a economia da partilha (Botsman e Rogers, 2011). Procuram-se novas experiências de consumo assentes em valores como a partilha, a solidariedade, a proteção ambiental ou a sustentabilidade (Inglehart, 1999).

Tendo em conta este panorama, procuramos, neste estudo, conhecer as práticas de consumo colaborativo, no que concerne à partilha de boleias, em Portugal. Assim, temos como objetivos mais amplos refletir sobre a emergência de práticas de consumo colaborativo, nomeadamente sobre a partilha de boleias entre Porto e Lisboa, relacionando-a com os valores materialistas e pós-materialistas e enquadrando-as nas sociedades atuais. Iremos também analisar a importância das variáveis clássicas (idade, género, profissão, habilitações académicas), estado civil, condição perante a atividade económica e nível de rendimento bruto mensal na partilha de boleias entre Porto e Lisboa. Paralelamente, vamos dar a conhecer as motivações dos consumidores para a aquisição de serviços colaborativos, mais especificamente, os principais motivos que fazem com que os membros do grupo do *Facebook* "Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!" utilizem, ou não, o serviço de partilha de boleias na ótica de condutor e/ou de utilizador de boleia. Desta forma, pretendemos responder a três questões de investigação. Primeiramente, desejamos caracterizar o perfil do



utilizador do grupo de boleias entre Porto e Lisboa. De seguida, queremos compreender quais são as motivações destes indivíduos para a partilha de boleias e identificar quais são os valores associados a esta prática de consumo. Por fim, consideramos pertinente perceber qual a importância que os contextos em que o indivíduo se moveu ao longo da sua trajetória de vida podem ter nas suas práticas de partilha de boleias.

Este é um estudo exploratório sobre a partilha de boleias entre Porto e Lisboa. Existem, ainda, poucos estudos sobre o consumo colaborativo e economia da partilha em Portugal, sobretudo, nesta área da partilha de boleias. Deste modo, esta é uma área do conhecimento ainda pouco explorada, e uma faceta ainda pouco conhecida da realidade portuguesa. Pretendemos, então, dar a conhecer, ainda que de forma exploratória, este contexto e estas práticas.

Este é um tema que me motiva, uma vez que a utilização deste grupo de *Facebook* para partilha de boleias é muito comum entre os meus familiares e amigos mais próximos. Tenho curiosidade em desvendar o véu sobre quem são estes consumidores que partilham boleias e quais são as suas principais motivações para fazê-lo.

O presente trabalho encontra-se estruturado em quatro capítulos. O capítulo 1, referente ao enquadramento teórico, está dividido em dois temas: a análise do consumo sob uma perspetiva histórica e sociológica e práticas de consumo colaborativo. Cada um destes temas tem subtemas respetivos. No primeiro tópico exploramos a perspetiva global da evolução do consumo e produção defendida por George Ritzer (2005) e o consumo enquanto prática social, evidenciando que o consumo não é apenas uma relação económica, envolve também a troca de sentido, de valor, de comunicação, de papéis e de *status*, de posição na hierarquia social (Cruz, 2009; Lopes, 2012). No segundo tópico, refletimos sobre os valores materialistas e pós-materialistas e sobre o consumo colaborativo enquadrado no conceito da economia da partilha, e respetivas

motivações económicas, sociais e tecnológicas. Dentro das principais motivações destaca-se a poupança de custos no *carsharing* e no *Netflix* (Botsman e Rogers, 2011). Também o crescimento da *Zipcar* se deve às motivações económicas dos consumidores, de acordo com Bardhi e Eckhart (2012). Já Vaquero e Calle (2013) referem que a solidariedade e o altruísmo podem estar por detrás da utilização do *Couchsurfing*. Há ainda que salientar a vontade de fortalecer o sentido de comunidade destacado por Albisson e Perera (2012). Adicionalmente, Ozanne e Ballantine (2010) consideram que a partilha pode representar uma forma de anti-consumo, através da análise do caso das Ludotecas.

O Capítulo 2 é dedicado aos métodos utilizados neste estudo e inicia-se com a apresentação dos objetivos gerais e específicos desta investigação. É feita uma breve análise sobre as técnicas de investigação de inquérito por questionário, entrevistas biográficas e retratos sociológicos. Apresentamos, igualmente, a forma como foi construída a amostra não-probabilística deste estudo.

No Capítulo 3 é realizada uma caracterização sociodemográfica da amostra da população estudada. É também concretizada uma análise dos dados recolhidos no inquérito por questionário e estão presentes os retratos sociológicos, seguidos da sua análise e discussão. Esta análise tem por base o enquadramento teórico previamente definido e procura-se dar resposta às questões de investigação deste estudo.

Por último, o capítulo 4 destina-se à apresentação das conclusões principais deste estudo, assim como se sugerem pistas para investigações futuras e apresentam-se as limitações desta investigação.

# Capítulo 1:

## Enquadramento Teórico

### 1. O consumo numa perspetiva histórica e sociológica

“O consumo é uma atividade central na vida dos indivíduos, ocupando parte do seu tempo, da sua energia física e psíquica e com implicação emocional.”

**Isabel Cruz** (2009), *Entre estruturas e agentes: padrões e práticas de consumo em Portugal Continental* (p. 19)

O presente trabalho tem como principal objetivo, como vimos anteriormente, a caracterização do perfil dos utilizadores de partilha de boleias Porto e Lisboa, bem como a análise, interpretação e explicação da opção destes consumidores pela partilha de boleias. Por forma a cumprir este objetivo, parece-nos relevante explorar estudos realizados previamente sobre comportamentos, práticas e escolhas de consumidores. Paralelamente, consideramos ser importante analisar as práticas de consumo colaborativo, enquadrando-as na evolução do consumo e dos valores pelos quais a sociedade se rege. Por fim, será analisado o estado de arte relativo às motivações para a prática de consumo colaborativo.

## 1.1. A evolução do consumo e produção

Desde o início da Revolução Industrial (século XVIII), a economia ocidental tinha como principal foco a produção, a fábrica (Ritzer e Jurgenson, 2010). A fábrica assumia especial preponderância no início do capitalismo (contraposto pela doutrina comunista desenvolvida por Marx), capitalismo este que se focava na relação entre operários e capitalistas (os proprietários de grandes fábricas) (Ritzer e Jurgenson, 2010). O capitalismo consiste num modelo económico, no qual os meios de produção, distribuição, oferta, procura, decisões de preço e investimentos são dominados pela propriedade privada. Após o final da Segunda Guerra Mundial, mais precisamente durante as décadas de 1950 e 1960, surgiram as primeiras “catedrais de consumo”, como a Disneyland, os *shoppings*, restaurantes *fast-food*, etc. (Ritzer, 2005). Assim, o surgimento das “catedrais de consumo” fez com que o consumo assumisse um papel mais importante do que a produção (Ritzer, Jurgenson, 2010). Deste modo, à medida que o século XX avançava, a sociedade caminhava no sentido de valorizar o consumo, em detrimento da fábrica, da produção.

Jean Baudrillard (1998) reconheceu desde cedo a existência de uma sociedade de consumo nos EUA, despoletada pelo fácil acesso ao crédito. “A sociedade de consumo caracteriza-se por elevados níveis de produção, competição agressiva entre empresas e por uma oferta diversificada de bens e serviços, onde os produtos não são valorizados pela sua funcionalidade ou capacidade de satisfazer as necessidades, mas sim pelo valor simbólico que representam para os consumidores” (Vaquero e Calle, 2013, p. 19). Desta forma, na sociedade de consumo, os valores que os bens transmitem para as pessoas que os adquirem e para a restante sociedade, passam a ter um papel preponderante nas escolhas adotadas pelos consumidores.

Para além da maior importância dada aos desejos emocionais comparativamente com as motivações utilitárias do consumo, Isabel Cruz (2009) considera que a sociedade de consumo é marcada por uma mudança nos padrões de consumo, derivada de um elevado crescimento da oferta de bens e serviços e da possibilidade de uma parte da população dispor de rendimentos para adquirir bens e serviços que até aí se revelavam inacessíveis. A autora considera que o simbolismo e diferenciação social gerados pelo consumo assumem um papel mais importante que as variáveis género, idade, grupo étnico e *status*, pela projeção de um significado subjetivo nos objetos que supera os seus atributos reais e a utilidade dos mesmos.

A partir da crise financeira de 2008, assistiu-se a uma mudança nos hábitos de consumo, que levou as pessoas a procurarem novas formas de consumir (Botsman e Rogers, 2011; Vaquero e Calle, 2013). Com a crise económica mundial, o consumo e a produção assistiram a um declínio, dando espaço para o surgimento de um maior interesse sobre o conceito de *Prosumption*, que resulta da combinação do conceito de consumo com produção (Ritzer e Jurgenson, 2010). Note-se que a produção faz parte, muitas vezes, do processo de consumo, por exemplo na produção de refeições caseiras, é necessário confeccioná-las para depois ser possível consumir. E o mesmo acontece com o consumo, que também faz muitas vezes parte do processo de produção. Tome-se como exemplo a produção de um automóvel: para o produzir é necessário consumir matérias-primas ao longo do processo produtivo (Ritzer, 2015).

Para além de ser evidente a existência de *Prosumption* no mercado *offline* (como é o caso do abastecimento de combustível do carro ou o serviço de levantamento de dinheiro na máquina *ATM*), este conceito também está presente em plataformas *online* como é o caso da *Wikipédia*, *Facebook*, *Youtube*, etc. Nestas plataformas, são os utilizadores que produzem e partilham conteúdo para outros

utilizadores terem acesso, que só é possível através da Web 2.0 (Ritzer e Jurgenson, 2010). A Web 2.0 é o meio preferencial de *Prosumption* e corresponde à segunda geração da Web, onde a produção e partilha de conteúdo *online* é uma prática comum na sociedade (Ritzer e Jurgenson, 2010).

O conteúdo *online* é abundante e criado por indivíduos que dedicam muitas horas à sua produção, sem receberem nenhum rendimento em troca (Ritzer e Jurgenson, 2010). Tome-se como exemplo a *Wikipédia*, onde o conteúdo é adicionado, atualizado e consumido por *prosumers*. Estes *prosumers* digitais fazem parte de um novo “modelo wikinómico”, palavra que deriva da junção de *Wikipédia* com a palavra *económico*, onde os indivíduos se dedicam a produzir conteúdo *online* (Tapscott e Williams, 2006, apud Ritzer e Jurgenson, 2010).

Esta produção e consumo de conteúdo *online* vai beneficiar a comunidade a que se destina a informação, mas os próprios *prosumers* vão também retirar benefícios, por estarem a “alimentar” uma plataforma, onde poderão consumir o seu conteúdo no futuro (Ritzer e Jurgenson, 2010). Desta forma, os utilizadores estão a criar valor para eles e para a comunidade a que se destina a informação. Como exemplo de criação de valor por parte dos utilizadores, Botsman e Rogers (2011), mencionam o *Airbnb* – serviço *online* comunitário de reserva de casas, apartamentos ou divisões dos mesmos por um determinado período de tempo. Nesta plataforma, cada membro assume um papel preponderante para a comunidade e para o serviço oferecido, evidenciando-se o denominado efeito de rede. O efeito de rede consiste no efeito em que cada utilizador de um bem ou serviço tem sobre o valor desse mesmo bem ou serviço para os restantes utilizadores. Quando existe efeito de rede, o valor do produto ou serviço depende do número de utilizadores que recorrem a ele.

O grupo de *Facebook* “Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!” é também um exemplo onde se enquadra o efeito de rede, uma vez que quantos mais

membros estiverem nesse grupo, maior é a probabilidade de existir um *match* entre quem oferece e quem procura boleia. Assim, os consumidores estão mais dispostos a partilhar informação e conteúdo *online*, porque também beneficiam do desenvolvimento dos sistemas onde estão inseridos (Web 2.0), podendo levar a práticas de consumo colaborativo, onde a cooperação e partilha são essenciais para a satisfação das suas necessidades.

## 1.2. Consumo como prática social

Como vimos anteriormente, os padrões do consumo foram-se alterando de acordo com o acontecimento de fenómenos como a emergência da industrialização, o surgimento das “catedrais de consumo” e a crise económica de 2008. Desta forma, ao longo do tempo, as práticas de consumo deixaram de corresponder unicamente a uma mera destruição do objeto para satisfazer uma necessidade básica, diversificando-se e passando a incluir um conjunto de práticas onde procuramos afirmar uma identidade e presença social, através da manipulação e troca de sentidos e valores transmitidos pela família, pela escola, pelos media, etc. (Lopes, 2012; Cruz, 2009). Assim, a “cultura do consumo relaciona modos de fazer, princípios de compra, de avaliação, de rejeição, com modos de ver, de representar, de categorizar os objetos” (Cruz, 2009, p. 18). Desta forma, as práticas de consumo não representam apenas uma relação económica (preço, troca, etc.), envolvem também a troca de sentido, de valor, de comunicação, de papéis e de *status*, de posição na hierarquia social (Cruz, 2009; Lopes, 2012). Note-se ainda que Raquel Ribeiro, Susana Albuquerque, Jaime Fonseca, Carlos Pires e Diana Quintino (2013), afirmam que “A sociedade modela qualquer ação humano e os comportamentos do consumo são apreendidos e praticados socialmente”(p. 3), defendendo por isso que o consumo é uma prática social. Segundo os autores, a família, a escola, os amigos, as organizações com e sem fins lucrativos e os *media* têm um importante papel no consumo.

Para além do consumo ser visto como um ato social, Cruz (2009) reforça também que o consumo constitui uma prática relacional. Deste modo, de acordo com a autora, para analisarmos o consumo, devemos ter em conta a relação do indivíduo com contextos e espaços sociais, com os outros indivíduos, com a sua própria trajetória (horizontal, ascendente ou descendente) e com os objetos de consumo e respetivos valores e sentido que os mesmos comunicam. Estes valores que revestem o consumo, sob o ponto de vista do consumidor, podem ser práticos e ergonómicos (relacionados com o tempo e conforto), opondo-se aos valores hedonistas e lúdicos (vocacionadas para a diversão e aventura), e valores consumistas focados na relação qualidade / preço, da segurança, diferentes dos valores utópicos, relacionados com o sonho (Cruz, 2009).

Douglas e Isherwood (2004) citados por Isabel Cruz (2009) sugerem também que o consumo envolve comunicação e valor, para além das questões relacionadas com o preço, troca e relação económica. Estes autores consideram que “para além do consumo físico (utilidade e satisfação), estes constituem marcadores sociais no interior um sistema de informação” (Cruz, 2009, p. 35) que posiciona os indivíduos na sociedade. Esta componente de informação dos bens aumenta, quando avançamos na hierarquia social, e assume-se como um meio para a criação de relações sociais e de exclusão, sendo o uso da cultura material para fins simbólicos um processo comum em diversas sociedades (Douglas e Isherwood, 2004 apud Cruz, 2009).

Em suma, as práticas de consumo revestem-se de significados para a sociedade, deixando de estar apenas relacionadas com o preço e relações de troca. O consumo assume um carácter simbólico, podendo o consumo colaborativo ser uma forma de transmitir os valores de cooperação e partilha para o indivíduos e para toda a sociedade.



## 2. Práticas de consumo colaborativo

“A convergência das redes sociais, a renovada crença da importância da comunidade, as maiores preocupações ambientais e com a poupança de custos, estão a fazer com que transitemos de formas controladas e centralizadas de consumerismo, para formas de consumo baseadas na partilha, agregação, abertura e cooperação.”

**Botsman e Rogers** (2011), *What's Mine is Yours* (p. xx)

### 2.1. A mudança dos valores entre gerações

Inglehart (1997) debruça-se sobre a mudança de valores entre diferentes gerações. O autor considera que o desenvolvimento económico, decorrente da industrialização, e a mudança geracional levaram a uma transição dos valores relacionados com a segurança e necessidades económicas, mais associadas a valores materialistas, para valores pós-materialistas, relacionados com a realização individual. Este processo histórico e social, através do qual a indústria se torna o setor dominante da atividade económica, iniciado no século XVIII, esteve por detrás do processo de modernização, que consistiu num processo que originou um aumento das capacidades económicas e políticas da sociedade.

Este processo de modernização levou ao crescimento económico, que fez aumentar os níveis da esperança média de vida e diminuir a taxa de mortalidade por desnutrição e doenças, gerando uma transformação no sistema de valores. Para Inglehart (1997), existe uma associação forte entre este processo de individualização da sociedade e os valores pós-materialistas. Com a transição da modernidade para a pós-modernidade, a prioridade passou a ser a maximização dos níveis de bem-estar subjetivo da sociedade, isto é, da qualidade de vida, em detrimento da maximização do crescimento económico. Desta forma, os desejos e aspirações individuais passaram a sobrepor-se aos interesses coletivos, evidenciando-se a ascensão de valores relacionados com a autorrealização, autoexpressão, pertença, envolvimento, participação e qualidade de vida. Os

valores pós-materialistas estão intimamente relacionados com a expressão pessoal, sobrepondo-se aos valores económicos e materiais (Inglehart, 1997).

A defesa da diversidade cultural e a proteção ambiental são o foco da sociedade pós-moderna, ainda que possam entrar em conflito com a maximização do crescimento económico (Inglehart, 1999). As orientações religiosas também estão a mudar, no sentido da tolerância e respeito por outras religiões (Inglehart, 1999). Assim, esta mudança na visão do mundo tem gerado um aumento dos movimentos sociais, como movimentos ambientalistas, feministas, proteção da diversidade cultural e crescimento da aceitação de diferentes orientações sexuais (Inglehart, 1999), impactando nas práticas de consumo da sociedade atual, nomeadamente no surgimento de práticas de consumo colaborativo. Ao mudarmos o paradigma da aquisição individual de bens para a partilha, menos bens de consumo serão procurados e consumidos, por isso poderá haver uma redução do lixo produzido, poluição e uso excessivo de energia, levando-nos a práticas de consumo sustentáveis que podem estar enquadradas com o consumo colaborativo.

## 2.2. Práticas de consumo colaborativo enquadradas na economia da partilha

O conceito de consumo colaborativo está intimamente relacionado com o conceito de economia da partilha, também denominada de Economia *Peer-to-Peer*. A economia da partilha dá-se em sistemas organizados ou em rede, onde os participantes adotam atividades de partilha sob a forma de aluguer, empréstimo ou troca de bens, serviços, soluções de transporte, espaço ou dinheiro (Möhlmann, 2015). Bocker e Meelen (2016) defendem que a economia da partilha providencia o acesso a bens que permitem satisfazer necessidades, que anteriormente parte da população não conseguia satisfazer por não ter capacidade financeira para adquirir determinados bens ou utilizar serviços. Já

Buczynski (2013) defende que a economia da partilha é uma economia sustentável construída em torno da partilha de recursos humanos e físicos, que tem trazido um retorno financeiro muito positivo para as empresas que nela investem, como é o caso do *Airbnb*, e por isso tem demonstrado elevados níveis de crescimento.

Com a emergência da economia da partilha surgiu também uma nova forma de consumo, o consumo colaborativo. Botsman e Rogers (2011) consideram que o consumo colaborativo é uma nova prática de consumo onde o consumo assenta em atividades de partilha, aluguer, empréstimo ou troca de bens, serviços, espaço, soluções de transporte ou dinheiro. Por outro lado, Belk (2013) apresenta uma visão mais restritiva deste conceito, considerando que consiste na aquisição e distribuição de um recurso em troca do pagamento de um *fee* ou de uma compensação não monetária. O autor exclui por isso as atividades de partilha, como o *CouchSurfing* da definição de consumo colaborativo, bem como a doação de presentes, que envolve uma transferência permanente da propriedade. Desta forma, é importante esclarecer três conceitos essenciais, quando analisamos o consumo colaborativo: acesso; propriedade; e partilha.

De acordo com Bardhi e Eckhardt (2012), existem duas grandes diferenças entre propriedade e acesso relacionadas com a natureza da relação com o próprio objeto (na propriedade, o indivíduo detém o bem, já no acesso o indivíduo tem acesso ao bem, mas não o detém) e com a forma como é regulada esta relação (quando o indivíduo detém o bem, pode usá-lo como quiser, já no caso de ter acesso ao bem, a relação com objeto/serviço é regulada pela pessoa que cede o bem ou disponibiliza o serviço). Belk (2007) considera que o acesso corresponde ao "ato e/ou processo de distribuir o que é nosso a outros para seu uso, e/ou o ato e processo de receber ou tomar algo dos outros para nosso próprio uso". Acesso é, por isso, semelhante à partilha, mas não envolve a transferência de

propriedade (Bardhi e Eckhardt, 2012). Por fim, a partilha corresponde ao “ato e processo de distribuir o que é nosso para uso de outrem, e/ou o ato e processo de receber ou retirar algo de outros para o nosso próprio uso” (Belk, 2007). Desta forma, o Consumo colaborativo permite aos indivíduos acederem aos bens, sem necessitarem de adquiri-los, não existindo transferência de propriedade de bens.

Esta prática de consumo abrange diversos setores da economia, como é o caso de alojamento de turismo, viagens e transporte, empréstimos monetários entre pessoas, gastronomia e refeições partilhadas, roupas e complementos, bancos de horas, espaço, entre outros. Dado este elevado número de setores abrangidos, Alinsson e Yasanthi Perera (2012) e Botsman e Rogers (2011) sustentam que as diversas formas de Consumo colaborativo se organizam em três tipos de sistema: sistema de produto-serviço; mercados de redistribuição; e estilos de vida colaborativos. O sistema de produto-serviço permite que múltiplos bens detidos por empresas (como *carsharing*, energia solar ou lavandarias) ou bens de propriedade privada estejam disponíveis para partilha ou aluguer *peer-to-peer* (Botsman e Rogers, 2011).

O aluguer *peer-to-peer* consiste no empréstimo ou aluguer de determinado bem, através do uso da Internet, diretamente entre a pessoa que detém o bem e a pessoa que tem interesse em usá-lo. Uma vez que a partilha ou aluguer *peer-to-peer* permite que o bem seja utilizado mais do que uma vez por diferentes pessoas, uma das grandes vantagens deste sistema de produto-serviço consubstancia-se na maximização do uso dos bens. Tome-se como exemplo os brinquedos das Ludotecas referido por Ozanne e Ballantine (2010). Segundo os autores, as Ludotecas são espaços que disponibilizam brinquedos para serem partilhados com todas as pessoas de uma determinada comunidade ou vizinhança, reduzindo a quantidade de brinquedos que os consumidores necessitam de comprar, sendo que o uso dos brinquedos é maximizado, pois

várias crianças podem vir a brincar com o mesmo brinquedo. No que toca aos mercados de redistribuição, estes sistemas encorajam a reutilização e revenda de itens, reduzindo o lixo e recursos utilizados numa nova produção de bens (Botsman e Rogers, 2011).

A redistribuição é o quinto “R” – reduzir, reciclar, reutilizar, reparar e redistribuir – e aumenta as formas de consumo sustentável, desafiando a relação entre produtor, retalhista e consumidor, tornando as doutrinas de “compra mais” e “compra novo” desatualizadas (Botsman e Rogers, 2011). Para além da partilha, permuta ou troca de bens físicos (carros, bicicletas, roupa, etc.), as pessoas partilham ativos menos tangíveis como o tempo, espaço, *skills* e dinheiro, a isto se denomina estilo de vida colaborativo (Botsman e Rogers, 2011). Este novo estilo de vida utiliza ideias provenientes de valores relacionados com a partilha e cooperação e reinventa-os, de acordo com o novo paradigma de consumo baseado no acesso a bens/serviços, através da partilha, e não na sua aquisição.

Esta mudança de paradigma faz com as que as empresas tenham de adotar novas formas de negócio, para conseguirem acompanhar a tendência de Consumo colaborativo e, desta forma, permanecerem no mercado. Tome-se como exemplo a aquisição da *Relay Rides* pela *General Motors* e o lançamento do serviço *car2gether* pela *Mercedes* (Belk, 2013). A *Relay Rides/Turo* corresponde a um mercado de aluguer de automóveis, onde os viajantes podem alugar qualquer carro no local que quiserem, numa comunidade de proprietários de automóveis locais, em todos os EUA e Canadá. Já o *car2gether* foi uma plataforma *online* que colocava os proprietários de carros com as pessoas que procuravam boleia para os mesmos lugares. Neste momento o *car2gether* já não existe, sendo o *site* redirecionado para uma *app* denominada de *moovel*. Estas apostas da *General*

*Motors* e *Mercedes* refletem a nova tendência de mercado automóvel relacionada com atividades de partilha e denominada de *carsharing*.

### 2.3. *Carsharing*

Botsman e Rogers (2011) acreditam que “A partir do lançamento do primeiro modelo Ford T, em 1908, os carros tornaram-se símbolos da independência individual e de domínio tecnológico, sendo que várias gerações cresceram a acreditar que ‘o carro nos dá liberdade’” (pp. 113-114). Contudo, devido à crise económica, ao aumento dos custos com energia e à crescente preocupação com a redução dos gases poluentes, tem aumentado a procura por alternativas à aquisição de automóvel (Shaneen e Cohen, 2013). Para além destas mudanças, os carros apresentam custos avultados de manutenção, limpeza, reparação, seguro e estacionamento (Botsman e Rogers, 2011). De acordo com Botsman e Rogers (2011), em média, um utilizador de carro poupa aproximadamente 380 libras por mês quando utiliza um serviço de partilha de boleias, uma vez que os custos associados às despesas com o carro deixam de existir e, antes de utilizarem o serviço, as pessoas refletem mais sobre a necessidade de usar o carro para fazer determinada viagem.

Belk (2014) defende ainda que as empresas automóveis estão a facilitar práticas de aluguer temporário de carros em detrimento da compra de carros, porque os jovens, aparentemente, estão a perder interesse na aquisição de um carro como representação da sua autodefinição. A compra do carro, manutenção e estacionamento apresentam custos avultados e por isso existe uma tendência crescente entre os jovens adultos (21 a 30 anos) para adotar alternativas de transporte ao seu carro próprio (Botsman e Rogers, 2011). Segundo os autores, cada carro partilhado substitui sete a oito carros comprados, visto que, nestes casos, as pessoas podem vender os seus carros ou decidir não comprar o segundo ou terceiro carro.

De acordo com Shaheen e Cohen (2013), o *carsharing* constitui uma alternativa flexível de mobilidade que satisfaz diferentes necessidades de transporte em todo o mundo, reduzindo simultaneamente os custos e responsabilidades da propriedade de carros. É um meio de deslocação que é constituído por um longo momento de interação social (Böcke e Meelen, 2016), que representa uma oportunidade para as pessoas que pretendem chegar a um mesmo destino se deslocarem partilhando a sua viatura ou a viatura de outrem. Com objetivo de colocar em contacto pessoas que partilham e procuram boleias, surge o grupo do *Facebook* “Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!”. Este grupo põe em contacto pessoas que querem realizar um trajeto comum no mesmo dia e mesmo horário, onde os passageiros que utilizam boleia efetuam um pagamento ao condutor da viatura, de um valor acordado entre eles, que permite normalmente cobrir os custos com combustível e portagens despendidos pelo condutor.

Há ainda a salientar que no estudo desenvolvido por Bardhi e Eckhardt (2012), tendo por base os utilizadores da *Zipcar*, alguns dos participantes nunca tinham tido carro, outros há que utilizaram a *Zipcar* durante o período em que não tinha acesso ao seu carro. A *Zipcar* é a maior plataforma de *carsharing* do mundo, que permite aos seus membros reservar automóveis durante horas ou até mesmo dias. Os seus automóveis estão disponíveis em centros urbanos, aeroportos ou até mesmo campus universitários. Apesar dos autores esperarem encontrar utilizadores que adotavam esta prática de consumo, porque não querem adquirir um carro, concluíram que a maioria desejava adquirir o seu próprio carro.

Em Portugal, para além deste grupo que tem como principal objetivo a partilha de boleias entre Porto e Lisboa, existem outras páginas que permitem a partilha de boleia entre outros destinos e que também não têm uma empresa com fins lucrativos a geri-las. Para além de páginas do *Facebook* gratuitas, existem também outras plataformas *online* que constituem empresas com fins lucrativos, como o caso da *Blablacar*, que opera em Portugal. A Plataforma *BlaBlaCar*

recomenda um valor por passageiro e viagem de 0,05 euros por quilómetro, apropriado para a partilha de gastos inerentes à condução (gasolina, portagens, manutenção, seguros, impostos, etc.) e limita a contribuição máxima que os condutores podem solicitar, de maneira a que não lucrem nas deslocações.

Em suma, o *carsharing* consiste numa forma mais económica para os consumidores se deslocarem, que pretendem chegar ao mesmo destino no mesmo horário. Cada vez mais os jovens estão-se a interessar por esta prática de consumo, uma vez que não atribuem o mesmo simbolismo de liberdade e independência à aquisição de um carro como era atribuído no passado (Botsman e Rogers, 2011). Contudo, Bardhi e Eckhardt (2012) no seu estudo concluíram que os utilizadores da *Zipcar* preferiam ter os seus próprios carros, em detrimento de utilizarem esta plataforma. Desta forma, neste estudo pretendemos explorar se os utilizadores das boleias preferiam viajar no seu veículo próprio ou utilizar as boleias entre Porto e Lisboa.

## 2.4. As motivações para a prática de Consumo colaborativo

Uma das motivações para os consumidores adotarem a prática de *carsharing*, como vimos, consiste na poupança de custos avultados de manutenção, limpeza, reparação, seguro e estacionamento (Botsman e Rogers, 2011). A necessidade de deslocação faz com que os consumidores adotem práticas como o *carsharing* e, tal como esta, têm surgido, novas formas de consumo, tendo em vista colmatar as necessidades atuais e fomentar a cultura de um bem comum por motivos económicos, sociais e tecnológicos (Vaquero e Calle, 2013). Estes autores defendem que existem inúmeros benefícios decorrentes do Consumo colaborativo em termos económicos (poupança de dinheiro), em termos sociais (criação de relações ou amizades) e em termos ecológicos (promoção de um consumo mais sustentável e amigo do ambiente).



No que toca aos aspetos económicos, Botsman e Rogers (2011) e Böcker e Meelen (2016) consideram que a crise económica de 2008 desencadeou o aumento da Economia de Partilha, uma vez que as pessoas passaram a ter menos recursos financeiros para satisfazer as suas necessidades. O *Netflix* constitui um exemplo de uma plataforma que permite aos consumidores pouparem dinheiro, sendo esse o principal motivo porque os consumidores recorrem a essa plataforma, de acordo com Botsman e Rogers (2011). O *Netflix* atrai consumidores que procuram conveniência ou uma oportunidade de ter várias opções de escolha, mas, acima de tudo, procuram poupar dinheiro, uma vez que o custo de visualizar um filme ou série é mais reduzido do que se tivessem de o adquirir.

Apesar do *Netflix* ser um serviço que tem um impacto ambiental positivo, por reduzir a produção de embalagens que acondicionam os filmes e séries, poucos são os consumidores que consideram utilizar este serviço pela razão de este permitir combater as alterações climáticas (Botsman e Rogers, 2011). Os autores consideram que a maior parte dos consumidores adotam práticas de Consumo colaborativo para satisfazer o seu interesse próprio de poupar ou amealhar dinheiro, sendo poucas as pessoas que utilizam o serviço por questões ambientais e por generosidade. Neste estudo, iremos procurar perceber se os indivíduos que constituem a amostra agem de acordo com o que anunciam estes autores, isto é, procuraremos perceber se a partilha de boleias satisfaz o interesse individual, e sendo residual a motivação ambiental ou a solidariedade.

Adicionalmente, Bardhi e Eckhart (2012) sustentam que os motivos económicos são a maior motivação (e que excedem ainda as preocupações éticas) para o consumo baseado no acesso, decorrente do estudo que realizaram sobre a *Zipcar*. Bardhi e Eckhart (2012) e Botsman e Rogers (2011) defendem que o acesso a bens, em detrimento de aquisição, pode também estar associado à proximidade que existe entre objeto e o consumidor, ou seja, pode ser motivado pela

conveniência. Assim, segundo Bardhi e Eckhart (2012), o utilitarismo, expresso pela conveniência e poupança, é o principal motivo que leva os indivíduos a utilizarem o *carsharing*, evidenciando por isso uma reciprocidade negativa. Estamos perante uma reciprocidade negativa, quando na transação de bens e serviços, uma das partes tem expectativa de receber algo em troca, retirando um benefício maior desta transação. Estes autores concluem que apesar do acesso a bens e serviços ser uma prática mais comum na sociedade atual, a propriedade ainda representa o modo de consumo ideal na sociedade americana, por isso, se os indivíduos puderem adquirir um carro, vão preferir fazê-lo em detrimento do *carsharing*.

Para além do Consumo colaborativo permitir aos utilizadores poupar dinheiro, Vaquero e Calle (2013) consideram que a solidariedade está intimamente relacionada com esta prática de consumo, nomeadamente no caso do *Couchsurfing* – serviço *online*, onde diversas pessoas pelo mundo inteiro disponibilizam o seu sofá, cama ou colchões para acolher e conhecer pessoas e culturas novas. Os autores consideram que as pessoas que disponibilizam estadia, o fazem de forma meramente altruísta e que a plataforma *Couchsurfing* desperta um sentimento de pertença e de comunidade nos seus membros. Desta forma, esta é uma plataforma que atrai milhares de jovens pelo mundo, permitindo que interajam com pessoas novas, culturas diferentes, tenham uma nova experiência, realizem atividades em comum, aprendam novas línguas, etc.

Paralelamente, Botsman e Rogers (2011) sustentam que também as motivações sociais impulsionam a Economia de Partilha, referindo que as pessoas estão a começar a reconhecer que a persistente procura por bens materiais está a fazer com que as relações com a família, amigos, vizinhos e planeta se fragilize, fazendo com que procurem recriar um forte sentido de comunidade. Os autores defendem que “Estamos a começar a ver que o interesse próprio e o bem coletivo

dependem um do outro” (p. 44). Albinsson e Perera (2012) destacam também o sentido de comunidade como motivação para a participação em atividades de partilha, defendendo que as pessoas aproveitam a comunidade para recolher informação e bens, por motivos ideológicos e práticos. Os autores desenvolveram um estudo exploratório, tendo por base eventos de partilha gratuitos com o foco no desenvolvimento de práticas de consumo sustentáveis e onde não existem transações monetárias entre os participantes. Os participantes destes eventos consideram-se envolvidos numa comunidade, ainda que temporariamente, e valorizam as ligações que se formam com amigos, família e pessoas que desconhecem ter as mesmas ideias. Os autores consideram que estes eventos representam para os consumidores um conjunto de significados políticos, um desejo de ajudar grupos específicos da sociedade e um espaço para educar as pessoas sobre importância da sustentabilidade.

A sustentabilidade é uma necessidade proeminente, tendo em conta os elevados níveis de consumo globais e aumento da procura de bens e serviços nos mercados internacionais. Assim, tal como os eventos gratuitos, têm surgido inúmeras formas de consumo que revelam ser uma atividade de anti-consumo com o objetivo de prolongar a vida, utilização e valor dos bens, enquanto desencorajam a aquisição de mais bens, como é o caso das Ludotecas (Ozanne e Ballantine, 2010). Ozanne e Ballantine (2010) defendem que a partilha é uma forma de anti-consumo, isto é, podemos optar por partilhar em vez de adquirir. No estudo exploratório destes autores, foram identificados 4 grupos de participantes nas Ludotecas: os *socialites*, que apreciavam os benefícios sociais decorrentes das mesmas; os participantes que evitavam o mercado e que também apreciavam os benefícios sociais decorrentes das Ludotecas, os quais apresentavam rendimentos inferiores aos restantes; os anti-consumidores silenciosos que defendiam o anti-consumo, frugalidade e valores de partilha; e por fim, os membros passivos que apresentavam rendimentos elevados e em que

a principal motivação não é os benefícios sociais, nem tinham um sentido forte de anti-consumo. Nestes quatro grupos de participantes, existem dois grupos onde a partilha é encarada como uma forma de anti-consumo, podendo o anti-consumo ser um dos motivos que leva à existência de práticas de partilha (Ozanne e Ballantine, 2010).

Möhlmann (2015) desenvolveu um estudo sobre as determinantes para a satisfação e probabilidade de utilizarem novamente o serviço *car2go* e o *Airbnb*, onde concluiu, através de dois inquéritos destinados aos utilizadores das diferentes plataformas, que a satisfação e vontade de adotar uma destas opções de partilha derivam do benefício que delas retiram. O autor concluiu que a utilidade do serviço, a confiança dos membros nas plataformas e nas pessoas que a utilizam, a poupança de custos e familiaridade com o serviço foram consideradas essenciais para a escolha de opções de partilha de utilização do *car2go* e *Airbnb*, enquanto a qualidade do serviço e sentido de comunidade foram referidos como relevantes para a satisfação e escolha do serviço *car2go*. O serviço alemão *car2go* permite aos utilizadores usarem um veículo entre duas localizações diferentes, sem necessitarem de reservar e sem necessitarem de reabastecer o carro, podendo deixar o carro num local diferente de onde foi buscar, desde que seja um parque *car2go*. De salientar também que as variáveis impacto ambiental, capacidade da Internet, capacidade dos *smartphones* e afinidade com a tendência não foram mencionadas neste estudo como determinantes para a satisfação e probabilidade dos utilizadores optarem pela partilha novamente.

Por fim, é importante ainda salientar a importância que a confiança nas plataformas e em outros consumidores assume na prática deste tipo de consumo. Note-se que de acordo com Botsman e Rogers (2011), a confiança entre estranhos, isto é, entre consumidores que oferecem ou procuram determinado bem ou

serviço, é um fator crítico para adoção ou não de práticas de Consumo colaborativo. Buczynski (2013) afirma ainda que “Pode ser um pouco clínico, mas a maioria de nós admite que não gosta da ideia de outras pessoas tocarem nas nossas coisas. Se alguma vez emprestou algo a um amigo que lhe devolveu o seu bem danificado ou simplesmente ficou com ele, identifica-se com esta preocupação” (p. 28). Deste modo, a confiança assume um papel preponderante quando partilhamos os nossos bens, mas também quando procuramos determinado bem ou serviço. Tome-se como exemplo a partilha de boleias na grupo do *Facebook* “Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!”, quando os membros do grupo procuram boleias de desconhecidos, têm necessariamente de confiar neles, porque não os conhecem. Esta confiança é especialmente crucial em sistemas de partilha que funcionem através da Internet, visto que muitas vezes não conseguimos conhecer o comprador, vendedor ou a pessoa que está a arrendar/alugar determinado bem ou serviço, antes de realizarmos a transação (Buczynski, 2013).

Neste capítulo analisámos a evolução dos conceitos de produção e de consumo ao longo dos tempos, bem como o consumo enquanto prática social. Procedemos também a uma reflexão sobre a mudança de valores e o impacto que esta evolução pode causar nas práticas de consumo. Adicionalmente, apresentámos os vários conceitos que têm surgido em torno do Consumo colaborativo e da economia da partilha, bem como o novo modelo de transporte denominado de *carsharing* e as motivações dos consumidores, nos estudos realizados sobre este tema, para a adoção desta e de outras práticas de consumo.



## Capítulo 2:

### A escolha dos métodos de investigação

A teoria tem uma função de comando nos processos de investigação. Em última instância, é o enquadramento teórico, a par dos objetivos traçados, assim como as questões de investigação, que guiam a investigação, e que constituem a base para a definição dos métodos a adotar. Assim, neste capítulo serão identificados os objetivos do estudo, apresentados os métodos de investigação e forma como foi construída a amostra.

# 1. Instrumentos de recolha de dados

## 1.1. Objetivos do Estudo

No presente trabalho pretendemos conhecer as motivações inerentes à partilha de boleias enquanto prática de consumo, tendo por base uma amostra heterogénea composta por indivíduos de diferentes idades, género, profissão e habilitações académicas, estado civil, condição perante a atividade económica e nível de rendimento bruto mensal. Para este efeito, recorreremos à aplicação de um inquérito por questionário que nos vai dar informação sobre o perfil de utilizadores da partilha de boleias entre Porto e Lisboa e vai-nos permitir analisar, interpretar e explicar a opção destes consumidores pela partilha de boleia.

Para complementar este método quantitativo, iremos realizar entrevistas biográficas, que irão dar origem a retratos sociológicos. Estes retratos vão-nos permitir compreender os contextos em que se ativam as disposições que influenciem os indivíduos a utilizarem as boleias. Paralelamente, vamos refletir sobre os valores (materialistas e/ou pós-materialistas) que estão por detrás desta prática de Consumo colaborativo, e aprofundar o conhecimento e compreensão das motivações inerentes à mesma.

Dada a conjugação do método quantitativo, inquérito por questionário, com o método qualitativo, retratos sociológicos, estamos perante uma triangulação metodológica (Fulcher e Scott, 2007). Esta triangulação metodológica vai-nos permitir reduzir e anular as desvantagens de cada um dos métodos e enriquecer a análise dos fenómenos em estudo (Fulcher e Scott, 2007).



## 1.2. Construção da Amostra

Depois de construído o inquérito por questionário em função dos objetivos do estudo, sucede-se a seleção da amostra que também deve ter em conta esses mesmos objetivos (Silva e Pinto, 1986). O presente trabalho é composto por uma amostra não-probabilística, onde os respondentes são selecionados e a amostra não é construída de forma aleatória (Fulcher e Scott, 2007). A amostra foi construída tendo por base: publicação do inquérito por questionário no grupo do *Facebook* “Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!”, acessível a todos os seus membros; envio do inquérito por questionário para membros do grupo que conhecemos, sendo que este procedimento se executou por conveniência, isto é, selecionámos uma amostra da população que nos está mais acessível; em paralelo, os inquiridos selecionados por conveniência, convidaram novos participantes da sua rede de amigos e conhecidos a responder ao inquérito por questionário, fazendo com que a amostra fosse crescendo em bola de neve.

Desta forma, a amostra por conveniência é construída através de pessoas que nos são mais próximas, como amigos e vizinhos (Fulcher e Scott, 2007). Já a amostra em bola de neve consiste em pedir aos primeiros para nomear ou contactar outros indivíduos, que possam ser abordados no âmbito do estudo (Fulcher e Scott, 2007).

Para a realização das entrevistas biográficas, recorremos aos contactos disponibilizados pelos inquiridos na resposta ao inquérito por questionário. Como critérios de seleção da amostra procurámos ter uma amostra composta de igual forma por participantes dos dois géneros, com idades, profissões e nível de escolaridade diferentes, de modo a conseguirmos explorar diferentes percursos de vida e encontrar diferenças ou similitudes entre cada entrevistado. Desta forma, selecionámos dois participantes masculinos e duas participantes femininas. No próximo capítulo, ficaremos a conhecer as práticas de consumo e estilos de vida destes entrevistados.

## 1.3. Métodos de Investigação

### 1.3.1. A aplicação do inquérito por questionário

Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (1986, p. 165) consideram que “toda a ação de pesquisa se traduz no ato de perguntar”. Por isso, sendo o inquérito uma técnica de perguntar de natureza quantitativa, este permite captar os aspetos contabilizáveis dos fenómenos sociais que queremos investigar (Silva e Pinto, 1986), sendo o fenómeno em análise a utilização de boleias entre Porto e Lisboa. Desta forma, o inquérito “consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo da população, uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimento ou de consciência de um acontecimento ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse os investigadores” (Quivy R. e Campenhoudt, 2003, p. 188). Analogamente, no inquérito por questionário realizado procurámos obter respostas dos membros do grupo do *Facebook* “Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!” sobre quais os meios de transporte que utilizam no seu dia-a-dia, aspetos relacionados com experiência de partilha de boleias enquanto condutor e enquanto utilizador de boleias, sobre as suas motivações e a sua caracterização sociodemográfica. Tendo em conta que um dos objetivos deste estudo se prende com o conhecimento das características do perfil dos membros do grupo de *Facebook* de boleias entre Porto e Lisboa, este método é adequado para esse objetivo. Note-se que de acordo com Quivy e Campenhoudt (2003), um dos objetivos deste método está relacionado com o conhecimento das condições e modos de vida, comportamentos, valores e opiniões de uma determinada população, correspondendo, assim, a um dos objetivos do presente estudo.

Quando iniciámos este estudo exploratório, tínhamos como objetivo recolher 500 respostas ao inquérito, que corresponde a aproximadamente 1% dos membros do grupo de *Facebook* "Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!". Contudo, verificámos que muitos membros do grupo não são utilizadores de boleias. São membros do grupo, na medida em que fazem parte dele, mas não são membros ativos do grupo. Alguns destes membros utilizam o grupo para vender artigos e publicitar empresas ou marcas. Dada a existência de um elevado número de membros inativos e a curta duração de 6 meses para o desenvolvimento do presente estudo, disponibilizámos o questionário aberto entre 28 de Janeiro e 2 de março, recolhendo durante este período 400 inquéritos por questionário. Ressalvamos que o propósito deste estudo não é alcançar uma amostra que seja representativa, na medida em que este é um estudo exploratório, e que apenas nos vai proporcionar algum conhecimento de um campo da realidade que, até agora, permanecia por desvendar.

O inquérito por questionário, formulado no *Google Docs*, foi disseminado via *Facebook*, *e-mail* e *Linkedin*, sempre com a ressalva de que apenas os utilizadores do grupo do *Facebook* "Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!" é que poderiam responder ao inquérito por questionário. Foi através do envio de mensagens a membros do grupo, via *Facebook*, que conseguimos grande parte das respostas ao inquérito por questionário. Uma vez que este questionário foi preenchido pelo próprio inquirido, estamos perante um questionário de "administração direta" (Quivy R. e Campenhoudt, 2003). De salientar que eliminámos 6 respostas de inquiridos que indicaram desconhecer o grupo do *Facebook* "Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!", bem como 9 respostas repetidas.

A aplicação deste inquérito por questionário teve como principal finalidade recolher dados que permitissem identificar e caracterizar os perfis-tipo de utilizadores de boleias entre as cidades de Porto e Lisboa. Adicionalmente, o

inquérito por questionário permitiu-nos identificar possíveis entrevistados que nos pudessem vir a conceder uma entrevista de cariz biográfico, a partir da qual redigimos os retratos sociológicos.

O inquérito por questionário disponível no Apêndice I – Inquérito por questionário, está estruturado em seis partes: preferências sobre meios de transporte; experiência enquanto condutor; razões para que não utilize o serviço enquanto condutor; experiência enquanto utilizador da boleia; razões para que não utilize o serviço enquanto utilizador; caracterização sociodemográfica. No cabeçalho do inquérito por questionário apresentámos o âmbito da realização da nossa investigação, os nossos objetivos. Tivemos a preocupação de garantir o anonimato e a confidencialidade das respostas, e essa indicação consta no cabeçalho do questionário.

Na primeira parte encontram-se questões relacionadas com as redes sociais mais utilizadas, meios de transporte que os inquiridos utilizam no seu dia-a-dia e respetivos motivos e se tem ou não viatura própria.

Já na terceira parte procurámos conhecer a experiência dos condutores, em termos de procura de informação prévia sobre os passageiros que os acompanham durante as viagens, os principais motivos que os levam a partilhar boleias, em que situações partilham boleias, qual o seu nível de satisfação sobre determinadas variáveis (conforto, custo da viagem, duração da viagem, interação social, partilha de uma nova experiência, preocupação ambiental) e quais as distâncias em que já partilharam boleia na sua viatura própria.

Na quarta e sexta partes do inquérito por questionário pretendemos obter informação sobre os motivos que fazem com que os membros não utilizem o serviço enquanto condutores e enquanto utilizadores de boleia, respetivamente. Note-se que a estas questões apenas deveriam ter respondido os inquiridos que tinham indicado que não utilizam o serviço de boleias, enquanto condutores e/ou enquanto utilizadores de boleias.

Na quinta parte procurámos conhecer a experiência dos membros do grupo enquanto utilizadores de boleias, em termos de procura de informação previamente sobre os condutores, os principais motivos que levam a recorrer a boleias, em que situações partilham boleia, qual o seu nível de satisfação sobre determinadas variáveis (conforto, custo da viagem, duração da viagem, segurança da condução, partilha de uma nova experiência, preocupação ambiental) e quais as distâncias em que já utilizaram o serviço de boleias. Também questionámos sobre se, perante a possibilidade de utilizar a sua viatura própria, se o fariam, em detrimento da utilização do serviço de boleia. Por fim, na última parte do questionário, encontram-se as questões sociodemográficas. O objetivo desta parte consiste em caracterizar a amostra com base no género, idade, estado civil, nível de escolaridade, condição perante o trabalho, nível de rendimento bruto mensal, profissão exercida atualmente e condição perante a atividade económica, de forma a verificar se existem diferenças significativas, na utilização de boleias e nas suas motivações. No fim do questionário, solicitámos aos inquiridos que, caso continuassem a querer participar no estudo, deixasse o seu contacto para nos concederem uma entrevista. Esta questão era de resposta facultativa. No final, terminamos agradecendo colaboração neste estudo.

#### 1.3.1.1. Análise Estatística Descritiva

De acordo com Quivy e Campenhoudt (2003), a maior parte dos métodos de análise de informações dependem de uma de duas grandes categorias: a análise estatística dos dados e a análise de conteúdo. Uma vez que aplicámos um inquérito por questionário e obtivemos dados quantitativos (Quivy e Campenhoudt, 2003), optámos pela realização de análise estatística descritiva. Esta análise tem como objetivo, como o próprio nome indica, a descrição dos dados recolhidos e segundo os autores, “a estatística descritiva e expressão gráfica dos dados são muito mais do que simples métodos de exposição dos

resultados” (p.223), uma vez que acreditam que a apresentação dos dados sobre diversas formas impacta positivamente na qualidade das interpretações que podemos retirar da sua análise. Antes de levarmos a cabo a análise estatística de dados, analisámos todas as respostas e retirámos 9 questionários repetidos, tendo por base a identificação de todas as respostas iguais, em horários muito próximos e contactos fornecidos para entrevista repetidos. Tendo em conta que optámos pela realização de uma análise estatística descritiva, optámos por não utilizar *softwares* como o SPSS para a análise de dados, utilizando o *Excel* para esse efeito.

### 1.3.2. Entrevistas Biográficas

Quivy e Campenhoudt (2003: 190) consideram que os “dados recolhidos por questionário, em grande número de respostas que são pré-codificadas, não tem significado em si mesmas.”. Assim, tendo em conta que no questionário realizado temos algumas questões pré-codificadas, isto é, questões onde o inquirido necessita de escolher obrigatoriamente uma opção entre as várias que lhe são propostas, e a nossa vontade em analisar mais aprofundadamente o quadro de disposições que os indivíduos adquiriram ao longo da sua trajetória biográfica, decidimos levar a cabo entrevistas biográficas. Estas entrevistas biográficas permitem-nos obter informação mais aprofundada sobre os aspetos da vida do indivíduo que influenciam as suas práticas de consumo. Nesta medida, estas entrevistas constituem a base para a construção dos retratos sociológicos.

De acordo com Lahire apud Lopes (2012), a entrevista biográfica, tal como as histórias de vida, constitui uma peça essencial para aferir as pequenas contradições (heterogeneidade comportamental), não evidentes para o indivíduo.

Cada indivíduo, no seu quotidiano e ao longo da sua vida, contacta com diversos universos sociais e diferentes contextos de interação, que contribuem para a formação de disposições heterogêneas, que incluem princípios de

diferentes doutrinas e até mesmo dissonantes (Lopes, 2012). Desta forma, ao realizarmos as entrevistas biográficas recolhemos informação sobre os contextos com que cada entrevistado contactou, de forma a perceber como é que se formaram as disposições que podem influenciar a utilização de boleias entre Porto e Lisboa.

Com o intuito de obter o consentimento dos potenciais entrevistados para a realização das entrevistas, foi estabelecido contacto telefónico com dois participantes, um contacto por *e-mail* e um contacto por mensagem de *Facebook*. Nesta primeira abordagem foram clarificados os objetivos do estudo e da entrevista e acordadas as condições em que a entrevista iria decorrer. Os potenciais entrevistados foram também informados sobre a garantia de confidencialidade de toda a informação recolhida, e que consistia da assinatura de uma declaração de consentimento informado, cujo modelo disponibilizamos em anexo. Assim, após a obtenção do consentimento de cada participante foi agendada a respetiva entrevista.

Três entrevistas realizaram-se via telefone e uma presencialmente nas datas acordadas, durante o mês de março e abril, e obedeceram sempre à mesma sequência, constituída pelos seguintes momentos:

1. Assinatura da declaração de confidencialidade e validação dos dados sociodemográficos presentes no inquérito por questionário;
2. Introdução e explicação dos objetivos da entrevista;
3. Realização da entrevista;
4. Transcrição da entrevista.

Num primeiro momento, cada entrevistado analisou a declaração de confidencialidade, na qual consta o nome do entrevistado e do entrevistador e se explicita a reserva de utilização, da informação obtida pelas entrevistas, para fins unicamente académicos. Note-se que no caso das entrevistas telefónicas, a declaração com a minha assinatura foi enviada por *e-mail* no dia anterior para os

entrevistados poderem analisar e enviar de volta a declaração assinada. No anexo 1 está presente o modelo da Declaração de Confidencialidade utilizado e, por questões de confidencialidade, optamos por não tornar públicas as declarações assinadas pelos entrevistados. Antes de iniciarmos a entrevista validamos, no contacto telefónico ou presencial, a idade e estado civil do entrevistado, tendo em conta a informação recolhida no inquérito por questionário. De seguida, foram explanados os objetivos da entrevista a todos os entrevistados, e que consistem em:

1. Compreender a trajetória escolar do entrevistado (e.g. que escolas frequentou, em que faculdade estudou, qual a sua área de formação), bem como a trajetória profissional (e.g. o que faz atualmente, que outras profissões exerceu, com que idade começou a trabalhar);
2. Compreender a sua realidade familiar (e.g. perceber com quem vive, qual a profissão dos pais, qual a idade dos irmãos, clarificar se os seus familiares já usavam esta página de *Facebook* de partilha de boleias antes do entrevistado começar a utilizar);
3. Compreender como são ocupados os tempos livres dos entrevistados, que práticas de sociabilidade adotam, analisar a importância da interação com os amigos para a utilização das boleias, bem como conhecer um dia do quotidiano de trabalho e um dia de lazer do entrevistado;
4. Compreender aspetos relevantes sobre a experiência da partilha de boleias do entrevistado (e.g. como se processa a partilha de boleias, quando aderiu à página e o que o motivou a aderir, se valoriza a interação com novas pessoas na partilha de boleias);
5. Conhecer a forma de deslocação que o entrevistado utiliza no dia-a-dia;
6. Analisar a frequência desta prática de consumo entre Porto e Lisboa e entre outras cidades, e quais as suas motivações, a existirem, para continuar a usufruir desta prática.



7. Conhecer os contextos que ativam as disposições para a partilha de boleias.

Depois de esclarecidos os objetivos, decorreu a entrevista propriamente dita. As entrevistas são semidirigidas ou semidiretivas, uma vez que o entrevistador tinha um conjunto de perguntas-guias relativamente sobre a informação que se pretendia obter junto do entrevistado (Quivy e Campenhoudt, 2003). Os autores defendem que o entrevistador deve deixar o entrevistado “falar abertamente, com as palavras que desejar e pela ordem que lhe convier” (Quivy e Campenhoudt, 2003, p. 192). Nesta etapa, os entrevistados falaram sobre quatro grandes blocos: a sua trajetória escolar e profissional; vida familiar; sociabilidade e práticas culturais; e, por fim, partilha de boleias (o guião da entrevista encontra-se no Apêndice III). Deste modo, a intervenção do entrevistador deveria ocorrer apenas para encaminhar o entrevistado para os objetivos da entrevista sempre que ele se distanciar dos mesmos e colocar questões às quais o entrevistado não consegue alcançar por si próprio (Quivy e Campenhoudt, 2003).

Elaborámos um guião no qual as questões se encontram agrupadas em quatro grandes blocos, mencionados anteriormente (Apêndice III). Todas as entrevistas foram gravadas em formato áudio, e, posteriormente, transcritas.

### 1.3.3. Retratos Sociológicos

Bernard Lahire (2005: 22) defende que “Os atores não são feitos de um só pedaço, mas pelo contrário são colagens compostas, complexos matizados de disposições (para agir e para crer) mais ou menos fortemente constituídos.” O autor considera que o indivíduo é plural, uma vez que incorpora disposições heterogêneas, e em certos casos, opostas e até mesmo contraditórias, que derivam da diversidade de contextos de ação do indivíduo (Lahire, 2005). Para analisar esta pluralidade interna do indivíduo, “é necessário dotarmo-nos de dispositivos

metodológicos que permitam observar diretamente ou reconstruir indiretamente (através de diversas fontes) a variação ‘contextual’ (no sentido lato do termo) dos comportamentos individuais.” (Lahire, 2005, p. 17). Com os retratos sociológicos vamos identificar as disposições associadas a esta prática de consumo. Desta forma, considerámos relevante construir 4 retratos sociológicos, baseados numa entrevista biográfica de carácter sem diretivo, de modo a conhecermos os trajetos biográficos de quatro pessoas com idades, profissões e habilitações distintas, de modo a assegurarmos uma diversidade de trajetos e de contextos de socialização.

Tal como referimos, na realização das entrevistas, utilizámos um guião, tendo como principal objetivo procurar perceber a forma como as disposições individuais são incorporadas. Cada entrevistado refletiu sobre a sua trajetória de forma multifacetada, através de uma reflexão sobre a sua relação com a família, escola, trabalho, residência e redes de sociabilidade. Deste modo, depois de realizadas e gravadas as entrevistas, em formato áudio, realizámos uma transcrição das mesmas (apêndice IV), edição (apêndice V) e avançámos, logo de seguida, com o trabalho interpretativo das mesmas, que foi desenvolvido através de duas etapas propostas por Lahire (citado por Lopes, 2012):

1. Identificação e análise dos vários contextos com que cada entrevistado contactou ao longo da vida (e.g. escolas, faculdades, empregos, redes de amigos, família), para reconstruir as disposições sociais.
2. Constatação da existência de alterações nos comportamentos e atitudes de acordo com os contextos onde os entrevistados se inserem, e na definição dos limites relativos aos contextos de modificação ou não modificação das disposições.

No próximo capítulo procederemos à análise e discussão dos dados que recolhemos no âmbito deste estudo.

## Capítulo 3:

### Análise e Discussão de Resultados

No capítulo anterior realizámos uma breve análise sobre os métodos utilizados no presente estudo, isto é, explicámos em que consistem e de que forma é que foram utilizados os inquéritos por questionário, as entrevistas biográficas de que modo é que foram construídos os retratos sociológicos, bem como explanámos a forma como a amostra foi construída.

Vamos dar início, neste capítulo, à análise e discussão de resultados. Primeiramente, realizaremos uma análise dos resultados obtidos no inquérito por questionário, com o objetivo de procurar informação que permita caracterizar o perfil do utilizador de boleias entre Porto e Lisboa e as suas motivações. Já através dos retratos sociológicos procurámos perceber, de entre os contextos onde o indivíduo se moveu ao longo da sua trajetória, como é que emergiram disposições para a prática de partilha de boleias.

Desta forma, neste capítulo procedemos à caracterização sociodemográfica da amostra e à análise e discussão dos resultados obtidos através do inquérito por questionário e dos quatro retratos sociológicos elaborados.

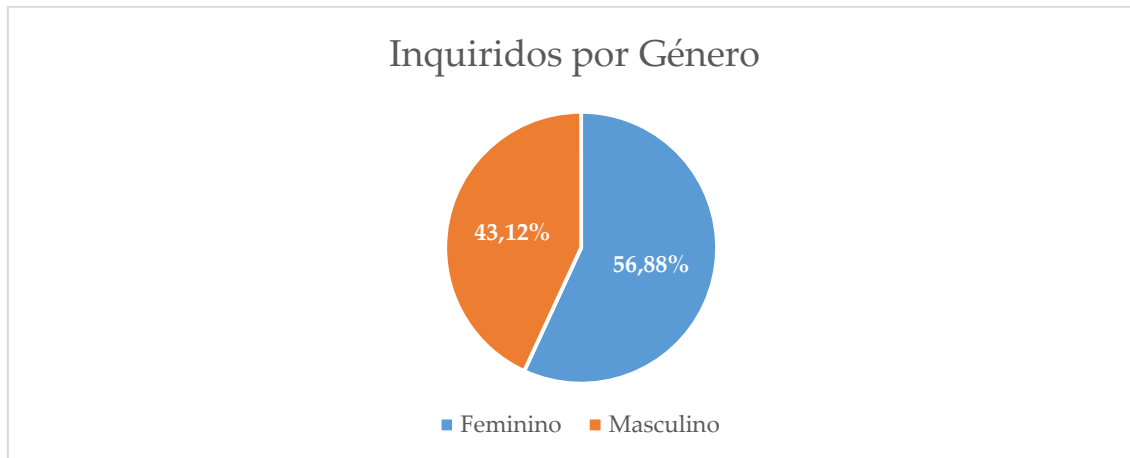
# 1. Resultados do inquérito por questionário

## 1.1. Análise dos dados recolhidos

Tal como mencionámos anteriormente, a amostra deste inquérito por questionário é heterogénea e dela fazem parte, sobretudo, um conjunto elevado de membros da grupo de *Facebook* que são utilizadores de boleias (200) face a condutores de boleia (161). Vamos, então, nas próximas páginas, conhecer os frequentadores de boleias do grupo de *Facebook* "Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!".

### 1.1.1. Caracterização Sociodemográfica dos Inquiridos

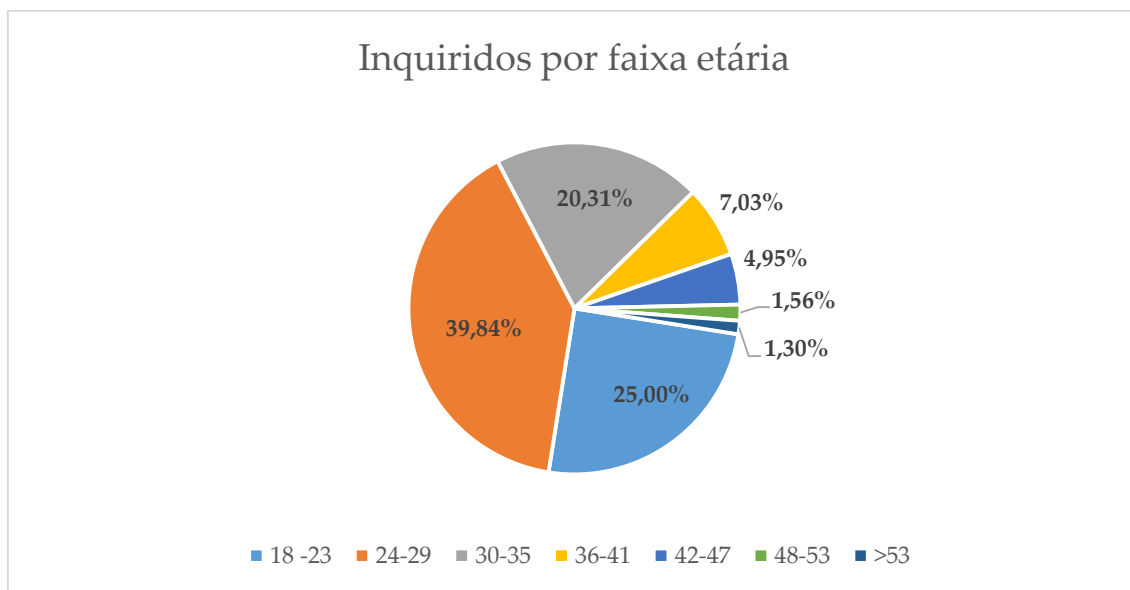
A amostra total é composta por 385 inquiridos, dos quais 219 são do sexo feminino, representando 56,88% da amostra total, e 166 do sexo masculino, definindo 43,12% da amostra total (figura 1).



**Figura 1:** Distribuição da amostra total por Género

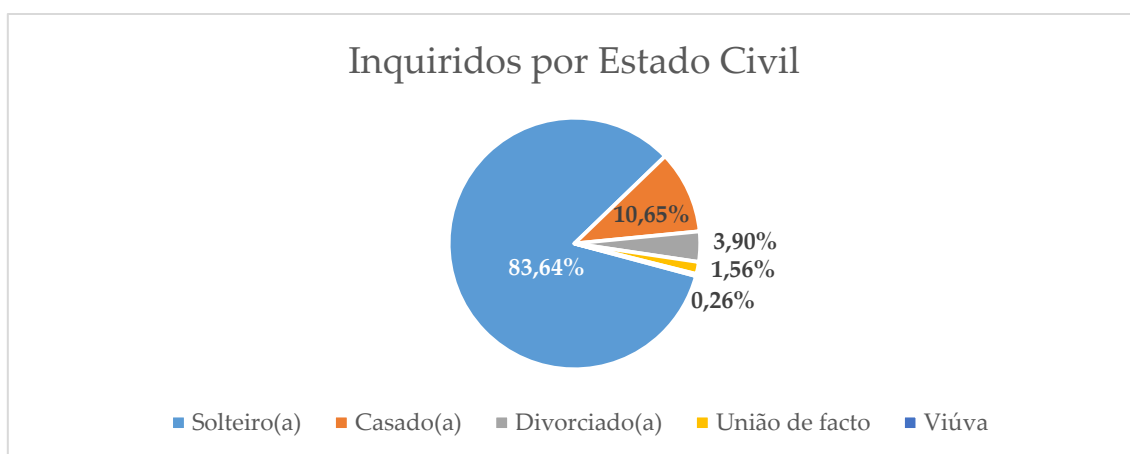
Caraterizando os inquiridos por faixa etária, verifica-se que a maioria da amostra se concentra nas faixas etárias dos 24 aos 29 (correspondendo a 39,84% da amostra), seguido de 18 aos 23 anos (representando 25,00% da amostra) e 30 aos 35 anos (correspondendo a 20,31% da amostra). À medida que vamos analisando intervalos da escala em que as faixas etárias são superiores, constata-

se uma diminuição do número de inquiridos (figura 2). No inquérito por questionário realizado, pedimos aos inquiridos para identificarem a sua idade e não para seleccionar o intervalo de idades a que pertencem. Contudo, apresentámos as idades em intervalos para facilitar a leitura da informação, dada a grande amplitude de idades dos inquiridos. Note-se que não considerámos uma resposta, visto que o inquirido indicou a sua localização e não a sua idade.



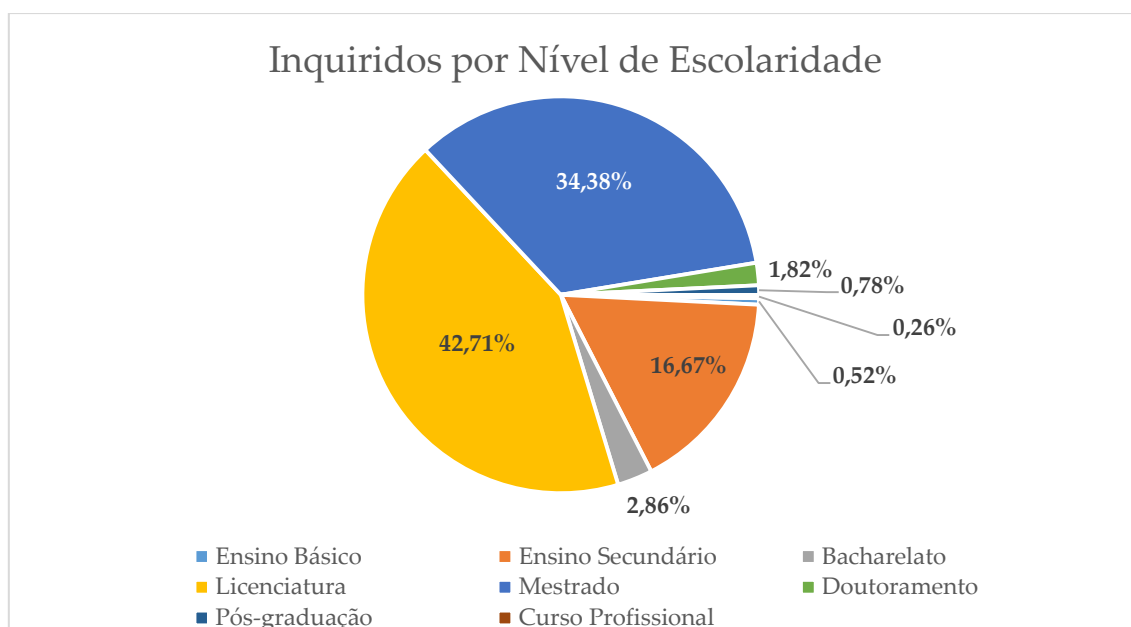
**Figura 2:** Distribuição da amostra total por Faixa Etária

A amostra é constituída por 322 inquiridos solteiros, correspondentes a 83,64% da amostra total. Esta engloba ainda 10,65% indivíduos casados, 3,90% divorciados, 1,56% em união de facto e 1 viúva (0,26% dos inquiridos) (figura 3).



**Figura 3:** Distribuição da amostra total por Estado Civil

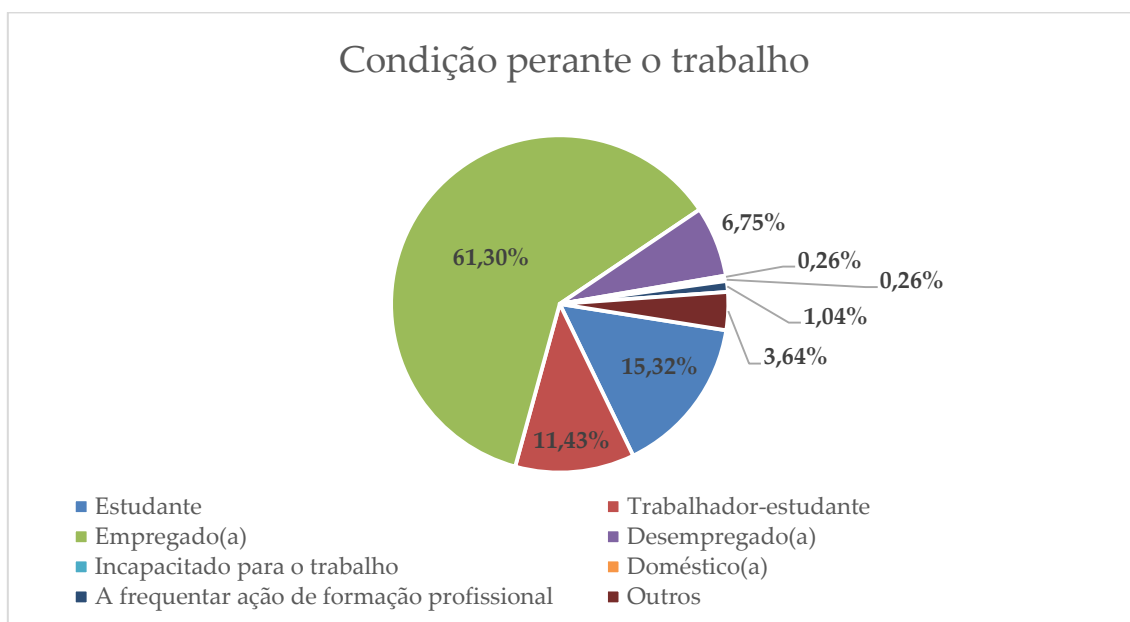
Relativamente ao Nível de Escolaridade, este estudo compreendeu as respostas de 317 indivíduos que apresentam formação superior (correspondente a 82,34% da amostra total), sendo que 2,86% dos inquiridos têm o grau de bacharelato, 42,71% dos inquiridos têm um grau académico de licenciado, 34,38% têm o grau de mestre, 0,78% são pós-graduados e 1,82% têm o grau de doutoramento. 64 indivíduos inquiridos, que representam 16,67% da amostra total, completaram a sua formação até ao ensino secundário (figura 4). Assim, verifica-se que uma larga maioria das pessoas que responderam a este inquérito por questionário possuem formação superior.



**Figura 4:** Distribuição da amostra total por Nível de Escolaridade

No que toca à condição perante o trabalho, constata-se que 236 inquiridos (61,30% da amostra total) estão empregados, seguidos de 59 estudantes (15,32% da amostra total) e 44 inquiridos que são trabalhadores-estudantes (11,43% da amostra total). De salientar que nenhum dos inquiridos é reformado, e que apenas 1 dos inquiridos é incapacitado para trabalho e existe ainda outra pessoa que se dedica exclusivamente às tarefas domésticas. Para além das opções propostas, 10 inquiridos identificaram a sua condição perante o trabalho como sendo trabalhadores independentes e os restantes apresentam a seguinte

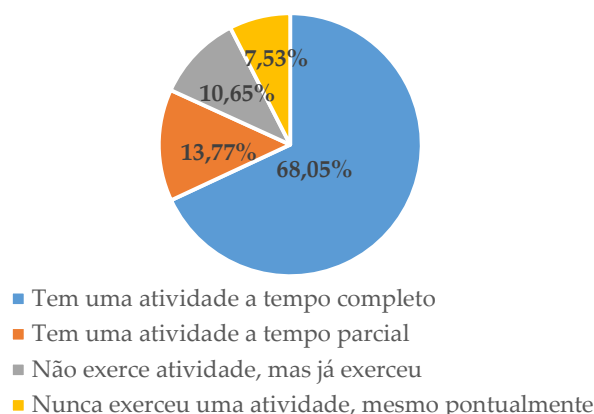
condição perante o trabalho: bolseiro; estágio curricular; ativo e a trabalhar sem vínculo, em empresa familiar (figura 5). Deste modo, a grande maioria dos inquiridos ou se encontram a trabalhar ou se encontram a estudar.



**Figura 5:** Distribuição da amostra total por condição perante o trabalho

Por fim, 262 inquiridos têm uma atividade a tempo completo (correspondendo a 68,05%), 53 inquiridos apresentam uma atividade a tempo parcial (correspondendo a 13,77%), 41 inquiridos não exercem atividade, mas já exerceram (correspondendo a 10,65%) e 29 inquiridos nunca exerceram uma atividade, mesmo pontualmente (correspondendo a 7,53%). Estes resultados encontram-se alinhados com os resultados da condição perante o trabalho, uma vez que a grande maioria dos inquiridos está empregado (61,30%) e a larga maioria dos inquiridos tem uma atividade a tempo completo.

### Inquiridos por condição perante atividade económica



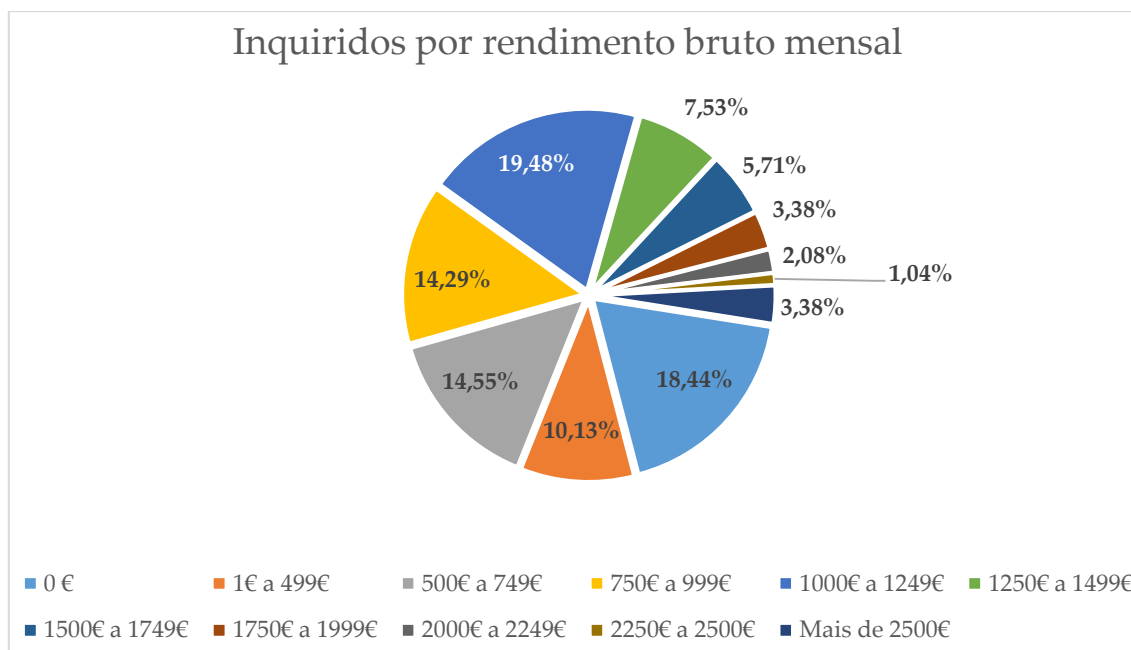
**Figura 6:** Distribuição da amostra total por condição perante atividade económica

A profissão mais comum da amostra da presente investigação corresponde a estudantes (15,06%), seguida de militares (5,45%), consultores (4,94%), gestores (3,64%) e professores (3,38%) (tabela 4, apêndice II). Note-se que, ao contrário do que acontecia nas variáveis anteriores, aqui verifica-se uma dispersão maior nas respostas.

Em termos de rendimento bruto mensal, 19,48% da amostra tem um rendimento entre 1000€ e 1249€, seguido de 14,55% apresentam um nível de rendimento entre 500€ e 749€ e 14,29% tem um nível de rendimento entre 750€ e 999€. A amostra do estudo é composta, ainda, por 71 indivíduos que não apresentam nenhum tipo de rendimento bruto mensal (correspondendo a 18,44% da amostra total) e por 39 indivíduos que auferem um rendimento até 500€ brutos mensais (correspondendo a 10,13% da amostra total). De salientar que os resultados desta questão encontram-se alinhados com os resultados apresentados na condição perante o trabalho, uma vez que existe uma percentagem elevada de estudantes na amostra (15,32%). Note-se ainda que alguns inquiridos estão a considerar como rendimentos não apenas os proveitos auferidos através do trabalho, mas também os rendimentos provenientes de outras fontes, como por exemplo transferências intrafamiliares. Por fim, existem



menos inquiridos nos quatro intervalos com rendimentos mais elevados comparativamente com os restantes, salientando-se o intervalo de rendimento ente 2250€ e 2500€ como sendo o que apresenta uma menor taxa de inquiridos pertencentes ao mesmo com 1,04% da amostra total (figura 6).



**Figura 7:** Distribuição da amostra total por Rendimento Bruto Mensal

De salientar ainda que 161 dos inquiridos já tiveram uma experiência enquanto condutores na partilha de boleias, 200 inquiridos já utilizaram o serviço de boleias enquanto passageiros e 146 inquiridos ainda não utilizaram boleias, apesar de serem membros do grupo do *Facebook* "Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!".

## 1.1.2. Análise das Respostas

### 1.1.2.1. Preferências sobre meios de transporte

Na primeira parte do inquérito por questionário, como vimos anteriormente, apresentámos questões mais genéricas relacionadas com a utilização das redes sociais e a mobilidade do dia-a-dia dos inquiridos. No que toca às redes sociais,

o *Facebook* é a rede social mais utilizada (80,26% da amostra total), rede onde se insere o grupo "Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!". Segue-se a utilização do *Instagram* por 17,66% dos inquiridos (figura 11, apêndice II).

Relativamente ao conhecimento deste grupo de boleias, note-se que 165 dos inquiridos conheceram o grupo do *Facebook* "Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!" através dos amigos (correspondendo a 43,31%) e 39,37% através do *Facebook* (figura 12, apêndice II). Note-se que dentro da categoria "Outros" enquadram-se duas respostas que relacionam o conhecimento deste grupo com divulgação da mesma noutras plataformas para o mesmo fim, como o *Blablacar*.

Quanto ao principal meio de transporte utilizado pelos inquiridos no dia-a-dia, a viatura própria é o meio de transporte mais utilizado por 222 inquiridos (correspondendo a 57,66% da amostra) e 108 inquiridos da amostra utilizam os transportes públicos (autocarro, comboio, metro, etc.) como principal meio de transporte (figura 13, apêndice II). Há que salientar que dentro da categoria "Outros" encontram-se 11 inquiridos que referem que andam a pé e apenas 1 inquirido tem como principal meio de transporte uma viatura de *carpooling*. Note-se ainda que cerca de 78,18% da amostra (301 inquiridos) indicaram ter viatura própria (figura 14, apêndice II).

No que toca aos principais motivos para a utilização dos principais meios de transporte indicados, a redução do tempo em deslocações surge em primeiro lugar, sendo mencionada por 185 inquiridos. Já 161 inquiridos indicaram a poupança de dinheiro como um dos seus principais motivos e 157 inquiridos referiram a possibilidade de escolha da hora e do destino como a principal razão para a utilização dos principais meios de transporte. Destacam-se ainda como os principais motivos seleccionados: o conforto; o facto de ser amigo do ambiente; a possibilidade de interagir com pessoas; a privacidade; e a segurança. Para além das opções propostas, 3 inquiridos referiram que não têm carta de condução e que por isso é que utilizam esse meio de transporte e 2 inquiridos não têm viatura

própria. Note-se que estas respostas poderão sinalizar que caso os inquiridos tivessem carro, o usariam em detrimento de outros meios de transporte.

#### 1.1.2.2. Experiência de boleias, enquanto condutores

Como vimos anteriormente, 161 inquiridos que utilizam este grupo do *Facebook* “Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!” são condutores de viaturas próprias, dos quais 87 utilizam ocasionalmente e 224 referem que não utilizam as boleias (figura 15, apêndice II).

No inquérito por questionário, 117 inquiridos (72,67% dos participantes que utilizam boleias enquanto condutores) procuram informação sobre as pessoas que os vão acompanhar durante a viagem (figura 16, apêndice II).

No que toca ao motivo para os inquiridos partilharem boleia, enquanto condutores, a poupança de dinheiro e a rentabilização do espaço do carro são os aspetos mais mencionados (tabela 1). 48 inquiridos identificaram como um dos motivos para partilha de boleia o facto de conhecerem e/ou interagirem com pessoas novas e 37 mencionaram a solidariedade para com pessoas que precisam de reduzir custos para adotar estas práticas (tabela 1).

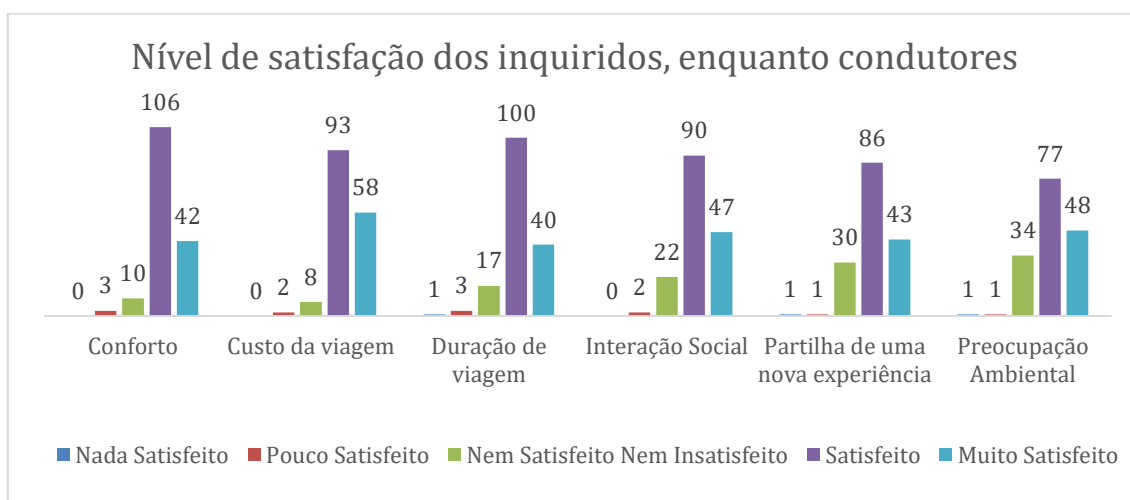
**Tabela 1:** Motivos para partilhar boleia enquanto condutor

<b>Motivos para utilizar este meio de transporte enquanto condutor</b>	<b>Número de respostas</b>
Permite poupar dinheiro	144
Rentabilização do espaço do carro	54
Permite conhecer e/ou interagir com pessoas	48
Solidariedade para com as pessoas que precisam de reduzir custos	37
Partilha de uma nova experiência	20
Reduz o tempo despendido em deslocações	20
É confortável	15
Preocupação Ambiental	12
Ter companhia na viagem atenua o cansaço	1

Relativamente às situações em que os inquiridos partilham boleia, 61 inquiridos indicaram que adotam esta prática em viagens pessoais/familiares de

média/longa duração, 58 inquiridos referiram que utilizam boleias para saídas de fim-de-semana ou de lazer e 46 inquiridos utilizam para deslocações casa trabalho/ estabelecimento de ensino.

No que toca ao nível de satisfação com conforto, custo da viagem, interação social, partilha de uma nova experiência e preocupação ambiental, o item com maior nível de satisfação correspondeu ao custo da viagem, com 58 inquiridos a revelaram-se muito satisfeitos com o mesmo. Já a preocupação ambiental foi o item com maior número de pessoas que não se encontram satisfeitas nem insatisfeitas com o mesmo. De uma forma geral, os inquiridos mostraram-se satisfeitos com os itens mencionados, sendo que o número de inquiridos que se revelam pouco satisfeitos ou nada satisfeitos é muito residual.



**Figura 8:** Número de inquiridos por nível de satisfação, enquanto condutores, com conforto, custo da viagem, duração da viagem, interação social, partilha de uma nova experiência e preocupação ambiental

Em termos de distâncias nos quais os inquiridos partilham boleia, enquanto condutores, 137 indicam que o utilizam para distâncias entre 250km e 500 km, intervalo de distâncias no qual se enquadra o número de quilómetros (km) correspondente a uma viagem entre Porto e Lisboa (figura 15, apêndice II).

Quanto aos principais motivos que fazem com que os inquiridos não dêem boleias enquanto condutores, destaca-se o facto dos inquiridos não terem viatura

própria com 66 respostas. Note-se que apesar de “Permite conhecer e/ou interagir com pessoas” ter sido indicado como um dos principais motivos para a utilização de partilha de boleias, pelos inquiridos que usam o serviço enquanto condutores, a insegurança por partilharem boleias com pessoas que não conhecem (indicada por 54 inquiridos) e o facto de não lhes agradar a ideia de partilharem o carro com pessoas que não conhecem ou que não lhes são próximas (indicado por 47 inquiridos), pertencem às 4 principais razões apresentadas para a decisão de não partilharem boleias (tabela 6, apêndice II). Os inquiridos, para além das opções propostas, referiram como motivos para não darem boleia, a falta de espaço (“A minha viatura só tem 2 lugares”), a falta de resposta de disponibilidade de outros membros do grupo, a necessidade ou não de ter carro no local de destino (“No destino não precisava do automóvel...”), a utilização de boleias (“Eu procuro boleia para não ter de levar o meu carro”), entre outros motivos (tabela 6, apêndice II).

#### 1.1.2.3. Experiência de boleias, enquanto passageiros de boleias

Como vimos anteriormente, 200 inquiridos utilizam este grupo do *Facebook* “Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!” enquanto passageiros de boleias, dos quais 103 utilizam ocasionalmente (figura 19, apêndice II).

Assim, tal como os condutores procuram informação sobre as pessoas que os vão acompanhar, também 121 dos 200 inquiridos que utilizam boleias (60,50%) procuram informação sobre as pessoas com quem vão realizar a viagem (figura 20).

No que toca aos principais motivos para os inquiridos irem de boleia, tal como nos condutores que dão boleia, a poupança de dinheiro apresenta-se como principal motivo, com 174 respostas. 99 inquiridos apontam a redução de tempo despendido em deslocações e 42 inquiridos mencionam o facto de ser confortável como principais motivos para utilizarem as boleias de outras pessoas. Para além

das opções propostas, os inquiridos referiram como motivação o facto de ser económico, permitir uma maior flexibilidade de horário, entre outros (tabela 2).

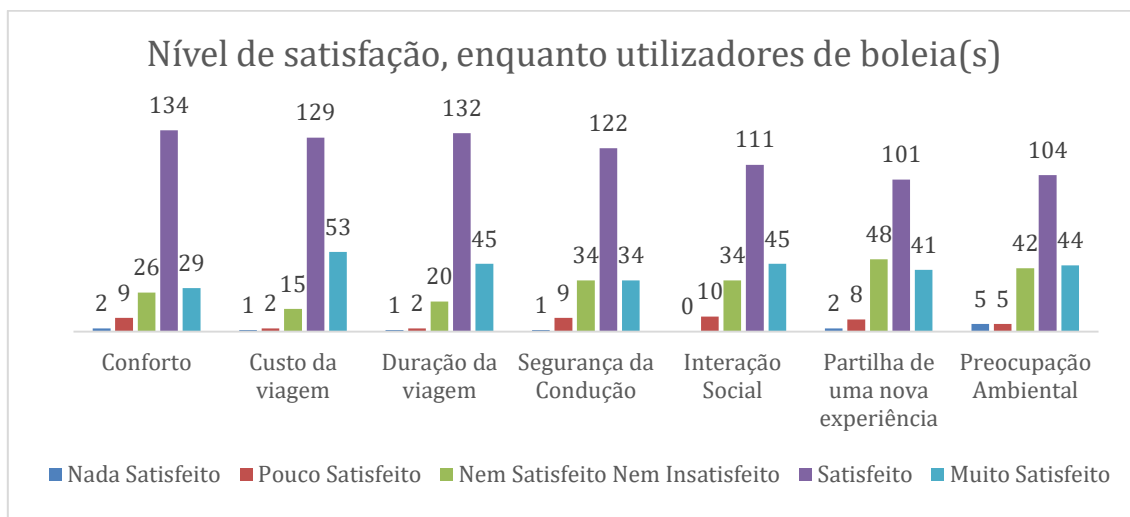
**Tabela 2:** Motivos para utilizar boleias de outras pessoas

<b>Motivos para utilizar boleias de outras pessoas</b>	<b>Número de respostas</b>
Permite poupar dinheiro	174
Reduz o tempo despendido em deslocações	99
É confortável	42
Permite conhecer e/ou interagir com pessoas	40
Partilha de uma nova experiência	16
Preocupação Ambiental	15
É económico	1
Flexibilidade de horário	1
Sente-se mais seguro(a) a ser conduzido(a) do que a conduzir	1
Impossibilidade de apanhar intercitys por ausência de CC	1
Porque não tenho outra possibilidade	1

Relativamente às situações em que os inquiridos partilham boleia, 83 inquiridos indicaram que adotam esta prática para saídas de fim-de-semana ou de lazer, 68 utilizam em viagens pessoais/familiares de média/longa duração, 48 utilizam para deslocações casa trabalho/ estabelecimento de ensino. Como vimos anteriormente, estas também foram as duas situações mais mencionadas pelos condutores de boleias, mas pela ordem inversa. Para além dos motivos apresentados para a escolha, os inquiridos acrescentaram como motivo a vontade de “Gozar as folgas na cidade natal”, a “Falta de bilhetes promocionais da CP”, entre outros (figura 21).

Relativamente ao nível de satisfação com conforto, custo da viagem, duração da viagem, segurança da condução, interação social, partilha de uma nova experiência e preocupação ambiental, o item com maior nível de satisfação correspondeu ao custo da viagem, tal como nos condutores de boleias, com 53 inquiridos a revelaram-se muito satisfeitos com o mesmo. Já a interação social foi o item com mais inquiridos pouco satisfeitos (10 respostas), seguido de segurança da condução e conforto com 9 respostas cada, bem como a partilha de uma nova

experiência, com 8 respostas. Note-se ainda que 38 inquiridos nem se revelam satisfeitos nem insatisfeitos quanto à partilha de uma nova experiência e 42 assumem as mesmas posições perante a preocupação ambiental. De uma forma geral, os inquiridos mostraram-se satisfeitos com os itens mencionados, sendo que o número de inquiridos que se revelam pouco satisfeitos ou nada satisfeitos com os itens apresentados é muito residual.

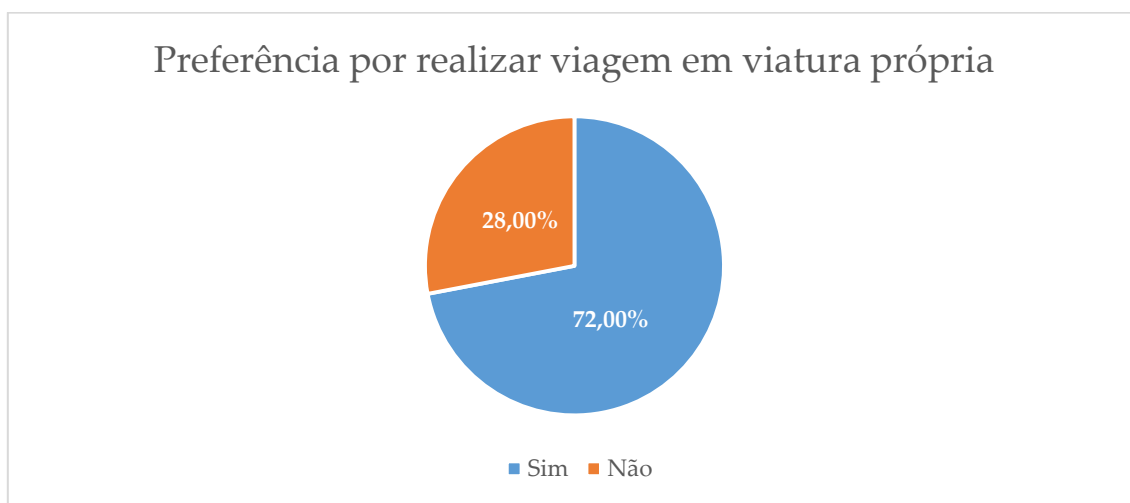


**Figura 9:** Número de inquiridos por nível de satisfação, enquanto utilizadores de boleias, com conforto, custo da viagem, duração da viagem, interação social, partilha de uma nova experiência e preocupação ambiental

Em termos de distâncias nas quais este serviço é usado pelos inquiridos, enquanto utilizadores de boleias, o maior número de respostas (176) está localizado no intervalo 250 a 500 km, no qual se enquadra a distância entre Porto e Lisboa (figura 22, apêndice II), segue-se depois o intervalo de 100 a 249 km, com 22 respostas, e mais de 500 km, com 14 respostas. Desta forma, há um maior número de utilizadores de boleias que utiliza as boleias para distâncias mais longas.

Os inquiridos foram confrontados com seguinte questão: “Se tivesse oportunidade de realizar as viagens com a sua viatura própria, em alternativa à utilização do serviço de boleia de outras pessoas, fá-lo-ia?”. Nesta questão 144 dos 200 inquiridos, isto é, 72,00% da amostra indicaram que se tivessem a

possibilidade de usar a sua viatura própria fá-lo-iam, em detrimento da partilha de boleias (figura 10).



**Figura 10:** Distribuição de inquiridos que têm preferência por realizar viagem na sua viatura própria

Quanto aos principais motivos que fazem com que os inquiridos não utilizem boleias, destaca-se o “sentimento de insegurança quando é conduzido(a) por pessoas que não conhece” com 53 respostas, seguido de “gostar de ter autonomia de decisão para escolher para onde e quando quer ir” com 49 respostas (tabela 7, apêndice II). “Embora já tenha ouvido falar, nunca procurou informar-se de como funciona” foi um dos que teve mais respostas (47 no total), tal como no caso dos condutores que partilham boleias. É ainda importante referir que 45 inquiridos responderam que não utilizam as boleias porque têm veículo próprio, estando em consonância com a elevada taxa de resposta dos inquiridos referentes à preferência de realização destas viagens em viatura própria, em detrimento das boleias, analisada no parágrafo anterior. Para além das alternativas propostas, 4 inquiridos afirmaram que “Ainda não surgiu a oportunidade”, 1 referiu que “Partilho boleia com os amigos, mas sem ser através desse grupo”, 1 inquirido prefere avião, entre outros (tabela 7, apêndice II).



## 1.2. Discussão dos Resultados

No capítulo anterior, analisámos a estrutura do inquérito por questionário, sendo que duas das questões se debruçavam sobre as motivações inerentes a esta prática de consumo na perspectiva de utilizador de boleia e condutor. Da análise de ambas as questões, concluímos que a poupança de custos é o principal motivo para a adoção de boleias, estando alinhada com os motivos económicos defendidos por Vaquero e Calle (2013), Botsman e Rogers (2011) e Böcker e Meelen (2016) nos seus estudos. Adicionalmente, tal como Bardhi e Eckhardt (2012) concluíram no seu estudo sobre utilizadores da *Zipcar*, no caso da partilha de boleias entre Porto e Lisboa, 72% dos inquiridos que são utilizadores de boleias preferiam realizar a viagem no seu veículo próprio em detrimento de recorrer às boleias, reforçando que as motivações económicas são críticas para a utilização das boleias, assim como na utilização da *Zipcar*.

Note-se ainda que o facto dos participantes do inquérito por questionário terem viatura própria é a terceira razão mais indicada para as boleias não serem adotadas como meio de deslocação, com 45 respostas. Adicionalmente, os participantes mencionaram que gostam de ter autonomia de decisão para escolher para onde e quando querem ir, como segundo motivo com maior número de respostas para a não utilização de boleias, reforçando a importância de que um veículo próprio lhes possibilita em termos de liberdade de escolha da hora e local. Assim, apesar de Botsman e Rogers (2011) sustentarem que há uma menor associação entre a liberdade e a vontade de ter um veículo próprio, neste inquérito por questionário identificámos que a possibilidade de escolher uma hora e locais diferentes são valorizados pelos utilizadores de boleias.

Adicionalmente, o facto de as boleias permitirem conhecer e interagir com pessoas novas foi o terceiro motivo mais apontado para a partilha de boleia por condutores, com 48 respostas, e a quarta maior no caso dos utilizadores de boleias com 40 respostas, estando em linha com a importância que Vaquero e

Calle (2013) e Botsman e Rogers (2011) atribuem aos aspetos de interação social no seu estudo. Contudo, é importante referir que os participantes deste inquérito por questionário referiram que sentem insegurança ao partilhar o carro com pessoas que não conhecem ou que não lhes são próximas como o segundo motivo com maior número de respostas (54) para a não utilização de boleias. Já o terceiro motivo com maior número de respostas indicado para a não partilha de boleias consiste no facto de não agradar aos participantes a ideia de partilharem o carro com pessoas que não conhecem ou que não lhes são próximas, com 47 respostas. Estes dois motivos referidos reforçam o facto de que o desconhecimento das pessoas que partilham boleias é um fator inibidor desta prática de consumo.

Desta forma, a procura de informação sobre as pessoas que vão conduzir e sobre as pessoas que vão utilizar esta plataforma, assume também um papel relevante para que os membros do grupo do *Facebook* “Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!” utilizem boleias. Note-se que cerca de 72,67% dos inquiridos que são condutores procuram informação sobre as pessoas que os vão acompanhar durante a viagem e cerca de 60,50% dos inquiridos, que são utilizadores de boleias, procuram informação sobre os condutores. Com esta procura de informação, procurámos perceber o grau de confiança que os membros deste grupo têm entre si. Por outro lado, os utilizadores de boleias referem como principal motivo para não aderirem às boleias, a falta de confiança nas pessoas que não conhecem na condução das viaturas, com 53 respostas, reforçando a importância que a confiança assume no *carsharing*. Tal como Botsman e Rogers (2011) sustentam, o sucesso das novas formas de consumo colaborativo depende muito da confiança que é estabelecida entre estranhos, bem como Buczynski (2013) sustenta.

Já a solidariedade para com outras pessoas, defendida por Vaquero e Calle (2013), não teve muita expressão nos resultados deste inquérito por questionário, onde apenas 37 inquiridos indicaram essa motivação, em 351 respostas à questão

“Quais são os principais motivos que o fizeram partilhar boleias) na sua viatura própria? Assinale apenas os dois que considera mais importantes.”.

Relativamente às evidências da predominância dos valores pós-materialistas face a valores materialistas que Inglehart (1997) identificou na sociedade dos finais do século XX, verificamos que os dados recolhidos neste estudo, no que concerne à aplicação do inquérito por questionário nos permitem aferir, entre os utilizadores de boleias do grupo em questão prevalecem os valores materialistas em detrimento dos valores pós-materialistas. Efetivamente, verifica-se uma maior predominância dos valores materialistas, pois as principais motivações indicadas para utilizar boleias se prendem com a poupança de dinheiro, rentabilização do espaço do carro, a redução do tempo das deslocações e com o facto de ser uma opção confortável. Já a solidariedade para com outras pessoas e a preocupação ambiental, relacionadas com valores pós-materialistas, apresentam uma menor representatividade nas respostas dadas.

Em última análise, o fator económico de poupança de custos surge como principal motivo para a utilização e partilha de boleias, independentemente dos critérios demográficos considerados, estando alinhado com o que Vaquero e Calle (2013), Botsman e Rogers (2011) e Böcker e Meelen (2016) defendem nos seus estudos. Por outro lado, a menor dissociação que Botsman e Rogers (2011) sustentam existir entre a liberdade e a vontade de os utilizadores terem o seu veículo próprio é contrária aos resultados obtidos neste estudo, pois alguns utilizadores de boleias afirmam preferir gostar de escolher a hora e locais para onde querem ir. Adicionalmente, tal como Bardhi e Eckhardt (2012) concluíram no seu estudo sobre utilizadores da *Zipcar*, no caso da partilha de boleias entre Porto e Lisboa, a maioria dos utilizadores de boleias preferiam realizar a viagem no seu veículo próprio em detrimento de recorrer às boleias. Já o aspeto da interação social, também é valorizado pelos inquiridos, indo de encontro ao

defendido por Vaquero e Calle (2013) e Botsman e Rogers (2011) nos seus estudos. Destaca-se também a importância da confiança, referida por Botsman e Rogers (2011) e Buczynski (2013) como fator crítico para práticas de consumo colaborativo, como também se evidencia no presente estudo. Por fim, a solidariedade que surge nos estudos de Vaquero e Calle (2013) é muito residual nos resultados obtidos neste inquérito por questionário.

## 2. Retratos Sociológicos

### 2.1. Caracterização Sociodemográfica do conjunto de entrevistados

Como foi referido anteriormente, o conjunto de entrevistados apresenta características heterogéneas. Na tabela que se segue, apresentamos a caracterização sociodemográfica dos entrevistados:

**Tabela 3:** Caraterização Sociodemográfica dos entrevistados

<b>Entrevistado</b>	<b>Mónica Marques</b>	<b>José Teodoro</b>	<b>Rute Rodrigues</b>	<b>Joaquim Santos</b>
<b>Género</b>	F	M	F	M
<b>Idade</b>	50	27	20	25
<b>Estado Civil</b>	Divorciada	Solteiro	Solteira	Solteiro
<b>Nível de Escolaridade</b>	Doutoramento	Ensino Secundário	Ensino Secundário	Mestrado
<b>Condição perante o trabalho</b>	Empregada	Empregado	Estudante	Empregado
<b>Intervalo de Rendimento Bruto Mensal</b>	1000 a 1249€	750€ a 999€	0€	1250€ a 1499€
<b>Profissão</b>	Professora	Militar	Estudante	Gestor
<b>Condição perante a atividade económica</b>	Tem uma atividade a tempo completo	Tem uma atividade a tempo completo	Não exerce atividade, mas já exerceu	Tem uma atividade a tempo completo

### 2.1.1. Retrato Sociológico – Mónica Marques

Da irreverência na procura de novas experiências à ousadia de quebrar as normas sociais pré-estabelecidas: o retrato sociológico de Mónica Marques

Mónica Marques tem 50 anos, e encontra-se a fazer um pós-doutoramento em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Filha de pais transmontanos, o seu núcleo familiar de origem é muito numeroso, tendo a Mónica nove irmãos, três dos quais já faleceram. É divorciada, tendo uma filha fruto do seu casamento, com 22 anos. Neste momento a Mónica tem um namorado. Ao longo do seu percurso escolar, teve a oportunidade de estudar diferentes ramos na área da Educação, desde Educação Infantil a Ciências da Educação, passando também por Educação Especial. Aliado a esta vontade de aprender, trabalhou durante 25 anos no Instituto Piaget, enquanto docente e investigadora. Há 3 anos, devido à crise financeira, viu-se numa situação de desemprego e, sem medo, procurou um novo trabalho. Pela primeira vez, Mónica exerceu o curso de Educadora de Infância, uma vez que lhe pareceu ser a opção mais rápida e fácil para encontrar um novo emprego.

No que toca às boleias, Mónica utilizou boleia pela primeira vez entre Porto e Valpaços, quando tinha apenas 18 anos, com as suas 3 irmãs mais velhas. Em 2010, voltou a recorrer às boleias, mas agora através do grupo de *Facebook* “Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!”, para se deslocar a um Congresso em Lisboa. A partir daí nunca mais parou de utilizar boleias para se deslocar em grandes distâncias. Acredita que estas têm inúmeras vantagens em termos de sociabilidade entre os utilizadores, para além dos benefícios económicos. A par desta partilha de boleias, defende que a sociedade devia adotar a partilha

**noutros setores da economia, porque acredita que tem benefícios para todos os envolvidos.**

Mónica Marques tem 50 anos, nasceu em Valpaços, e aí viveu até que, aos 16 anos, iniciou o 11.º ano do curso de Jornalismo, o que a conduziu até Lisboa. O seu percurso é marcado por uma vontade e constante aquisição de novos conhecimentos e procura de novas experiências, fora da sua aldeia. Os seus pais tinham uma mercearia em Valpaços e eram também agricultores. Em termos de escolaridade, não completaram o 4.º ano. Atualmente, o seu pai já não é vivo e a sua mãe encontra-se numa situação de saúde débil. Os seus avós, também já não são vivos, mas recorda-se que o seu avô materno era guarda-fiscal e a sua avó materna era doméstica. Dos avós paternos, recorda-se de que ambos eram agricultores, tal como os seus pais.

No que toca aos irmãos, Mónica tem 6 irmãos atualmente vivos, sendo que estes têm profissões muito diferentes, desde pintora, médica, auxiliares médicas, empregada de escritório e empresário. Apesar de terem uma educação rígida, todos os seus irmãos tiveram oportunidade de estudar e sair de Valpaços. A única vontade dos seus pais era que os seus filhos não emigrassem, tal como aconteceu com muitas pessoas que os pais haviam ajudado a emigrar. O seu pai tinha feito contrabando de isqueiros, bacalhau e outros bens alimentares e por isso conhecia os meandros da emigração “a salto” (ilegal). Ora, os passadores confiavam no seu pai, pois sabiam que ele lhes daria o resto do dinheiro (“cortavam as notas a meio e só davam meias notas aos passadores, depois de as pessoas estarem em território seguro o meu pai restituía a metade das notas, que eles colavam com fita cola”). Para além disso, como o seu pai era comerciante, tinha liquidez para emprestar dinheiro a algumas pessoas. Conhecendo tão bem o esquema de emigração, ambicionaram sempre que os seus filhos procurassem novas oportunidades fora da sua aldeia, mas em Portugal:

“Tivemos uma educação muito rígida, mas todos fomos estudar. Se as pessoas não aproveitaram as oportunidades, foi porque não quiseram. (...) A perspetiva nessa altura da aldeia era emigrar... Os meus pais ajudaram muita gente a emigrar, mas nunca o fizeram, nem quiseram que nós o fizéssemos (...) há aqui uma influência dos meus pais para que encontrássemos o melhor para nós e que não fosse ficar na agricultura nem ficar na aldeia. Procurar outras vias de vida...”

Mónica fez a escola primária numa aldeia, em Trás-os-Montes. Depois, fez o 5.º e 6.º anos através da telescola, isto é, ensino via televisão. O 7.º, 8.º e 9.º anos foram feitos numa vila próxima, em Valpaços, e, por fim, o 10.º ano foi feito numa escola em Chaves. No 11.º e 12.º anos, já sabia que queria seguir Jornalismo e decidiu ir estudar para Lisboa, com o objetivo de terminar o ensino secundário nessa área. A adaptação à nova cidade foi muito fácil, apesar de ter vivido em condições precárias:

“Depois... achei que a minha vida seria melhor se fosse para Lisboa (...) portanto, fui frequentar o 11.º e 12.º já via Jornalismo. Ir para Lisboa era uma espécie de 'sonho americano' e como tal, tudo me deslumbrava. ... foi um processo fácil. Marcou-me o facto de, sem dar conta, um dia estar a viver num bairro de lata, junto ao hospital Santa Maria... tinha que alugar um quarto baratinho e foi a oportunidade que surgiu... Lembro-me, também de viver num quarto de má frequência e de pagar em função dos banhos que tomava... E de ter um namorado que trabalhava num restaurante e que de vez em quando, sem o patrão dar conta, me deixava comer sem pagar!”

Apesar da sua preferência pelo Jornalismo, Mónica não estava certa que essa era a área que gostava de seguir, mostrando-se sempre interessada em conhecer mais sobre outras áreas. Deste modo, acabou por não continuar os seus estudos em Jornalismo:

“Eu queria ser muita coisa, ainda não sei muito bem o que quero ser! Na altura achava que queria Jornalismo! Sempre tive fascínio por conhecer, esse é um dos traços da minha personalidade, fascínio por conhecer descobrir coisas novas, claro que depois não segui Jornalismo, não é?”



Quando decidiu ingressar no ensino superior, encontrava-se a trabalhar numa confeitaria, dada a indisponibilidade financeira dos seus pais para a ajudarem. Desta forma, teve de pedir autorização ao seu chefe para poder estudar e trabalhar ao mesmo tempo. A sua vontade em adquirir novos conhecimentos fez com que se tenha candidatado ao curso de Educadora de Infância, em Lisboa:

“Surgiu uma oportunidade, na altura trabalhava numa confeitaria, trabalhava em muitas coisas, e surgiu uma hipótese... “Se queres continuar a estudar, porque é que não vais falar com o diretor, que pode ser que ele te arranje uma maneira de tu trabalhares e estudares sem gastar dinheiro?” E eu timidamente ou não, fui falar com o diretor e ele disse “Ok, comesas a estudar então, e trabalhas ao mesmo tempo” então fiz o curso de Educadora de Infância (...) nunca me passou pela cabeça ser Educadora de Infância. E, portanto, o Jornalismo ficou sempre aqui adormecido, eu queria estudar, não queria saber o quê.”

Depois de terminado o curso de Educadora de Infância no Instituto Piaget, foi convidada para ficar a trabalhar no Instituto Piaget, onde foi docente e investigadora durante 25 anos. Afirmo nunca ter sido uma ótima aluna durante a licenciatura e acredita que foram a sua ousadia e irreverência que fizeram com que tivesse sido convidada para ser docente nesse instituto:

“Acabei o curso e fui convidada para ficar a trabalhar na Faculdade, não porque tivesse boas notas, tinha notas médias, mas porque era muito irreverente. E talvez por isso, não sei, por fazer coisas diferentes, ser ousada... Sempre fui muito ousada nos trabalhos que fazia (...)”

Enquanto trabalhava como docente investigadora, mais propriamente desde 1990, obteve um diploma de estudo especializado em Supervisão e outro em Administração Escolar. Em 1993, matriculou-se na licenciatura em Ciências da Educação, na Universidade do Porto. Durante a licenciatura teve de fazer uma paragem de um ano, porque engravidou. Passado este período de paragem continuou a estudar e trabalhar e concluiu a licenciatura, iniciando, posteriormente, o mestrado na mesma Faculdade e na mesma área. De seguida,

fez o doutoramento também em Ciências de Educação pela Universidade de Santiago de Compostela, uma vez que o Instituto Piaget tinha um protocolo com a Universidade de Santiago de Compostela, que lhe permitia ter uma bolsa de que a financiava em 50%. Para além deste doutoramento, tirou uma pós-graduação em Educação Especial e iniciou um pós-doutoramento em junho de 2012, em Ciências da Educação, que ainda se encontra a concluir. Mónica considera que os seus principais desafios na vida não surgiram por questões profissionais, mas sim relacionados com o seu percurso académico:

“Tive tantos desafios profissionais que não me recordo, mas para mim o grande desafio foi o meu percurso académico! Eu fiz o curso e continuei a estudar, nunca parei!”.

A crise financeira fez com que, em 2015, Mónica ficasse desempregada. Para conseguir viver bem financeiramente, decidiu exercer a função de Educadora de Infância, profissão que ainda exerce, atualmente, no Montijo:

“Entretanto, a minha vida deu assim uma volta de 180º (...) e a Faculdade onde eu trabalhava sofreu a crise económica e eu fiquei desempregada. Entretanto, o que me pareceu mais rápido em termos de sobrevivência foi candidatar-me àquilo que era mais provável eu entrar. Então, candidatei-me a Educadora de Infância e exerço esta profissão há 3 anos. Era o caminho mais viável que tinha para emprego imediato.”

Esta transição de profissão tardia evidencia a determinação e resiliência que Mónica demonstrou ao longo da sua vida e foi uma adaptação difícil, visto que teve de mudar a sua zona de residência, ainda não estabeleceu novas amizades e a profissão em si não corresponde totalmente ao que a Mónica gostaria de exercer neste momento. Apesar da sua formação de base ser Educadora de Infância, Mónica não se imaginava a exercer essa profissão e também agora não se sente motivada para fazê-lo. O que a motiva, atualmente, é poder pôr em prática

alguns conhecimentos que adquiriu ao longo da sua vida académica. Quando questionada se gostaria de voltar a ser professora, Mónica mostrou estar disposta a agarrar qualquer desafio profissional que lhe surja, seja voltar a ser professora, ou não:

“Custa, vou para esta nova profissão com os miúdos. Envolve-me muito naquilo que faço, independentemente de achar que não é, ainda, a minha praia! Mas envolvo-me muito, até porque faço questão de experimentar algumas teorias que durante anos passei ou tentei passar aos meus alunos. (...) Abraçarei qualquer oportunidade que me apareça!”

Atualmente, Mónica vive sozinha no Montijo, apesar de ter namorado e uma filha. A filha de Mónica é licenciada em Criminologia, pela Universidade do Porto e encontra-se a tirar um mestrado em Relações Internacionais na Universidade do Minho e já não se encontra a viver em casa da mãe.

Nos seus tempos livres, vai ao ginásio, embora com pouca frequência, preferindo estar no sofá a ver filmes, pintar, ler, ouvir música e conviver com os seus amigos. Contudo, desde há um ano que a Mónica está a lutar contra um cancro na mama e acredita que isso lhe afetou a visão, passando a ler com menos frequência. Com efeito, a doença teve algum impacto no seu estilo de vida, pois implicou que tivesse de reduzir as atividades que fazia, fez com que se sentisse menos ativa e mais cansada. Ainda assim, é notório que Mónica demonstra um interesse pelas artes e que é uma pessoa que valoriza os seus tempos livres, apresentando vários interesses culturais:

“Vou ao ginásio com pouca frequência, porque detesto fazer exercício físico. Gosto mais de estar quietinha no sofá e ver filmes, filmes, filmes, filmes e mais filmes! Gosto de ler! Não tenho lido muito, porque há um tempo, há um ano e pouco, tive um problema oncológico e perdi um bocadinho a visão, então agora retraio-me um bocado a ler, foi a partir daí! E, também, se encontrar um livro que gosto devoro-o num dia. Não durmo! (...) também gosto de música, estar com amigos, beber uns canecos!”

Durante a sua vida académica nunca fez parte de nenhuma associação, fazendo agora parte de um grupo de pessoas relacionadas com política e associações de pintores, sendo que a sua principal motivação para estar nesses grupos relaciona-se com a sua necessidade de conhecer novas pessoas:

“Sim, estou de um modo ligada a política, sim, sim! Não é uma associação, propriamente, mas é um grupo de pessoas ligadas à política. Associações, só de artistas de pintura, que eu também faço umas aventuras. E, portanto, pertenço a um grupo onde não tenho sido muito ativa nos últimos anos, pela questão da doença, que mudou muito a minha vida, mas faço parte.”

No que toca ao ativismo, Mónica já participou em várias manifestações. É uma pessoa com interesse político, e revela situar-se politicamente à esquerda, sendo militante do PCP, embora não seja filiada. A participação em manifestações evidencia a sua ousadia e irreverência, sendo que a manifestação que considera mais marcante foi a da despenalização do aborto:

“A mais marcante foi a primeira manifestação sobre a despenalização do aborto. (...) Eu estava ainda com a perspetiva de ir para Jornalismo, e portanto, fui com os colegas para a Assembleia da República manifestar-me, e acabei até por levar com um cassetete dum polícia!”

Num dia normal de trabalho, a Mónica chega sempre em cima do toque da campainha do jardim-de-infância, porque adora dormir. Almoça, normalmente, com uma colega na escola, trazendo marmita de casa, por motivos económicos. Quando sai do trabalho, está habitualmente sozinha, levando a cabo um conjunto de atividades para ocupar o seu tempo, desde passear, ir às compras, ver filmes, cozinhar, etc.:

“(...) chego sempre em cima da hora com o toque da campainha. Ainda estou a abrir o portão e já está a acabar de tocar. Depois, à hora de almoço vou almoçar com uma colega, normalmente levo uma marmita, porque também, por questões económicas, não me é possível ser de outra forma, não é? E depois volto para o jardim-de-infância. Quando saio normalmente estou sozinha ... Não tive tempo

para fazer grandes amigos ainda, nem há muitas possibilidades nestes sítios. Dou os meus passeios... Faço compras... Gasto o dinheiro que não tenho às vezes, para passar o tempo, para me sentir satisfeita! Acabo por ver um filme, dois filmes por dia. Computador... Gosto de cozinhar... Faço jantar para mim para o meu namorado que vai ter comigo..."

Mónica gosta de viajar, conhecer novos sítios. Mas, dado que vive entre Porto e Lisboa, ocupa grande parte do seu fim-de-semana em deslocações e a visitar familiares e amigos que vivem no Norte do país. Mónica confessa que, muitas vezes, até fica cansada dos fins-de-semana, por se dedicar a muitas pessoas, demonstrando vontade em estar na sua casa, no Porto, a arrumar as suas coisas:

"Pois, venho para cá e quando venho para o Porto, então, tenho que ir visitar a minha irmã para apoiar a minha irmã. Tenho que ir visitar a minha mãe para apoiar a minha mãe! Tenho que estar com a minha filha, e com o namorado (...) Depois, há sempre uma amiga ou outra que está sempre a reclamar, porque eu não apareço, fins-de-semana estou sempre com gente (...) às vezes fico cansada dos fins-de-semana. Até penso que, de vez em quando, nem venho para ter tempo para mim Eu gosto das pessoas, mas também gosto do meu espaço. E, depois, quero estar em casa. Na minha casa! Aqui [no Porto]! Porque a outra não é a minha casa!"

Já num dia no qual partilhe boleias, a Mónica fica sempre curiosa por saber quem a vai acompanhar durante a viagem, porque gosta de conhecer pessoas mais novas. Normalmente, publica no grupo do *Facebook* "Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!!" a disponibilidade para levar pessoas, com o custo de 15 euros, tentando acordar um ponto de encontro para ir buscar as pessoas e deixá-las também num único local:

"Neste caso coloco lá 15 euros e vou buscar as pessoas. Tento concentrar as pessoas num sítio (...) e deixá-las também num sítio. Eu adoro partilhar boleias, porque assim conheço gente! E, portanto, para mim, partilhar boleias é ótimo! Já estou aqui cheia de expectativas quem é que vai comigo amanhã! Publiquei hoje! Para mim é muito bom, é uma forma de conhecer gente diferente! Gente mais nova que eu. Gosto de conhecer gente mais nova que eu, as pessoas da minha idade às vezes são chatas e têm formas de pensar bolorentas! Não digo que sejam todas, mas gosto muito de conhecer assim gente nova, sinto-me nova também!"

A sua experiência de partilha de boleias enquanto condutora é recente e coincide com a mudança de carro, pois o anterior não lhe permitia oferecer boleias:

“(…) mudei de carro há pouco tempo e este carro permite-me trazer! O que tinha era assim velhinho, não andava muito e era desportivo! Este aqui permite-me oferecer boleia, então esta experiência de ser eu a trazer pessoas não é uma experiência longa... Digamos que é recente. Vinha muito mais com outras pessoas.”

Mónica apanhou a sua primeira boleia, na estrada, com as suas irmãs de Valpaços para o Porto, quando tinha entre 18 ou 19 anos.

“Eu comecei a andar à boleia muito cedo (...) quando tinha 18/19 anos, fazia boleias Porto/Valpaços, éramos um grupo de quatro, nós somos cinco irmãs aliás, e portanto, quatro delas íamos e fazíamos boleia, mesmo assim com o dedo, não é assim destas boleias partilhadas.”

Portanto, as disposições para a prática da boleia surgem cedo na sua vida, na juventude, e as boleias são uma prática que efetivava com as irmãs. As disposições para a boleia *adormeceram* devido a um constrangimento material: o carro que Mónica detinha não possuía características que lhe permitissem dar boleia. Porém, a aquisição de uma nova viatura, com outras características, reativou essas disposições. Na sua família tem também um sobrinho que recorre a estas boleias. Porém, a Mónica nunca partilhou nenhuma boleia com um familiar. Vai sempre com pessoas que não conhece, ou com amigos. E foi uma amiga que lhe recomendou a adesão ao grupo do *Facebook* “Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!”, em 2010, quando tinha de se deslocar para ir a um Congresso em Lisboa:

“Foi uma amiga minha que falou, já há uns anos... Para aí em 2010, eu tinha um congresso em Lisboa, na faculdade de Ciências da Educação, ia apresentar uma

comunicação! E, em vez de ir de carro, ou de comboio, resolvi pedir boleia e fui de boleia com um grupo assim de jovens! Foi muito engraçado, gostei e depois regressei também com outra boleia!”

Depois desta primeira experiência, teve um período em que não pediu boleias, porque se encontrava a trabalhar no Instituto Piaget em Vila Nova de Gaia. Contudo, quando foi colocada longe, começou novamente a pedir boleia. Para além da amiga que lhe recomendou a adesão a este grupo do *Facebook* “Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!”, conhece aproximadamente 8 a 10 amigos que também usam as boleias através deste grupo. Esta partilha de boleias deve-se, sobretudo, à valorização do lado social inerente às boleias. Mónica aprecia o convívio com pessoas mais jovens do que ela, e a partilha destas boleias propicia-lhe isso. Mas também o faz por necessidades financeiras:

“Sim, sim! Foi por necessidade e por gostar de partilhar! (...) Por exemplo, o ano passado viajava mais de comboio, porque o sítio onde eu estava não me possibilitava apanhar boleias! Não havia ninguém a sair de Rio Maior, em Santarém... Não era fácil! Então, comprava o bilhete com antecedência e conseguia até ter preços às vezes muito mais baratos que as boleias... Mas prefiro as boleias, claro! (...) Pelo lado social. Claro que, às vezes, apanho uns cromos assim... A última boleia que dei (...) foi com três rapazes, que foram o caminho todo a dormir, detestei!”

No que toca aos meios de transporte, considera que a bicicleta é o seu meio de transporte de eleição. Considera que a distinção entre as boleias e os restantes meios de transporte consiste na prática de convivialidade associada às boleias:

“Adorava! Sempre quis andar de bicicleta. Era miúda e nunca tive uma bicicleta, o meu pai andava sempre a dizer: “Um dia vou-te comprar uma bicicleta”. E nunca comprou, também não podia, coitado! Depois, mais tarde, o meu ex-marido ofereceu-me uma bicicleta e eu adoro andar de bicicleta, sei andar mal, já comprei mais duas, não foi? E roubaram-me as bicicletas, portanto agora estou à espera que, sei lá, que a minha filha volte a oferecer-me uma bicicleta! Com rodinhas, de preferência! Mas era uma coisa que gostava assim uma bicicleta ou assim tipo uma motinha, não é? Isso é que era fixe! Uma motinha, assim uma scooter...”

Sendo a interação e o conhecimento de pessoas novas, um dos principais motivos para a utilização de boleias Mónica reconhece não gostar quando existe falta de comunicação durante a viagem, o que nos leva a concluir que Mónica é uma pessoa que valoriza o convívio. Quiçá, por viver sozinha, Mónica projeta na partilha de boleias um momento de sociabilidade, um meio para conhecer pessoas novas, e mais jovens do que ela, uma vez que se distancia do pensamento mais “bolorento”, como afirma, que associa a algumas pessoas da sua geração. A valorização que confere à associação que faz entre a partilha de boleias e o convívio entre quem as partilha é de tal ordem que, para Mónica, esse conceito de partilha se perde caso não haja comunicação entre os participantes, durante a viagem:

“É só esse, é a falta de comunicação. Às vezes há pessoas (...) a quem não se ouve a voz! Eu acho (...) que nem deviam andar a partilhar estas boleias, se for para ir em silêncio, mais vale irem de comboio!”

Para além de partilhar boleias entre Lisboa e Porto, através do grupo do *Facebook* “Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!”, Mónica partilhou boleias com outros professores através de outra página do *Facebook* de boleias para professores, quando foi colocada, há 3 anos, em Coruche e Rio Maior. Neste momento, não utiliza esta página dos professores, uma vez que é a única pessoa do Norte colocada naquele agrupamento:

“Até porque eu pertenço a um grupo que é dos grupos que mais usam as boleias - os professores! Nós também temos um grupo de boleias (...) Só que acontece que os professores começam a organizar-se com os colegas que depois ficam sempre as mesmas boleias. (...) há 3 anos tive uma experiência assim, éramos 15 colegas e distribuíamo-nos em carros. Quem tinha oportunidade trazia, quem não tinha partilhava com outros. Éramos cerca de 14/15 pessoas a vir todos os fins-de-semana.”

Relativamente à partilha de boleias no dia-a-dia, Mónica considera que a partilha deveria ser uma tendência da sociedade, não só nas boleias, mas com



outros bens como fruta, roupa, livros, etc. Acredita que esta partilha traz efeitos benéficos para a sociedade:

“Acho que a sociedade tem que caminhar para uma sociedade de partilha. Não só nas boleias, mas em tudo! E que a vida se tornaria muito mais fácil se as pessoas não fossem assim... Não vivesse cada uma para o seu umbigo! Então o que fazem com as boleias (...) devia-se fazer com outras coisas, como por exemplo a comida... (...) Eu acho que isso tem de ser feito em tudo! Com a roupa também. Partilhar a roupa com os outros! (...) Ainda na semana passada, partilhei um casaco com uma colega e ela disse "Quanto queres que te pague?" e eu disse "Nada! Ele a mim já não me serve e a ti acho que te fica bem! (...) Trocar os livros, por exemplo: troca de livros é uma coisa que fiz durante algum tempo com amigos (...)”

Mónica destaca, ainda, os benefícios económicos e ambientais que decorrem da partilha de boleias, reforçando, novamente, a importância que a partilha assume na sociedade. A partilha de boleias aparenta ser, para Mónica, uma dimensão da sua visão sobre o mundo: a cooperação entre as pessoas, em detrimento do individualismo, o respeito pelo meio ambiente, as práticas de convívio por oposição à solidão:

“As questões económicas, as questões de poluição... Se eu for com outro não vou levar o meu carro. Depois, temos as questões de socialização que referi! São essencialmente esses três fatores. A sociedade tem que caminhar para isto, temos que voltar à altura das cooperativas! Temos que voltar à altura... Olha, não digo das comunidades *hippies*, porque acho que deva ser nem tanto ao mar nem tanto à terra! Mas temos que fazer, temos que pensar em mudar estilos de vida.”

Apesar de valorizar as práticas de convívio e os efeitos ambientais da partilha de boleias, Mónica admite utilizar as boleias também por ser uma alternativa de transporte mais cómoda:

“Evidentemente que uso porque necessito! Posso dizer que a prioridade seja o ambiente ou a... Neste momento, para mim é a questão económica! (...) Se pensar bem, não é tanto assim, porque às vezes consigo fazer Porto-Lisboa por 18 euros, de avião! (...) Mas se fizermos bem as contas, entre estar a pesquisar voos na

Internet, apanhar metro para o aeroporto, mais o autocarro, acho que prefiro as boleias!”

No futuro, pretende continuar a usar estas boleias, porque tem gostado da experiência de sociabilidade daí decorrente. Contudo, revela que muitas vezes não diz a amigos e conhecidos seus que faz esta partilha de boleias, pois eles consideram que não é próprio para a sua idade, o que revela que Mónica prefere evitar os juízos de valor dos seus pares. Também as pessoas a quem dá boleia ficam surpreendidas quando Mónica as vai buscar, julgando-a, à primeira vista, como não tendo histórias e experiências interessantes para partilhar:

“Não digo a algumas pessoas que partilho boleias. Há pessoas a quem eu não posso dizer que vou nestas boleias porque as mentes ainda são muito fechadas e é muito estranho para estas pessoas eu, na minha idade, andar metida nestas andanças. Também me acontece quando chego ao pé das pessoas a transportar e acharem a minha aparência estranha, porque nota-se que tenho 50 anos, mais até pelo facto de assumir as minhas brancas! (...) As pessoas pensam ‘alguma velha chata ranhosa!’ Depois percebem logo que não sou, porque não sou mesmo! E lembro-me que a minha primeira experiência foi terrível, porque contei a algumas pessoas (...) Um professor universitário ir partilhar uma boleia para um congresso é muito estranho.”

Durante as boleias, Mónica partilha as suas histórias e experiências irreverentes para a sua idade com os restantes passageiros. Já fez *Couchsurfing*, dormiu com a sua filha na rua, durante as férias, para poupar dinheiro, e tem a sua casa arrendada no *Airbnb*. São estas experiências, entre as inúmeras que já teve, que fazem com que os mais jovens se identifiquem com ela, desvalorizando a sua idade:

“ Quando vou com este pessoal mais novo acabamos por falar em muitas coisas, o que eu já fiz, desde troca de casas, ou *Couchsurfing* ou (...) ir de férias com a minha filha e irmos de mochilas às costas sem destino e acontecer... Primeiro não foi planeado, mas depois até já foi. Cheguei a dormir na rua para poupar dinheiro! Tudo isto faz com que as pessoas da idade da minha filha, os amigos

dela acham imensa piada! Outras pessoas da minha idade acham-me louca! Louca não é o termo (...) mas diferente!”

Uma análise do seu discurso permite aferir que Mónica valoriza a interação com pessoas mais novas e a partilha de experiências decorrentes das conversas que tem durante as viagens. Para Mónica, a sociedade deve caminhar no sentido de uma maior partilha e solidariedade. Defende, ainda, que as pessoas estão muito voltadas para o seu interesse próprio e que as boleias são uma forma de estimular a sociabilidade e a partilha na sociedade. Mónica aparenta, assim, pensar mais de acordo com os valores pós-materialistas.

Apesar de a partilha e troca de experiências entre as pessoas que partilham a boleia serem as dimensões mais valorizadas na partilha de boleias, Mónica afirma que também o faz por necessidade económica. Se não fossem as boleias, Mónica não conseguiria vir tantas vezes ao Porto visitar a sua família e amigos, por motivos financeiros.

De salientar, ainda, que Mónica revela ser uma pessoa ousada, sem medo de quebrar preconceitos. Demonstra que, apesar da sua idade e do seu estado de saúde frágil, está preparada para se adaptar a qualquer desafio profissional que surja. Esta adaptabilidade reflete-se, igualmente, no seu estilo de vida, que parece estar enquadrado nas práticas de economia de partilha e de consumo colaborativo que vigoram, atualmente, na sociedade moderna: Mónica já fez *Couchsurfing*, já dormiu na rua com a sua filha durante as férias e tem a sua casa do Porto, que arrenda no *Airbnb*. Tudo isto reforça o espírito aventureiro e irreverente que Mónica tem, comparativamente com as pessoas da sua geração.

Ao longo do seu discurso são visíveis valores pós-materialistas, onde o sentido de cooperação e partilha é algo muito valorizado pela Mónica. Apesar de utilizar as boleias porque necessita, defende que estas boleias têm um impacto positivo para toda a sociedade. Note-se que refere, inclusivamente, que podia adotar outro meio de transporte alternativo, mas que têm preferência por boleias.

Mónica acredita que os indivíduos retiram inúmeros benefícios desta partilha, em termos de sociabilidade, em termos ambientais e até mesmo em termos económicos. Desta forma, no discurso parecem prevalecer os valores pós-materialistas, ainda que os valores materialistas sejam também visíveis, quando refere que a partilha também é motivada por razões financeiras.

Em última análise, a vontade de interagir com pessoas mais novas e a importância que dá à partilha, aliada à necessidade económica, são os principais motivos que levam Mónica a partilhar boleias.

### 2.1.2. Retrato Sociológico – José Teodoro

#### Entre a necessidade de poupar e a vontade de ajudar os outros: o retrato sociológico de José Teodoro

José Teodoro, jovem solteiro de 27 anos, vive na unidade militar de Setúbal. José tem apenas a sua mãe viva, o seu pai já faleceu. Tem uma namorada, e foi pai de um menino há cinco meses. O nascimento do filho não foi planeado, e José vive ainda com a mãe, não partilhando casa com a namorada. Conta também, no seu núcleo familiar de origem, com um irmão gémeo e uma irmã mais nova que estuda Marketing.

José é um condutor assíduo de boleias, realizando quase todos os fins-de-semana viagens para o Norte. Conheceu o grupo do *Facebook* "Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!!" através da recomendação de um amigo. O José é condutor de boleias, porque quer poupar o máximo dinheiro para dar uma vida boa ao seu filho e, em última instância, porque ao dar boleia está a ajudar outras pessoas. As disposições de José para a partilha de boleias surgem num contexto familiar novo, economicamente desfavorecido, o que faz com que pense num plano de poupança para proporcionar uma boa vida ao filho recém-nascido, o que é um valor moral. E também porque José gosta de ajudar os outros. As motivações de José aparentam, assim, ser de ordem moral, sendo o critério económico um meio para atingir um fim moral, o de proporcionar ao filho uma vida livre de privações. Sendo a vida familiar um valor moral, entendemos que José privilegia os valores morais.

José Teodoro tem 27 anos, nasceu em Matosinhos e vive a maior parte do tempo na unidade militar de Setúbal. De origens humildes, a sua mãe, de 42 anos, é calibradora e o seu pai já faleceu. Em termos de estudos, os seus pais apenas

concluíram o 4.º ano antigo. Tem mais dois irmãos, um irmão gémeo, que trabalha num armazém de logística e uma irmã mais nova, com 19 anos, que se encontra a estudar Marketing. Ambos os avós trabalharam na construção civil e as avós trabalharam no campo. José não tem a certeza do nível de escolaridade dos seus avós, sabe apenas que a sua avó que ainda é viva é analfabeta. José foi pai recentemente, tem um filho de 5 meses, e está a construir uma relação com a sua namorada, mãe do seu filho, visto que o nascimento do seu filho não foi planeado:

“Vivo em casa dos meus pais. Como o meu filho não foi planeado, nós temos uma relação sólida, mas não foi planeado e não é por causa disso que vamos acelerar as coisas, então, estamos a levar as coisas normalmente...”

Ao longo do seu trajeto escolar, estudou sempre próximo da sua área de residência, em escolas públicas, e reprovou um ano no 12.º, porque não conseguiu concluir a disciplina de Físico-Química que, mais tarde, concluiu num externato.

Enquanto concluía o 12.º ano tinha um *part-time* numa instituição de solidariedade chamada Samaritanos – Missão de Caridade, localizada em Matosinhos. Esse *part-time* consistia em gerir o *site* da associação em regime de voluntariado. Apesar de este trabalho não ser remunerado, abriu-lhe portas para um trabalho pago, pois uma empresa gostou do trabalho que realizou nesta associação e contratou José para gerir o seu *site*. E foi o rendimento obtido nesta empresa que fez com que ele continuasse a estudar e lhe permitiu concluir o 12.º ano:

“Não tinha meios para ajudar de outra forma, então decidi ajudar assim e isto deu-me um outro horizonte! Comecei a trabalhar em paralelo para uma empresa que viu os meus trabalhos e então decidiram-me pôr a gerir o *site* deles *online*. Consegui assim ganhar algum dinheiro para poder continuar a estudar e tirar o 12.º.

O facto de ter reprovado de ano fez com que José tivesse de adiar a sua entrada na Marinha durante um ano. Desde cedo que José soube que gostava de seguir uma carreira militar, algo que atribui ao gosto por jogos de guerra mais estratégicos:

“Já desde muito cedo sabia que queria ir para a Marinha! Já desde, mais ou menos dos 13/14 anos. Quando era mais novo jogava mais jogos de guerra! Não a guerra em si, como a gente vê a matar pessoas. Mas mais num tema estratégico e de aventura e comecei-me a interessar por isso,...”

Antes de decidir qual o ramo das Forças Armadas que queria seguir, José procurou informação detalhada sobre todas as forças especiais existentes em Portugal. Tomou uma decisão muito ponderada quando escolheu a Marinha, analisando as quatro unidades existentes: Para-quedistas das Operações Especiais do Exército, os Comandos, a Marinha e os Fuzileiros. José defende que a sua escolha pela Marinha se deve ao modo como são formados os militares. Na Marinha, José acredita que a formação é diferente e que não há só uma preocupação em treinar, mas também lecionar e formar os valores das pessoas que lá estudam:

“Quando fui à Internet e vi os três *sites* de seleção das Forças Armadas, a Força Aérea, o Exército e da Marinha, tive a ambição de escolher uma tropa especial! Nós em Portugal temos quatro - três do exército e uma é da Marinha. Os Para-quedistas das Operações Especiais do Exército, os Comandos, a Marinha e os Fuzileiros. Tive a ver o historial de cada um, os antepassados, a história, donde é que vieram, o que é que fizeram, e no meu ver os Fuzileiros eram os mais completos. E até porque na Marinha não formava só militares mas formavam homens e pessoas, as pessoas iam para lá e tinham possibilidade de estudar e tinham uma educação diferente e a formação era diferente dos outros ramos e identifiquei-me muito com a Marinha e decidi concorrer.”

Atualmente é instrutor da Marinha, sendo responsável por formar novos alunos. Como instrutor tem uma rotina de trabalho diferente dos restantes

militares, uma vez que não trabalha apenas das 9 horas às 16 horas. José trabalha entre as 7 horas e as 22 horas e 30 minutos, e o seu trabalho pode variar, de acordo com o tipo e localização da instrução que vai dar e se tiver, ou não, de preparar aulas para o dia seguinte. O ritmo de trabalho é elevado, e os horários são exigentes.

Já num dia de lazer, José está com o seu filho e treina no ginásio. A par disso, aproveita para descansar e conviver com os seus amigos, fazendo parte de uma equipa de *snooker*. José valoriza as práticas de convívio, e gosta de sair à noite:

“Nos meus tempos livres eu treino, estou com o meu filho e pouco mais... Gosto de ir ao café, jogo *snooker*... (...) Um dia normal, que qualquer jovem de 27 anos faz é sair a noite, pronto estar com os amigos. (...) acordo tarde, almoço o meu pequeno-almoço, tomo um café, dou uma voltinha de carro, vou ter com os amigos. Se for possível, jogamos um joguinho ou assim, pronto, para descontrair. Ao final da tarde ginásio, e é isso, descontrair.”

José nunca fez parte de nenhum clube, mas, tal como referimos anteriormente, fez voluntariado numa associação. Derivado da sua profissão, não pode participar em manifestações. Contudo, confessa que se pudesse e se concordasse com as ideias das manifestações, gostava de participar.

Quando José foi para Setúbal, há sete anos, não tinha carta de condução, e por isso ia para Lisboa de comboio e regressava de comboio ou apanhava boleia de amigos. Há aproximadamente três ou quatro anos atrás, motivado pela necessidade de dividir despesas, aderiu ao grupo do *Facebook* "Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!!" por recomendações de um amigo:

“Foi por necessidade! Passa de boca em boca e às vezes fazia muitas viagens sozinho e ficava muito dispendioso. Até que um amigo, já não me lembro como é que surgiu, falou num grupo das boleias do *Facebook*.”

Inicialmente, quando aderiu ao grupo do *Facebook* "Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!!", sentiu-se ligeiramente desconfiado sobre a forma como se ia



processar a viagem com estranhos. Não lhe parecia natural a ideia de ir à boleia com pessoas estranhas e dar boleias a pessoas estranhas. Contudo, depois de experimentar verificou que tudo corria bem e salienta o facto de estas viagens o ajudarem financeiramente, bem como aos passageiros que leva:

“E no início soa assim um bocadinho estranho, nós não metermos pessoas estranhas dentro do nosso carro ou irmos com pessoas estranhas, mas depois vi que aquilo é tranquilo! As pessoas querem também a nossa ajuda e nós queremos a ajuda delas.”

José nunca apanhou boleia através deste grupo do *Facebook* "Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!", foi sempre condutor. Já deu boleia a primos seus, mas nunca aos seus irmãos porque nunca precisaram de usar. Afirma inclusive que se precisar de levar o seu filho consigo numa viagem até Lisboa, não hesitará em fazê-lo, partilhando boleia com outras pessoas:

“Mas isso não invalida que eu não possa um dia dar boleia a alguém e ele esteja comigo dentro do carro, não vejo problema nisso.”

Partilha boleia com amigos militares que também necessitam de regressar ao Norte no fim-de-semana, praticamente, todas as semanas. Mas também ocupa os restantes lugares disponíveis no seu carro com pessoas que não conhece, que pediram boleia através do grupo do *Facebook* "Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!":

“Basicamente é todas as semanas, sempre que venho para o Norte, trago sempre pessoas e amigos e desconhecidos, é raro ir sozinho. (...) normalmente é com militares e vimos todos juntos! Mas quando, por exemplo, quando a gente consegue conciliar todos virmos a casa todos no mesmo dia. Quando não vem um ou dois, os outros três lugares do carro são preenchidos por pessoas da plataforma do *Facebook*.”

Normalmente, José dá boleia para o Porto às 17 horas de sexta-feira e regressa a Lisboa às 22 horas de Domingo, de duas em duas semanas. José descreve a partilha de boleias como sendo muito stressante, porque tem de gerir os pedidos de boleia que as pessoas lhe fazem e tem de ir buscar e deixar as pessoas a sítios diferentes. A incerteza de saber se vai ter, ou não, pessoas com quem possa partilhar o espaço livre no carro, ou se vai ter pessoas a mais para dar boleia, bem como ter de recusar boleias, causa muito desconforto a José. Procura sempre dar boleia a pessoas que ficam mais próximas geograficamente, mas o facto de ter de recusar boleias por não ser prática a deslocação causa-lhe ansiedade:

“Isso é muito stressante, porque às vezes as pessoas respondem, outras não respondem. Tenho que meter vários anúncios e recebo chamadas e depois dá para esta hora e não dá para outros. Depois, tenho que ir buscar pessoas a este sítio e depois àquele e tenho que andar a fazer um itinerário... E às vezes não tenho ninguém e à última da hora tenho mais que a lotação do carro! E custa-me dizer não a certas pessoas, mas não dá mais jeito a mim... Também às vezes é mais por aí, como dá mais jeito, às vezes é quem vem primeiro e outras vezes é quem me dá mais jeito deixar em sítios, ou no outro (...)”

Em Lisboa, considera ser mais difícil reunir todas as pessoas num sítio para as ir buscar, uma vez que há uma maior dispersão geográfica. No Porto, vai normalmente buscar e deixar as pessoas em Campanhã, a não ser que sejam de Matosinhos e assim já as leva a casa. José considera um ato de civismo deixar as pessoas nos locais de destino, mostrando o cuidado e preocupação que tem com os passageiros a quem dá boleia:

“Eu vou sempre buscar a vários sítios. Normalmente, eu tento que eles vão ter sempre ao mesmo sítio, mas, por exemplo, em Lisboa é muito complicado. (...) Tento juntá-las mais ou menos no mesmo sítio, mas nem sempre dá, aqui no Porto combino sempre em Campanhã, a não ser que sejam aqui de Matosinhos e fica em mão. Normalmente, é sempre em Campanhã. Mas lá em baixo, em Lisboa, como nós chegamos tarde, por um ato de civismo... Também depende se não formos...se for muito, então negocia-se o preço, senão levo-os a porta de casa ou onde elas quiserem, não me faz grande diferença, como percebo que gostava que fizessem isso comigo...”

A par deste constrangimento de deixar e levar pessoas a sítios diferentes, José identifica como constrangimento a personalidade das pessoas a quem dá boleias. Apesar de considerar que facilmente se adapta a qualquer personalidade de qualquer tipo de pessoas, considera não se identificar com pessoas conservadoras a quem dá boleia:

“E nunca sabemos quem vamos apanhar, quem vamos buscar... Pronto, é o tipo de pessoa! Já apanhei pessoas de todo o nível, pessoal de estilo alternativo, advogados, diretores dos jornais... Isso não é um problema, é uma coisa... Por acaso, sou uma pessoa simples e adapto-me facilmente a qualquer tipo de conversa e a qualquer tipo de pessoa, mas se for pessoas mais, mais conservadoras...”

Como vimos anteriormente José tem como principal motivação para a partilha de boleias a divisão dos custos da viagem. Por isso, José tem preferência por viajar sozinho ou com pessoas que conhece. Nem sempre quer conversar com pessoas que não conhece.

“Eu sempre que posso, eu vou sempre sozinho. Sempre que posso e estou bem financeiramente, vou sempre sozinho. Se vejo que dá e olha “hoje eu quero poupar e assim”, meto um *post*, se tiver pessoal para ir comigo e se tiver pessoal para ir buscar senão também já não me chateio muito. (...) Prefiro o à vontade de saber com quem vou, não ter que estar a criar aquele tipo de conversa. Não ter que estar a ser uma seca a viagem, que no fundo são três horas que vamos estar ali a conhecer uma pessoa. (...) nem sempre estamos nos nossos dias para ter essa disposição. Nem sempre estamos nos nossos dias para conversar, para querer criar conversa e assim prefiro viajar com quem conheço, ou então sozinho.”

Quando questionado se continuaria a utilizar boleias se tivesse muito dinheiro, José respondeu que sim. A sua origem humilde e economicamente descapitalizada faz com que procure poupar, de modo a garantir que o seu filho beneficie de melhores condições de vida que o José teve:

“ (...) se tivesse mais alguns trocos e se tivesse uma vida bem-sucedida acho que continuava a usar a mesma. (...) porque eu nasci num meio muito simples e por muito que ache que vá ganhar dinheiro... E começo a ganhar muito dinheiro, tudo o que eu puder poupar para dar ao meu filho acho que isso vai ser sempre um bom pensamento! Isso é intrínseco, mas eu acho que vou continuar assim a ser uma pessoa simples e, no fundo, é uma forma de eu ajudar outras pessoas que já vi que é também, não é? Se eu vou e vou, se tiver alguém para ir comigo, eu estou a ajudá-los! Em vez delas pagarem 30 euros para ir de comboio, se puderem pagar 15 euros vão no lugar do meu carro eu não me importo de os levar.”

Apesar de José não valorizar muito a interação decorrente da partilha de boleias, defende que a maior vantagem para a sociedade desta partilha de boleias é a sociabilidade inerente à prática, isto é, apesar de não ser algo que valorize, reconhece o convívio que daí deriva como um valor relevante. Considera que, para quem utiliza estas boleias, é enriquecedor conhecer realidades, culturas e experiências de vida diferentes:

“Acho que, isso é fácil de responder, mas é... podemos ver outras coisas... Acho que nos abre os horizontes! Como eu disse, apanhamos muito tipo de pessoas (...) desde pessoal alternativo a advogados, a diretores de jornais e para a sociedade é muito bom, porque às vezes não sabemos a realidade em que certas pessoas vivem. Eu já dei boleia a pessoas africanas. Chegaram ao Porto, perderam o comboio Alfa e não sabiam como é que haviam de chegar a Lisboa e por acaso tinha um contacto que tinha a plataforma das boleias e eu fui buscá-los ao aeroporto e levei-os para Lisboa. Portanto, e como já aconteceu com 2 pessoas africanas, aconteceu com 2 egípcios e eles não falavam português e eu só falei inglês para eles. Para mim foi muito, foi altamente, foi uma viagem muito interessante. Lá está, é diferente, portanto, acho que é benéfico para a sociedade, depois depende da vida de cada um.”

Em alternativa às boleias, José poderia utilizar o comboio, porque tem um preço bastante bom para ele, enquanto militar. Contudo, o José valoriza o conforto e por isso considera que as viagens de comboio, mesmo com vantagens ao nível do preço, são desgastantes e não são confortáveis, preferindo partilhar viagens no seu carro:

“Depende de pessoa para pessoa, há pessoas que gostam de viajar de comboio. Eu só pago 5 euros se for no comboio no inter-regional que sai às 00h30! Eu só chego a Lisboa às 6 da manhã, e este comboio há todos os dias, não é? Agora fazer uma viagem dessas durante a vida toda não é muito confortável. Se calhar eu prefiro gastar mais um pouco, levar o meu carro, divido as despesas e assim ir fazendo uma viagem mais confortável. É o que eu sinto! Se uma pessoa quiser mesmo poupar, faz o sacrifício e vai de comboio.”

No dia-a-dia, José tem preferência por utilizar carro, por ser mais confortável e seguro, ou mota, para evitar o trânsito:

“Primeiro, porque é mais seguro! E mais confortável! (...) eu também gosto de mota! Às vezes dava mais jeito mota, por causa do trânsito em si. Agora está a chegar a altura do sol, dá mais jeito ir de mota, mas normalmente prefiro carro!”

José considera que as boleias podem ser utilizadas no dia-a-dia para locais que não tenham muitas acessibilidades. Do seu ponto de vista, esta partilha seria benéfica, porque poderia ajudar as pessoas a ter uma vida melhor. Também aqui José evidencia altruísmo e preocupação com o bem-estar financeiro das outras pessoas:

“ (...) Vou falar aqui de um caso, uma pessoa que vive em Matosinhos e que trabalhe em Vila Nova de Gaia! Não é muito longe, ou seja, essa pessoa vai e vem todos os dias... Mas imaginemos que ela num sítio em Vila Nova de Gaia não tem metro, vai ter de ir de carro, se calhar naquela zona, há várias pessoas que trabalham lá e que vivem em Matosinhos, noutro sítio ou noutra empresa. Se calhar isso podia ajudar pessoas a viver no dia-a-dia melhor e a gastar menos. Se calhar dava mesmo para utilizar as boleias no dia-a-dia. Não só para longas viagens de longa distância, mas mesmo assim, no dia-a-dia.”

Do ponto de vista do José, as boleias vão aumentar, porque têm vantagens em termos económicos e permitem conhecer novas pessoas. Assim, quando questionado sobre a ordem de importância em relação às motivações que o fazem dar boleias, o José colocou a questão económica em primeiro lugar, em segundo a solidariedade para com outras pessoas e, em último lugar, a interação social:

“Não é ser egoísta, mas acho que primeiro estou eu. Não só por mim, mas neste momento tenho uma pessoa em quem pensar! Tenho uma grande prioridade que tem 5 meses, por isso, primeiro era a minha situação económica. Depois, era ajudar os outros e só depois era o meu conhecimento pelas outras pessoas e pela sociedade e abranger os horizontes.”

Uma análise do seu discurso permite aferir que, embora reconheça que a partilha de boleias pode ser benéfica para promover o convívio entre as pessoas, considera que a partilha de boleias é positiva por razões económicas, porque isso lhe permite, e aos restantes utilizadores, dividir custos durante as viagens.

Ao longo do seu discurso é evidente uma dicotomia entre a importância que esta partilha lhe traz em termos financeiros e a solidariedade para com os outros. Apesar de classificar a partilha de boleias como stressante, José demonstra vontade em continuar a partilhar boleias, porque ao mesmo tempo que está a poupar dinheiro para garantir o seu bem-estar e do seu filho, está a ajudar outras pessoas. Esta importância que atribui a ajudar o próximo e a simplicidade que diz que lhe é característica é influenciada pela educação e pela sua experiência de vida. Cresceu num contexto descapitalizado, com poucos recursos económicos, e isso reflete-se nas suas atitudes perante a poupança e os desafios financeiros.

José é uma pessoa altruísta, evidenciando ter valores morais, quando se refere à preocupação em proporcionar as melhores condições de vida ao seu filho e em ajudar os outros utilizadores de boleias. Porém, como vimos, José prefere viajar de carro, em vez de comboio por ser mais cómodo. Destacam-se, assim, valores materialistas, no que toca ao conforto que José procura nas suas deslocações entre Porto e Lisboa. Os valores materialistas continuam presentes, quando José procura garantir a estabilidade financeira para si e para os seus, como principal motivo para utilizar boleias, embora o princípio que presida a essa lógica de poupança e acumulação de dinheiro seja de cariz moral, pois o princípio de vida

que marca o seu percurso é evitar que o filho passe por dificuldades financeiras. Ora, se a família é um valor moral, e o seu propósito é proteger o filho de eventuais privações, então podemos afirmar que o seu propósito é moral.

Em última análise, na origem desta partilha de boleias está a vontade que tem em proporcionar ao filho aquilo que não teve, não querer que ele esteja sujeito a privações. Por isso, apesar do fator económico ter também um elevado peso na decisão de partilhar boleias, José revela ser uma pessoa altruísta, quando demonstra colocar o bem-estar da família acima de tudo.

### 2.1.3. Retrato Sociológico – Rute Rodrigues

**Entre a poupança e a flexibilidade de horários e a boleia como melhor opção para viajar entre Lisboa e Porto: o retrato sociológico de Rute Rodrigues**

Rute Rodrigues, jovem açoriana solteira de 20 anos, vive em Lisboa e partilha casa com três rapazes. Filha de pais divorciados, o seu núcleo familiar de origem é pouco numeroso, tendo apenas um irmão mais novo. Terminado o 12.º ano, a sua mãe perguntou-lhe em qual Faculdade iria estudar, deixando Rute muito surpreendida, porque, uma vez que a sua mãe estava desempregada e tem ainda um filho mais novo a seu cargo, pensava que não iria prosseguir os seus estudos. Rute desde cedo sabia que queria estudar Direito e é na Universidade de Lisboa que está atualmente a frequentar esse curso.

Em Lisboa, Rute desloca-se quase sempre a pé. Apenas quando faz distâncias mais longas é que utiliza o autocarro, metro ou comboio. Desta forma, começou a utilizar as boleias quando acompanhava o namorado até Viana do Castelo, visto que as boleias são uma opção bastante económica e têm uma maior flexibilidade em termos de horário face aos transportes alternativos. Foi uma utilizadora regular de boleias, enquanto o namorado vivia em Lisboa, agora continua a utilizar entre Lisboa e Viana do Castelo, mas com menos regularidade.

Rute Rodrigues tem 20 anos, nasceu na Ilha Terceira, nos Açores, arquipélago onde viveu até iniciar o seu curso de Direito na Universidade de Lisboa. É oriunda de uma família pouco numerosa, tendo apenas um irmão mais novo com 10 anos, que se encontra a frequentar o 5.º ano de escolaridade. O seu pai, de 51 anos, é polícia e não completou o 12.º, porque reprovou a Matemática. Já a sua



mãe, de 42 anos, é auxiliar médica numa casa de saúde e concluiu o 9.º ano, através das Novas Oportunidades. A sua avó materna era doméstica e o avô materno tratava de um jardim numa quinta. Quanto à avó paterna, Rute não tem recordações, porque não chegou a conhecê-la. Já o avô paterno trabalhava num mercado. As origens sociais de Rute são culturalmente descapitalizadas, no que concerne ao volume de capital escolar, e, de um modo geral, os seus familiares diretos desempenham profissões pouco qualificadas. Deste modo, não é de todo estranho que a mãe de Rute tenha apostado na aquisição de capital escolar da filha: o ingresso de Rute no ensino superior pode significar um processo de mobilidade social ascendente, isto é, uma possibilidade de romper com o ciclo reprodutivo de profissões desqualificadas característico nesta família e aceder a uma profissão mais qualificada e, conseqüentemente, melhor remunerada.

Rute estudou até ao 10.º ano na Ilha de São Miguel, na Escola Secundário Domingues Rebelo. No 11.º e 12.º anos, voltou para a Ilha Terceira com a sua mãe, retomando os seus estudos na Escola Secundária Vitorino Nemésio. Há 5 anos que a sua mãe estava divorciada do seu pai, quando decidiu voltar à Ilha de Terceira, porque estava desempregada e precisava da ajuda dos seus familiares mais próximos para sustentar os seus filhos.

Desde o 7.º ano que Rute já sabia que queria seguir Advocacia, porém, pensava que a mãe não tinha condições financeiras para suportar tal encargo, uma vez que se encontrava desempregada:

“Para aí a partir do 7.º ano já pensava que queria ser advogada, mas depois a partir do 8.º/9.º a minha mãe ficou desempregada e como os meus pais são divorciados e tenho um irmão mais novo, eu até pensei que não vinha para a Universidade. Se fosse para a Universidade, sabia ‘Ok, queria Direito’, mas não tinha a certeza. Depois é que no 12.º ano é que a minha mãe me disse ‘Ah então vais para que Universidade?’ e eu ‘Espera, o quê?! Vou para a Universidade?!’”

Apesar de ser Direito o seu curso de referência, também colocou três opções em Psicologia na sua candidatura ao ensino superior. Contudo, Rute não se vê a

exercer essa profissão, considerando Direito uma área mais vasta e com uma maior diversidade de saídas profissionais. Nesta medida, o que acabou por determinar a sua escolha foi uma questão instrumental: uma pretensa maior facilidade em aceder ao mercado de trabalho pesou mais do que o gosto pela Psicologia:

“Eu estava 80% inclinada para Direito, mas também gostava muito de psicologia. Psicologia é daquelas áreas que também me interessava (...) eu gosto muito de Psicologia, na teoria, agora na prática não é bem aquela profissão que eu gostasse de exercer. Como o Direito também é muito vasto (...) se mudar de ideias e não quiser ser advogada tenho um leque imenso de opções, por isso então acabei por preferir Direito, apesar de ter colocado três opções em psicologia.”

Atualmente encontra-se a frequentar o 2.º ano da licenciatura de Direito, mas já deveria estar a frequentar o 3º ano. Reprovou no 1.º ano, porque não se sentia preparada para a exigência do curso e para a distância geográfica da família. Experimentou dificuldades de transição entre o ensino secundário e o ensino superior, acentuadas pela distância do seu núcleo familiar de origem e pelo afastamento físico em relação aos contextos onde cresceu:

“Eu achava que queria mesmo isto, mas a verdade é que a realidade da Faculdade é muito mais difícil do que aquilo que as pessoas nos dizem! As pessoas dizem que ‘vai ser difícil’ e que ‘tens que estudar’, mas enquanto não estiveres mesmo a sentir isso na pele não sabes o que é (...) Eu vim dos Açores e é complicado estar longe da família. Estava aqui desde janeiro, chegou a junho e eu disse à minha mãe: ‘Estou farta, não quero saber mais disto.’ Então fui para casa e depois até estive a ver os cursos. Só que, pronto, não havia nenhum que eu quisesse! Foi mesmo do tipo: ‘Ok! Se calhar quero mesmo é Direito, vai ter que correr bem!’ E depois voltei e está a correr muito melhor!”

Rute é a única estudante da casa onde vive, pois os restantes três moradores, com idades a rondar os 30 anos, já se encontram a trabalhar em diversas áreas. Rute não demonstra conhecer muito bem a profissão dos seus colegas de casa, o que indicia que não terá uma ligação de proximidade com eles:

“Eu sei que eles trabalham em empresas, um tem a ver com informática, outro trabalha na *Moche* e o outro em qualquer coisa dos telefones...”

Em termos de experiência profissional, Rute já trabalhou em festivais e teve trabalhos de curta duração nas épocas Verão, com o objetivo de juntar dinheiro para pagar as suas despesas e não necessitar de pedir dinheiro à sua mãe.

Apesar de considerar que tem pouco tempo livre para além da sua vida académica, Rute tem como principais *hobbies* o voleibol e o voluntariado com crianças na associação *Super Babysitters*. A Rute é uma *babysitter* solidária, que toma conta de crianças durante o tempo que for necessário para que os pais possam cumprir compromissos profissionais e pessoais. Note-se ainda que para além destes *hobbies*, a Rute faz outras atividades:

“Eu, apesar de não ter muito tempo livre desde que entrei na faculdade, eu jogo *vólei*. Depois faço voluntariado esporadicamente (...) leio, vou ao cinema, gosto muito de passear, muito de viajar. Gosto imenso de fotografar!”

A Rute também faz parte do departamento de desporto da associação de estudantes da sua faculdade e integra o núcleo de estudantes das Regiões Autónomas, grupo que auxilia os Açorianos e Madeirenses a integrarem-se no Continente.

No que toca a manifestações, nunca participou, porque refere nunca estar atenta (“Eu por acaso até gosto bastante de ir, só que normalmente nunca sei atempadamente das coisas! Eu quando sei, já passou.”), o que revela que a consciência cívica de Rute, assim como estar a par das notícias é algo a que não atribui muita importância. Porém, refere gostar de ir a manifestações, o que é indicador de uma dissonância entre o discurso e a prática: se realmente gostasse de ir a manifestações, se se interessasse pela participação cívica, provavelmente estaria mais a par da frequência destas iniciativas.

No dia-a-dia anda sempre a pé, uma vez que mora perto da Faculdade. Num dia normal, a Rute acorda cedo e ocupa a maior parte do seu tempo na Faculdade, a estudar ou nas aulas:

“Normalmente acordo às 7:30h para tomar o pequeno-almoço, para tomar banho e ir para a faculdade. Eu como moro perto da Faculdade, demoro cerca de quinze minutos e às nove estou aqui. Começo a estudar às nove e paro entre meio-dia e a uma, conforme esteja cansada ou não. Às duas começo a ter aulas e saio às seis. Quando saio às seis, normalmente, vou sempre a casa jantar ou fazer almoço [para o dia seguinte].”

Nos dias em que não tem de estudar, normalmente gosta de desfrutar do sol, indo para esplanadas e praia, e conhecer novos lugares. Quando não se encontra na faculdade a estudar, depois do jantar vê séries ou aproveita para passear ou tomar um café com os seus amigos, mas sem descurar o estudo.

No que toca à partilha de boleias, a maioria das vezes que partilhou boleia, foi com o seu namorado, que normalmente era o condutor e era ele que colocava o anúncio no grupo *Facebook* "Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!". Há cerca de um ano e meio, assim que o namorado deixou de fazer o trajeto que Rute precisava, esta aderiu ao referido grupo. O namorado deixou de fazer este trajeto, visto que é GNR e foi colocado em Portalegre. Dado que o namorado já não vive em Lisboa, atualmente é a Rute a procurar boleias, entre uma a três vezes por mês, para ir ter com o namorado a Viana do Castelo.

Visto que a família se encontra nos Açores, nunca partilhou boleia com nenhum familiar. Talvez influenciada pela mãe, que receia que a filha viaje na companhia de estranhos, Rute procura informação sobre o condutor e restantes passageiros das boleias através do *Facebook*:

“A minha mãe tem sempre aquele medo... “Não vás com estranhos! (...) vejo logo se tenho algum amigo em comum! Vejo de onde é que a pessoa é, se estudou, se é casada... Vejo as fotos, tento ver se a pessoa é muito esquisita ou não (...) Se

for com mulheres não me preocupo muito! Sempre que vou com homens pelo sim pelo não, eu mando a matrícula ao meu namorado.”

Em termos de constrangimentos, identifica uma situação de desconforto em que foram três pessoas no banco de trás e a existência de carros com bagageiras pequenas, que não permitem colocar tudo o que Rute gostaria de levar na mala. Já a interação com as pessoas, é algo que valoriza, uma vez que lhe permite conhecer novas realidades e experiências:

“É sempre bom conhecermos pessoas novas e todas as pessoas que eu conheci eram muito diferentes umas das outras. Fui com um PSP, depois fui com uma senhora que também me disse ‘Ah sou uma advogada estagiária’, partilhamos histórias, e vi como era Direito no Porto. Foi, foi engraçado (...) e ganho um bocado mais de cultura acerca de tudo.”

Apesar de se revelar um pouco indiferente relativamente às pessoas com quem partilha boleias, Rute revela preferência por partilhar boleias com pessoas que conhece:

“Já me aconteceu ir em viagens em que a gente conversa muito, mas também há viagens em que ninguém fala e torna-se um bocado aborrecido. Com pessoas que eu conheço sei que íamos estar sempre a falar!”

Quando partilha boleias, e depois das suas aulas terminarem, Rute dirige-se ao ponto de encontro acordado entre as pessoas que partilham boleia. Chega muitas vezes atrasada ao local acordado, embora tente sempre garantir que este local é muito próximo de onde vive para não ter outros custos de deslocação. É visível, assim, uma preocupação financeira que condiciona as escolhas de Rute:

“Vou até ao sítio aonde combinamos e, normalmente, tento sempre combinar aqui perto, porque não tenho passe e para não gastar dinheiro no passe e no bilhete. Eu ou chego na hora ou chego sempre cinco/dez minutos atrasada. Normalmente a pessoa já está lá (...) e pronto, depois apanho a boleia para cima

e o condutor deixa-me no sítio que eu pedi (...) Por acaso até agora deixaram-me sempre em casa ou num sítio perto que dá na mesma.”

Relativamente ao pagamento, este é realizado em dinheiro, normalmente, no final da viagem e Rute não revela ter tido problemas com essa questão:

“... o pagamento é sempre feito depois da viagem, no final. Ou então, alguém vai sair primeiro e eu já que ele parou, digo ‘Olha, deixa-me já dar-te o dinheiro.’ É sempre assim em dinheiro.” E quais são os valores, sabemos?

A Rute normalmente anda a pé, porque a Faculdade é perto, e por isso não tem passe de nenhum transporte público. Então aproveita ao máximo para não gastar dinheiro nos transportes públicos e anda sempre a pé. Quando acontece Rute ter de percorrer distâncias mais longas, utiliza transportes como o metro ou autocarros:

“Eu tento ao máximo andar sempre a pé, mesmo quando é um bocado longe, se estiver bom tempo eu não me importo, vou a pé e volto. Se tiver que ir para um sítio mesmo que não dá... Umás vezes dá mais jeito ir de metro e outras vezes dá mais jeito ir autocarro.”

Para Rute, as boleias são sempre mais vantajosas em termos de preço e rapidez, quando comparadas com as viagens de comboio e em termos de preço, rapidez e conforto, comparativamente com o autocarro. As disposições de Rute para partilhar boleias aparentam, assim, repousar em razões de ordem material e individual:

“...a pessoa, normalmente, até nos apanha onde nós quisermos, ou seja, não temos que utilizar outros transportes para ir até às paragens do comboio e autocarro. Portanto, vai sair sempre mais barato! Depois, é sempre muito mais flexível, porque a pessoa vai-me deixar mais ou menos onde eu quero. No comboio ou no autocarro, eu saía na paragem! Além disso também costuma ser mais rápido e, por exemplo, já me aconteceu fazer Lisboa-Porto sozinha à frente

no carro, porque é muito mais confortável do que estar no autocarro três horas de um lado para o outro na autoestrada.”

Considera que a partilha de boleias no dia-a-dia pode ser bastante benéfica, tanto para o meio ambiente como para quem delas beneficia pois reduz a poluição, e permite-lhe conhecer pessoas que já o fazem. Também a sociabilidade inerente a esta prática é um motivo que Rute destaca para a existência desta partilha no dia-a-dia:

“Conheço pessoas que fazem isso na Faculdade e parece-me bastante lógico, porque assim não precisam de vir tantos carros, não precisam de gastar tanta gasolina, tanta poluição... ‘Nós moramos os cinco ao pé um do outro, podemos ir os cinco no carro até lá!’ Parece-me lógico! Claro que a pessoa também vai com alguém conhecido sempre vai a socializar durante a viagem. Talvez por conhecer novas pessoas, a pessoa vai sempre conhecendo novas realidades, vai sempre sabendo novas experiências que as pessoas viveram e ganham um bocado mais de cultura acerca de tudo.”

Apesar de partilhar boleias, por ser útil e vantajoso em termos económicos, Rute valoriza a cooperação que se gera entre os membros do grupo de *Facebook* "Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!" e quer continuar a partilhar boleias sempre que puder:

“O facto de estarmos em constante cooperação uns com os outros... Eu só posso àquela hora, podemos arranjar-nos no intermédio. Sempre que der vou partilhar boleias no futuro! Por nunca me ter acontecido nada muito estranho ou muito mau, eu acho que é sempre benéfico, sempre vantajoso.”

A Rute acredita que se vai generalizar esta prática, porque conhece muito mais pessoas que partilham agora boleia:

“...conheço cada vez mais pessoas que estão a aderir, ou porque ouviram falar ‘Olha um amigo meu vai, eu também vou!’ e acho que sim, acho que é para aumentar!”

Uma análise do seu discurso permite aferir que, embora reconheça que esta prática de consumo tem inúmeros benefícios para a sociedade, nomeadamente ao nível ambiental e de convívio, Rute partilha boleias para não despende dinheiro em opções de transporte alternativas mais caras e porque lhe dá uma maior flexibilidade em termos de horários. O facto de poder chegar atrasada, sem isso comprometer a realização da sua viagem, é algo que valoriza.

Para além dos fatores económicos e comodidade horária, ao longo do seu discurso é também evidente o valor que atribui à componente de sociabilidade inerente às boleias. Nomeadamente, Rute referiu exemplos de pessoas que tinham experiências profissionais diferentes e o quão valoriza esta partilha de experiências nas boleias.

Há ainda que salientar a influência que o namorado tem na utilização destas boleias, quer por ter sido o primeiro elemento da relação a utilizá-las e ter sido com ele que Rute aderiu à partilha de boleias, quer pela necessidade que Rute tem de viajar até à cidade do seu namorado. Apesar deste já não dar boleia à Rute nas suas deslocações entre Lisboa e Viana do Castelo, ela continua a utilizar boleias, mas com menos frequência e com um maior receio sobre quem vai ser o condutor, indo sempre verificar quem são as pessoas com quem vai apanhar boleia. Ao procurar informação sobre os condutores, Rute está a revelar que para ela é importante sentir-se segura antes de mostrar a sua disponibilidade para realizar a viagem. A segurança é um dos valores que é muito valorizado pela Rute quando utiliza as boleias. Adicionalmente, Rute destaca a importância da cooperação que se gera entre os membros do grupo do *Facebook* “Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!!” como algo que valoriza nas boleias, enquadrando-se nos valores pós-materialistas.

Por outro lado, ao longo do seu discurso, evidenciam-se também valores materialistas, uma vez que Rute quando utiliza as boleias, utiliza por necessidade económica e porque é uma opção mais conveniente. Esta atitude evidencia um



predomínio dos valores económicos sobre os valores morais. Desta forma, estamos perante valores materialistas e pós-materialistas, sendo que o critério económico parece prevalecer face a valores mais associados à cooperação e ao interesse coletivo.

Em última análise, a poupança económica e a flexibilidade dos horários inerentes às boleias são as principais motivações para esta partilha, seguindo-se a experiência de interação social que a partilha de boleias lhe proporciona.

#### 2.1.4. Retrato Sociológico – Joaquim Santos

Da vantagem económica à vontade de conviver com pessoas novas durante as suas deslocações: o retrato sociológico de Joaquim Santos.

Joaquim Santos tem 25 anos, vive em Lisboa com o pai e a irmã. Filho de pais divorciados, o seu núcleo familiar de origem é pouco numeroso, tendo apenas uma irmã mais nova. Terminado o 12.º ano, não sabia qual a área de formação a seguir. Apesar de estar na área de Ciências e Tecnologia, optou por estudar Gestão, no Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa - Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE – IUL), em Lisboa, devido ao seu gosto por números e à popularidade que o curso tinha quando se candidatou ao ensino superior. Depois de terminar este curso deslocou-se para o Porto, para estudar Gestão de Serviços, na Faculdade de Economia do Porto (FEP).

Joaquim fez *Erasmus*, enquanto estudante e, durante essa experiência, já tinha tido a oportunidade de pedir boleia na estrada, mas nunca através de uma plataforma. Conheceu o grupo do *Facebook* "Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!!" através da recomendação de um amigo. Foi um utilizador assíduo das boleias, porque esta opção de deslocação mostrava-se ser vantajosa sob o ponto de vista económico e social, pois permitia-lhe conhecer e interagir com pessoas novas, ao mesmo tempo que lhe consentia gerir melhor o seu orçamento.

Joaquim Santos tem 25 anos, nasceu em Lisboa e aí viveu até partir para uma experiência de intercâmbio estudantil, o *Erasmus*, para Ljubljana, enquanto estudava Gestão, no ISCTE. O seu percurso é marcado por uma rutina afetiva,

em resultado da separação dos pais. É oriundo de uma família pouco numerosa, tendo apenas uma irmã, que é quatro anos mais nova. A sua irmã tem 21 anos e está a estudar Advocacia, reproduzindo a trajetória académica da mãe. Os seus pais são licenciados e exercem, respetivamente, as profissões de banqueiro e de advogada. O pai tem 57 anos, e mãe 55.

Ao longo do seu trajeto escolar, Joaquim estudou, desde sempre, em escolas públicas, realizando todo o seu percurso escolar em Telheiras, até ingressar na faculdade:

“Desde a minha entrada no ensino primário frequentei sempre escolas públicas. Foi em Telheiras que fiz todo o percurso escolar até ao secundário. Passei por três escolas antes de ingressar no ensino superior: a Escola 57 de Telheiras, a E.B. 2 3 de Telheiras e a Escola Secundária Virgílio Ferreira.”

Embora Joaquim estivesse na área de Ciências, no Ensino Secundário, optou por candidatar-se ao curso de Gestão, no ISCTE-IUL, em Lisboa. O seu gosto pela Matemática e a popularidade que este curso apresentava, quando se candidatou ao ensino superior foram dois fatores decisivos para a sua escolha:

“Embora tenha seguido o agrupamento de Ciências, quando concorri para o ensino superior escolhi Gestão. Fazendo uma introspeção, acho que foram os números que me influenciaram a mudar de trajetória. Embora tenha que confessar que os cursos de Gestão eram muito falados, na altura.”

Enquanto estudava, teve a oportunidade de trabalhar como promotor de eventos, e foi também monitor de colónias de férias, tendo ainda uma experiência fugaz de dois meses como contabilista. Para além destas experiências, durante a sua licenciatura teve a oportunidade de fazer *Erasmus* em Ljubljana, que lhe permitiu sair pela primeira vez de sua zona de conforto, isto é, da casa dos pais e de Lisboa.

Depois da sua experiência em *Erasmus* e de ter terminado o curso, Joaquim, agora um homem mais independente, quis sair novamente de Lisboa e estudar Gestão de Serviços na FEP, faculdade sobre a qual recebeu boas referências:

“Mais tarde optei por vir para o Porto para frequentar o mestrado em Gestão de Serviços. Esta escolha por Gestão de Serviços já foi bem ponderada. Por um lado, queria vir viver para o Porto, por outro a área de serviços e logística sempre me fascinaram.”

Durante a sua estadia no Porto, viveu com um amigo e, a par de tirar o mestrado em Gestão de Serviços, começou a trabalhar no Grupo Sonae, onde atualmente ainda trabalha, na *Wells*, enquanto *IT Partner Analyst*, mas agora em Lisboa. Nesta função é responsável por desenhar os processos de lojas, revê-los e tentar torná-los mais eficientes.

Num dia de semana normal, Joaquim ocupa grande parte do seu tempo a trabalhar e, dada a sua recente transição entre Porto e Lisboa, está ainda adaptar-se aos novos hábitos, tendo, neste momento, uma vida social menos ativa:

“Num dia de trabalho normal, acordo e depois normalmente tomo um banho, tomo o pequeno-almoço em casa e vou trabalhar. Eu termino de trabalhar entre as seis, sete horas, dependendo do volume de trabalho que existir. Depois do trabalho venho para casa jantar e muitas vezes tomo um café com os amigos a seguir. Enquanto estive Porto ia muitas vezes jantar fora com colegas de trabalho e com amigos do Porto, porque vivia sozinho. Neste momento, como vivo com o meu pai e irmã, hei-de passar a ter uma rotina mais de casa.”

Passando grande parte do seu tempo a trabalhar, revela que joga em torneios de futebol amador, sempre que pode, e não tem mais nenhum *hobby* para além deste, apesar de também passear e de viajar:

“Neste momento admito não ter tido muitos tempos livres. Mas sempre que os tenho, jogo normalmente em torneios de futebol amador em Lisboa e também jogava no Porto. Para além de jogar muito de futebol amador, passeio pela cidade e viajo bastante. Não tenho nenhum *hobby* específico que pratique para além destes.”

Durante os fins-de-semana aproveita para almoçar e jantar fora, passear, estar numa esplanada e sair à noite com amigos. Joaquim também revelou que nunca fez parte de nenhuma associação nem de nenhuma manifestação, o que indicia que a sua participação social não é muito ativa, preferindo as práticas desportivas e de convivialidade. No que toca à partilha de boleias, Joaquim teve a sua primeira experiência de boleias enquanto fazia *Erasmus*.

Quando começou a estudar no Porto, seguiu um conselho de um amigo e decidiu utilizar o grupo de *Facebook* de boleias para encontrar alternativas para se deslocar entre Porto e Lisboa:

“Lembro-me que foi no período em que fui estudar para o Porto que comecei a utilizar a plataforma de boleias, por volta de setembro de 2014 (...) Na altura, tinha família cá [em Lisboa] e, sempre com o objetivo de poupar dinheiro, achei uma ideia interessante, partilhar boleia através deste sistema. Quem falou disto foi um amigo meu.”

Já teve a oportunidade de dar boleia à sua irmã no carro, enquanto condutor, mas nunca partilhou boleias com outros familiares, apenas com amigos. Esta vontade de partilha de boleias deveu-se à poupança de custos desta opção, bem como à interação social dela decorrente. Assim, podemos inferir que as disposições de Joaquim para a prática de partilhar boleias aparentam ser duais: por um lado, o critério económico e, por outro, a componente de convívio, de socializar com outras pessoas. As disposições de Joaquim são, assim, duplamente ativadas, em função de um contexto em que privilegia a poupança, um critério

económico, e outro em que se alia a importância que atribui à convivialidade e sociabilidade:

“Partilhava boleia por dois motivos: quando ia no meu carro queria dividir custos; quando ia com alguém esta opção ficava mais barata que as restantes e é sempre uma viagem mais agradável e divertida, passa-se melhor o tempo.”

Chegou a partilhar boleia duas vezes por semana e quando mudou de casa e começou a trabalhar, passou a utilizar as boleias uma vez por semana, pois regressava ao Porto às segundas-feiras por volta das 6h00 da manhã. Considera que essa não é a melhor hora para conversar com outras pessoas e por isso preferia utilizar o comboio, aproveitando para dormir e descansar mais um pouco.

De salientar que Joaquim utilizou estas boleias enquanto condutor e enquanto passageiro. Na maioria das vezes foi condutor e, por isso, combinava um ponto de encontro que fosse de fácil acessibilidade para todos os utilizadores, tentando, sempre que possível, deixá-los no seu local de destino. Por outro lado, quando era Joaquim a procurar boleias, ia ter ao local definido e sentia que os condutores tinham o cuidado de o deixar no local previsto, ou muito perto. No seu dia-a-dia, o meio de transporte que mais utiliza é o carro, pois dá-lhe a liberdade de ter o horário que quer:

“O meio de transporte que mais utilizo é o carro, porque é confortável e permite que tenha os horários que quero. Quando vivia no Porto, não tinha outra forma de ir para o trabalho a não ser de carro, contudo o carro permite-me ir às horas que quero para o trabalho e regressar às horas que quero.”

Apesar de reconhecer que um dos aspetos que valoriza é a interação social, se tivesse oportunidade de viajar de avião, fá-lo-ia em detrimento das boleias, dependendo da sua vontade para socializar com as outras pessoas:

“Há dias em que gostamos de conversar e conhecer pessoas novas, outros há que não nos apetece tanto. Contudo, eu diria na maior dos dias, desde que não tivesse um tempo muito maior de deslocação do que o avião, preferia a boleia.”

Como principal desvantagem deste meio de deslocação, elege a incerteza decorrente de encontrar membros do grupo do *Facebook* “Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!” que queiram fazer a mesma viagem no mesmo horário:

“Considero que o que corre menos bem é não termos a certeza de que as boleias vão acontecer, pode não haver condutor ou boleia para o dia, hora e local que procuramos. Já me aconteceu querer uma boleia e não a ter, porque não havia nenhuma disponível. O principal problema das boleias é não ser algo certo!”

No dia-a-dia, Joaquim considera que partilhar boleia é uma forma viável de se deslocar, contudo, isso não se ajustava ao estilo de vida que tinha, por exemplo, quando vivia no Porto. Nessa altura, Joaquim nem sempre conseguia sair a horas do trabalho e nem sempre queria voltar para casa depois do trabalho, preferindo, muitas vezes, ir jantar com amigos. Assim, defende que as boleias podiam ser partilhadas no dia-a-dia por pessoas que tivessem um horário de trabalho fixo e que já tivessem a vida mais estabilizada, e uma família. Nestes casos, as pessoas que partilhavam boleia iriam ter os mesmos horários e a mesma rotina diária, por isso, não haveria incompatibilidade em termos de horário, nem em termos de destino entre as pessoas que partilhavam boleia. Enquanto vivia no Porto, Joaquim experimentou partilhar boleia em menos de uma semana entre Porto e

Paços de Ferreira, e verificou que isso não resultava para si, dada a incompatibilidade de horários com a sua vida social:

“Em relação à partilha de boleias, eu considero que é uma forma viável para nos deslocarmos no dia-a-dia. Porém, também nas partilhas de boleias durante o dia-a-dia impõe-se a questão dos horários. (...) Houve dias em que tive de ficar a trabalhar até mais tarde, houve atrasos, se quisesse ir jantar com amigos não podia, porque vinha de boleia, etc.”

Relativamente à partilha de boleias em distâncias maiores, Joaquim defende que é benéfico para os indivíduos, porque as viagens são melhores se forem bem acompanhadas:

“Já sob o ponto de vista da partilha de boleias entre Porto e Lisboa considero sem dúvida que é muito benéfico, porque conheces pessoas novas e a viagem decorre por isso de uma melhor forma. Vamos entretidos na maior parte do tempo, porque vamos 3 a 4 pessoas a conhecer-nos melhor e a partilhar interesses.”

Joaquim defende que as boleias permitem reduzir a poluição e o trânsito, contribuindo para as pessoas passarem menos tempo na estrada:

“Para a sociedade, a redução da poluição e do trânsito constituem os principais benefícios das boleias. Não poluímos tanto e se toda a gente partilhar boleia com 4 pessoas, temos um quarto dos carros na estrada, o que é muito bom. É benéfico para a sociedade, porque as pessoas não passam tanto tempo no trânsito e por consequência vão havendo tanto trânsito tantos carros não há tanta poluição.”

Joaquim afirma que se voltar a fazer viagens entre Porto e Lisboa e não tiver companhia, ou não tiver amigos para partilhar boleia, vai recorrer, novamente, ao grupo de boleias e acredita que estas apresentam vantagens para as pessoas que as utilizam.



Uma análise do seu discurso permite aferir que, embora reconheça que esta prática de consumo apresenta inúmeros benefícios para a sociedade, nomeadamente ao nível ambiental, Joaquim partilha boleias, essencialmente, por razões económicas, porque isso lhe permite dividir custos durante as viagens. Para além disso, ao longo do seu discurso, é visível a importância que dá à convivialidade inerente a esta prática.

Esta convivialidade que Joaquim valoriza é também visível na vontade que demonstra em estar com os amigos depois do trabalho e as saudades que demonstra ter dos tempos em que vivia no Porto, por ter uma maior disponibilidade para estar com os seus amigos. Adicionalmente, Joaquim revela não ter receio de viver novas experiências, uma vez que também em *Erasmus* já tinha usado boleias, sem utilizar uma plataforma.

Apesar de Joaquim apreciar esta convivialidade, quando foi questionado sobre deslocar-se de avião para as viagens Lisboa-Porto, considera-o um meio de transporte alternativo, nomeadamente, à segunda-feira de manhã, pois tinha preferência por vir de comboio, quando vinha muito cedo, para descansar e não ter de falar com pessoas a essa hora.

Ao longo do seu discurso denota-se que refere que utiliza a boleia porque é mais vantajoso do ponto de vista económico, o que é um valor materialista, e porque valoriza o convívio entre as pessoas, durante a viagem, o que reflete valores de cariz pós-materialista, na medida em que o convívio promove a expressão pessoal.

Em última análise, existe uma dualidade de critérios para a partilha de boleias, a poupança económica e o convívio inerente à partilha de boleias, sendo que o critério económico parece prevalecer à vontade de interagir com outras pessoas durante as viagens.

## 2.2. Análise transversal dos quatro retratos sociológicos

A análise individual de cada um dos retratos sociológicos permite-nos identificar que a poupança económica é uma motivação transversal aos quatro entrevistados. Efetivamente, os quatro entrevistados afirmam utilizar as boleias por uma questão de necessidade económica, já que lhes permite dividir os custos da deslocação. Esta constatação vai ao encontro dos resultados dos estudos realizados por Vaquero e Calle (2013), Botsman e Rogers (2011) e Böcker e Meelen (2016). Contudo, no retrato do José Teodoro é evidente que esta necessidade e a consequente vontade de poupar tem um objetivo moral, que é o de proporcionar melhores condições de vida ao seu filho de 5 meses.

Já no que toca à componente de interação social que decorre da partilha de boleias, a Rute Rodrigues, o Joaquim Santos e a Mónica Marques indicam que este é um aspeto que valorizam. Sendo a Rute açoriana e estando longe da sua família, esta partilha de boleias é valorizada sobre o ponto de vista da sociabilidade, uma vez que conhece pessoas novas, que partilham histórias e experiências e a Rute considera ganhar “um bocado mais de cultura acerca de tudo.” O Joaquim afirmou que, apesar de partilhar boleias para dividir custos, esta é também uma forma de ter “uma viagem mais agradável e divertida”, a qual lhe permite passar melhor o tempo. Por outro lado, a Mónica Marques aproveita estas viagens para se distanciar das mentalidades das pessoas da sua geração, que classifica como “bolorentas” e aproximar-se das gerações mais novas, pois pode, nestas viagens, partilhar as suas experiências e conhecer mais sobre as realidades das outras pessoas. Deste modo, esta importância dada à interação social surge alinhada com o que foi defendido por Vaquero e Calle (2013) e Botsman e Rogers (2011).

Apesar de José Teodoro referir que as boleias são positivas, porque permitem um contacto com novas culturas e realidades, revela preferir viajar sozinho ou com pessoas que conhece:

“Eu sempre que posso, eu vou sempre sozinho. Sempre que posso e estou bem financeiramente, vou sempre sozinho. Se vejo que dá e olha “hoje eu quero poupar e assim”, meto um *post*, se tiver pessoal para ir comigo e se tiver pessoal para ir buscar senão também já não me chateio muito.”

Este facto constitui uma singularidade única face aos restantes entrevistados, que valorizam muito a interação social decorrente desta partilha.

É importante ainda salientar a personalidade ousada e determinada da Mónica Marques. Sendo a Mónica Marques a entrevistada e a inquirida mais velha (50 anos), esta afirma ser uma exceção para as pessoas da sua idade, não contando a muitas pessoas que dá boleias a pessoas estranhas. A Mónica valoriza também a cooperação e solidariedade que emerge nas boleias e acredita que este deve ser o caminho para vários setores da economia e da própria sociedade. Esta cooperação também é valorizada pela Rute Rodrigues, que tal como a Mónica Marques, considera que as pessoas devem deixar de estar focadas unicamente nas suas vidas e abrir horizontes, conhecer novas realidades e usufruir de diferentes experiências.

Note-se que José Teodoro também revela ter um sentido de solidariedade para com os outros quando afirma que vai continuar a partilhar boleias, ainda que mais não seja para ajudar as outras pessoas que “Em vez delas pagarem 30 euros para ir de comboio, se puderem pagar 15 euros vão no lugar do meu carro eu não me importo de os levar.” Este altruísmo está alinhado com o princípio de solidariedade que Vaquero e Calle (2013) defendem existir nas práticas de consumo colaborativo.

No que toca aos valores materialistas e pós-materialistas enunciados por Inglehart (1997), verifica-se uma dualidade de critérios em todos os entrevistados. Atentemos aos casos do Joaquim Santos e Mónica Marques.

Joaquim Santos evidencia valorizar o convívio com pessoas na partilha de boleias, sendo este um valor pós-materialista. Por outro lado, procura nas boleias dividir custos, estando esta motivação inserida nos valores materialistas. Já Mónica Marques, também evidencia valores materialistas, quando refere que utiliza boleias porque necessita delas, em termos financeiros, pois permitem-lhe poupar dinheiro. Não obstante, estão também presentes valores pós-materialistas no seu discurso quando refere os inúmeros benefícios que a partilha de boleias apresenta, quer em termos de sociabilidade quer em termos ambientais. No discurso da Rute Rodrigues, destaca-se a importância que atribui à segurança das pessoas que a acompanham durante as deslocações e a poupança de custos, os quais se tratam de valores materialistas. Por outro lado, a Rute valoriza também a cooperação que se gera nas viagens, como já vimos anteriormente, sendo este um valor pós-materialista. Estes aspetos estão todos intimamente relacionados com os valores materialistas. Por fim, José Teodoro demonstra ser uma pessoa altruísta, sendo os valores morais aqueles que mais o guiam nesta partilha de boleias. Em suma, não é visível a mudança de valores materialistas para pós-materialistas defendidas por Inglehart (1997) nos resultados obtidos a partir destas quatro entrevistas.

No que toca à confiança que, de acordo Buczynski (2013) e Bostman e Rogers (2011) é importante nesta prática, a Rute Rodrigues foi a única que referiu procurar informação sobre os inquiridos e José Teodoro demonstrou também ter tido uma resistência inicial em partilhar boleias com desconhecidos.

É ainda importante destacar que todos os entrevistados, com exceção do José Teodoro, quando questionados sobre os aspetos positivos que as boleias têm para a sociedade, mencionaram que contribui para a redução da poluição, o que evidencia preocupações ambientais, de cariz ecológico, e, nessa medida, associadas aos valores pós-materialistas.

## Capítulo 4:

### Conclusões

Hoje em dia, existem inúmeras formas de consumo colaborativo, que abrangem diversos setores da economia, e que têm em comum o facto de se alicerçarem na Internet enquanto meio de difusão. De acordo com Botsman e Rogers (2011: xix), a necessidade económica proveniente da crise socioeconómica de 2008 colocou “as pessoas mais abertas a novas formas de acederem ao que necessitam”. Neste sentido, a emergência do consumo colaborativo afigura-se como uma solução lógica, já que permite que os indivíduos tenham acesso a bens e serviços, sem necessitarem de os adquirir.. No caso do grupo de Boleias entre Porto e Lisboa, os indivíduos podem realizar as suas deslocações, sem necessitarem de ter uma viatura ou sem terem que utilizar a sua viatura própria para se deslocarem. Desta forma, no presente estudo procurámos analisar as principais motivações subjacentes à partilha de boleias. Paralelamente, pretendemos ainda analisar se os valores pós-materialistas se sobrepõem aos valores materialistas subjacentes a esta prática de consumo.

Com a realização do inquérito por questionário pretendemos explorar o as características do perfil dos membros do grupo de *Facebook* de boleias entre Porto e Lisboa, explorando a perspetiva dos condutores que partilham boleias e a dos utilizadores que recebem boleias. Já nas entrevistas biográficas realizadas procurámos recolher informação sobre os contextos com que cada entrevistado

contactou, de forma a perceber como é que se formaram as disposições que podem influenciar a utilização de boleias entre Porto e Lisboa.

No que toca ao perfil do utilizador do grupo de boleias entre Porto e Lisboa, não existem evidências que suportem um perfil-tipo. Através da análise do inquérito por questionário, deparámo-nos com um grupo heterogéneo em termos de género, idade, condição perante a atividade económica e condição perante o trabalho.

Relativamente às motivações para a partilha de boleias destes utilizadores, concluímos, através do inquérito por questionário e das entrevistas realizadas, que a poupança de dinheiro é a principal motivação, tal como Vaquero e Calle (2013), Botsman e Rogers (2011) e Böcker e Meelen (2016) defendem nos seus estudos. Há ainda que salientar que a interação social também foi um dos itens mais mencionados pelos entrevistados e pelos inquiridos no que toca à motivação de partilha de boleias, conclusão que se encontra alinhada com o que Vaquero e Calle (2013) e Botsman e Rogers (2011) sustentam.

Relativamente à solidariedade para com outras pessoas, defendida por Vaquero e Calle (2013), esta não teve muita expressão nos resultados deste inquérito por questionário, onde apenas 37 inquiridos em 351 respostas indicaram essa motivação, em resposta à questão “Quais são os principais motivos que o fizeram partilhar boleias) na sua viatura própria? Assinale apenas os dois que considera mais importante”. Também nas entrevistas, este não foi um motivo indicado, à exceção de José Teodoro que afirma que mesmo que tivesse muito dinheiro continuaria a partilhar boleias, pois podia estar a ajudar outras pessoas.

Por outro lado, revela-se importante destacar que os inquiridos revelaram procurar informação sobre os condutores ou passageiros destas viagens, o que sinaliza a importância que a confiança assume nesta prática de consumo. Desta forma, os resultados espelham a confiança como sendo um fator crítico para a

partilha de boleias, estando em linha com o defendido por Buczynski (2013) e Bostman e Rogers (2011). No caso das entrevistas, apenas um das entrevistados mencionou a necessidade de procurar informação sobre as pessoas que a iam acompanhar na viagem, o que pode acontecer por influência da própria mãe, que receia o facto da filha viajar com estranhos.

É importante também reforçar que 72% dos inquiridos que são utilizadores de boleias responderam que preferiam realizar a viagem no seu veículo próprio em detrimento de recorrer às boleias, refletindo o que Bardhi e Eckhardt (2012) concluíram no seu estudo. Note-se ainda que o entrevistado José Teodoro também afirma que preferia viajar sozinho ou com pessoas conhecidas na sua viatura própria, do que ter que partilhar boleias.

No que toca aos valores materialistas e pós-materialistas de Inglehart (1997) associados a esta prática de consumo, verificamos no questionário e nas entrevistas que tanto valores materialistas como pós-materialistas estão subjacentes a esta prática. As respostas ao inquérito por questionário permitem aferir uma predominância dos valores materialistas, quando as principais motivações indicadas para utilizar boleias se prendem com a poupança de dinheiro, rentabilização do espaço do carro, a redução do tempo das deslocações e com o facto de ser uma opção confortável. Com menor taxa de resposta, também surgem como motivações no inquérito por questionário, a solidariedade para com outras pessoas, a preocupação ambiental, que evidenciam valores pós-materialistas. Por outro lado, em todas as entrevistas destacam-se valores materialistas, como a poupança de dinheiro, conforto e segurança, e pós-materialistas, associados à valorização da cooperação e à ajuda ao outro. Desta forma, os valores materialistas continuam a sobrepôr-se aos pós-materialistas, contrariando o defendido por Inglehart (1997).

O tempo disponibilizado para a realização desta investigação constitui a principal limitação, visto que condicionou a dimensão da nossa amostra do

inquérito por questionário e das entrevistas realizadas. Adicionalmente, uma outra limitação consiste no número de inquiridos que não tinham usado as boleias do grupo do *Facebook* "Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!" face ao total da amostra.

Embora o objeto deste estudo fosse os utilizadores do grupo do *Facebook* "Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!" talvez possa ser apontada como limitação o facto de não se ter estendido a outras páginas ou grupos de Boleias existentes entre outros destinos. De acordo com Inglehart (1997), a predominância de valores pós-materialistas sobre valores materialistas é mais evidente em países com níveis de rendimento mais elevados. Desta forma, em termos de investigações futuras, propomos que seja realizado o mesmo estudo aplicado a outra região do mundo, nomeadamente num país com um maior PIB *per capita* do que Portugal para averiguar se os valores pós-materialistas se destacam face aos valores materialistas.

Concluindo, a partilha de boleias é uma forma de consumo colaborativo que acreditamos que tenderá a existir, ainda que seja maioritariamente motivada por motivações económicas.



# Bibliografia

- Albinsson, A., Yasanthi Perera, B. 2012. Alternative marketplaces in the 21st century: Building community through sharing events. *Journal of Consumer Behaviour*, 11(4), 303–315. doi:10.1002/cb.1389
- Bardhi, F., & Eckhardt, G. M. 2012. Access-Based Consumption: The Case of Car Sharing. *Journal of Consumer Research*, 39(4), 881-898. doi:10.1086/666376
- Baudrillard, J. 1998. *The consumer society: myths and structures*. London: Sage.
- Belk, R. 2010. Sharing. *Journal of Consumer Research*, 36(5), 715-734. doi:10.1086/612649
- Belk, R. 2014. You are what you can access: Sharing and collaborative consumption online. *Journal of Business Research*, 67(8), 1595-1600. doi:10.1016/j.jbusres.2013.10.001
- Belk, R. 2007. Why Not Share Rather Than Own? *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 611(1), 126-140. doi:10.1177/0002716206298483
- Böcker, L., & Meelen, T. 2016. Sharing for people, planet or profit? Analysing motivations for intended sharing economy participation. *Environmental Innovation and Societal Transitions*. doi:10.1016/j.eist.2016.09.00
- Botsman, R., Rogers, R. 2010. *What's mine is yours? The rise of collaborative consumption*. HarperBusiness.
- Buczynski, B. 2013. *Sharing is good: How to save money, time and resources through collaborative consumption*. New Society.

- Cruz, I. 2009. *Entre estruturas e agentes: padrões e práticas de consumo em Portugal Continental*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Fulcher, J. e Scott, J. (2007). *Methods and research. Sociology* (Third ed.), Oxford University Press. Oxford
- Inglehart, R. 1997. Modernization, postmodernization and changing perceptions of risk. *International Review of Sociology*, 7(3), 449-459. doi:10.1080/03906701.1997.9971250
- Inglehart, R. 1999. *Globalization and postmodern values*. Center for Strategic and International Studies and the Massachusetts Institute of Technology.
- Lahire, B. 2005. Patrimónios Individuais de Disposições - Para uma sociologia à escala individual. *CIES - ISCTE / Celta*. 11-42. ISSN: 0873-6529
- Leenes, R., & Kosta, E. 2013. *Bridging distances in technology and regulation*. Wolf Legal. 135-150.
- Lopes, J. 2012. *Registos do Actor Plural: Bernard Lahire na Sociologia Portuguesa*. Porto: Edições Afrontamento.
- Möhlmann, M. 2015. Collaborative consumption: Determinants of satisfaction and the likelihood of using a sharing economy option again. *Journal of Consumer Behaviour*, 14(3), 193-207. doi:10.1002/cb.1512
- Ozanne, K., Ballantine, P. 2010. Sharing as a form of anti-consumption? An examination of toy library users. *Journal of Consumer Behaviour*, 9(6), 485-498. doi:10.1002/cb.334
- Prothero, A., Dobscha, S., Freund, J., Kilbourne, W. E., Luchs, M. G., Ozanne, L. K., & Thøgersen, J. 2011. Sustainable Consumption: Opportunities for Consumer Research and Public Policy. *Journal of Public Policy & Marketing*, 30(1), 31-38. doi:10.1509/jppm.30.1.31

- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Ribeiro, B. R., Albuquerque S., Fonseca R. S. J., Pires B. C., Quintino R. Diana. 2013. A procura do consumo financeiramente sustentável. Socialização e representações sociais do consumo, crédito e poupança. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. 65-68.
- Ritzer, G., & Jurgenson, N. 2010. Production, Consumption, Prosumption: The nature of capitalism in the age of the digital 'prosumer'. *Journal of Consumer Culture*, 10(1), 13-36. doi:10.1177/1469540509354673
- Ritzer, G. (2015), The “New” World of Prosumption: Evolution, “Return of the Same,” or Revolution?. *Sociological Forum*, 30: 1–17. doi:10.1111/socf.12142
- Shaheen, S. A., & Cohen, A. P. 2012. Carsharing and Personal Vehicle Services: Worldwide Market Developments and Emerging Trends. *International Journal of Sustainable Transportation*, 7(1), 5-34. doi:10.1080/15568318.2012.660103
- Silva, S. A. & Pinto, M. J. 1986. *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Vaquero, A., Calle, P. 2013. The collaborative consumption: a form of consumption adapted to modern times. *Revista de Estudios Económicos y Empresariales*. 15-30. ISSN: 0212-7237

# Apêndices

## Apêndice I – Inquérito por questionário

No âmbito da dissertação de mestrado, em curso na Católica Porto Business School, "Estudos sobre práticas de Consumo colaborativo e perfis de consumidores colaborativos", pedimos a sua colaboração para responder a um breve inquérito relativo à utilização de serviços de boleias. Todas as respostas são confidenciais.

Não existem respostas certas nem erradas.

Obrigado pela sua colaboração,

Ana Rodrigues

1. Qual das seguintes redes sociais utiliza mais?

- a. *Facebook*
- b. *Instagram*
- c. *Snapchat*
- d. *Twitter*
- e. Outra: \_\_\_\_\_
- f. Nenhuma

2. Conheceu o grupo de "Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!" através de:

- a. Amigo(s)
- b. Familiar(e)s
- c. Colega(s) de trabalho
- d. Web/Internet
- e. *Facebook*
- f. Publicidade
- g. Comentários de outras pessoas
- h. Outra: \_\_\_\_\_

3. Qual é o principal meio de transporte que utiliza nas deslocações do seu dia-a-dia?

- a. Transportes Públicos (autocarro, comboio, metro, etc)
- b. Viatura Própria
- c. Viatura da Empresa
- d. Viatura de um Amigo
- e. Viatura de um Familiar
- f. Bicicleta
- g. Outro: \_\_\_\_\_

4. Quais são os principais motivos que o levam a utilizar esse meio de transporte?

Assinale apenas os dois que considera mais importantes.

- É confortável
- Permite poupar dinheiro
- Reduz o tempo despendido em deslocações
- É seguro
- É amigo do ambiente
- Confere-lhe privacidade
- Permite conhecer e/ou interagir com pessoas
- Pode escolher a hora e destino onde quer ir
- Outra: \_\_\_\_\_

5. Tem viatura própria?

- a. Sim
- b. Não

Nas próximas questões deverá responder na ótica de partilha de boleia, enquanto condutor.

6. Já partilhou boleias na sua viatura própria através da plataforma "Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!" ?

- a. Sim, semanalmente
- b. Sim, quinzenalmente
- c. Sim, mensalmente
- d. Sim, ocasionalmente
- e. Sim, uma vez
- f. Não

#### **Experiência enquanto condutor**

7. Procurou, previamente, informações sobre as pessoas que o acompanhariam durante a viagem?

- a. Sim
- b. Não

8. Quais são os principais motivos que o fizeram partilhar boleias na sua viatura própria? Assinale apenas os dois que considera mais importantes.

- É confortável
- Permite poupar dinheiro
- Reduz o tempo despendido em deslocações
- Preocupação ambiental
- Permite conhecer e/ou interagir com pessoas
- Partilha de uma nova experiência
- Rentabilização do espaço do carro

- Solidariedade para com as pessoas que precisam de reduzir custos
- Outra:\_\_\_\_\_

9. Em que situações partilhou boleia na sua viatura própria?

- Deslocações casa trabalho/estabelecimento de ensino
- Deslocações de trabalho de carácter pontual
- Saídas de fim-de-semana ou de lazer
- Em viagens de férias
- Em viagens pessoais/familiares de média/longa distância
- Nas alturas do ano em que o clima está mais incerto ou menos ameno (chuva, frio, calor excessivo, etc.)
- Outra:\_\_\_\_\_

10. Qual o seu nível de satisfação médio face a cada um dos seguintes itens quando partilha boleias:

	<b>Nada Satisfeito</b>	<b>Pouco Satisfeito</b>	<b>Nem satisfeito nem Insatisfeito</b>	<b>Satisfeito</b>	<b>Muito Satisfeito</b>
Conforto					
Custo da viagem					
Duração da viagem					
Interação Social					
Partilha de uma nova experiência					
Preocupação Ambiental					



11. Qual(is) a(s) distância(s) em que já partilhou boleia na sua viatura própria?

- < 15 km
- 15 – 49 km
- 50 – 99 km
- 100 – 249 km
- 250 – 500 km
- > 500 km

**Razões para que não utilize o serviço enquanto condutor**

*Se partilha boleia, pode avançar esta questão.*

- Não tem viatura própria
- Tem disponibilidade financeira para utilizar o seu veículo próprio sem necessitar de o partilhar
- Gosta de conduzir o seu carro e poder escolher para onde e quando quer ir
- Não sente que haja privacidade
- Não precisa de partilhar carro para interagir e/ou conhecer pessoas
- Não lhe agrada a ideia de partilhar o carro com pessoas que não conhece ou que não lhe são próximas
- Sente insegurança ao partilhar o carro com pessoas que não conhece ou que não lhe são próximas
- A rede de transportes públicos satisfaz as suas necessidades
- É mais eficiente viajar de transportes públicos
- Tem ideia de que no acerto de contas final fica muito caro
- Na sua opinião, a partilha de carro não é em geral uma boa alternativa ao transporte público

- Embora já tenha ouvido falar, nunca procurou informar-se de como funciona
- Outra: \_\_\_\_\_

Nas próximas questões deverá responder na ótica de utilizador da boleia, enquanto ocupante da viatura e não na condição de condutor.

13. Já fez alguma(s) viagem(ns) à boleia de outra pessoa através da plataforma a "Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!" ?

- a. Sim, semanalmente
- b. Sim, quinzenalmente
- a. Sim, mensalmente
- b. Sim, ocasionalmente
- c. Sim, uma vez
- d. Não

### **Experiência enquanto utilizador da boleia**

14. Procurou recomendações sobre o condutor, antes de realizar viagem?

- a. Sim
- b. Não

15. Quais são os principais motivos que o fizeram utilizar a boleia de outra(s) pessoa(s)? Assinale apenas os dois que considera mais importantes.

- É confortável
- Permite poupar dinheiro
- Reduz o tempo despendido em deslocações
- Sente-se mais seguro(a) a ser conduzido(a) do que a conduzir

- Preocupação ambiental
- Permite conhecer e/ou interagir com pessoas
- Partilha de uma nova experiência
- Outra:\_\_\_\_\_

16. Em que situações recorreu ao serviço de boleia de outra(s) pessoa(s)?

- Deslocações casa trabalho/estabelecimento de ensino
- Deslocações de trabalho de carácter pontual
- Saídas de fim-de-semana ou de lazer
- Em viagens de férias
- Em viagens pessoais/familiares de média/longa distância
- Nas alturas do ano em que o clima está mais incerto ou menos ameno (chuva, frio, calor excessivo, etc.)
- Outra:\_\_\_\_\_

17. Qual o seu nível de satisfação médio face a cada um dos seguintes itens quando partilha boleias:

	<b>Nada Satisfeito</b>	<b>Pouco Satisfeito</b>	<b>Nem satisfeito nem Insatisfeito</b>	<b>Satisfeito</b>	<b>Muito Satisfeito</b>
Conforto					
Custo da viagem					
Duração da viagem					
Segurança da Condução					
Interação Social					

Partilha de uma nova experiência					
Preocupação Ambiental					

18. Qual(is) a(s) distância(s) em que já partilhou boleia na sua viatura própria?

- < 15 km
- 15 – 49 km
- 50 – 99 km
- 100 – 249 km
- 250 – 500 km
- > 500 km

19. Se tivesse oportunidade de realizar as viagens com a sua viatura própria, em alternativa à utilização do serviço de boleia de outras pessoas, fá-lo-ia?

- a. Sim
- b. Não

### **Razões para que não utilize o serviço enquanto utilizador**

*Se já utilizou o serviço de boleia, pode avançar esta questão.*

20. Por favor, indique quais as razões que fazem com que não utilize o serviço de partilha de boleias?

- Sente insegurança quando é conduzido(a) por pessoas que não conhece
- Não existe flexibilidade em termos de horário
- Não sente que haja privacidade
- Tem veículo próprio, por isso não precisa
- Não precisa de recorrer a este serviço para interagir e/ou conhecer pessoas

- Gosta de ter autonomia de decisão para escolher para onde e quando quer ir
- A rede transportes públicos satisfaz as suas necessidades
- É mais eficiente viajar de transportes públicos
- A escolher uma alternativa a utilizar este serviço, prefere o transporte público porque é amigo do ambiente
- Na sua opinião, a partilha de carro não é em geral uma boa alternativa ao transporte público
- O Taxi serve o mesmo propósito na deslocação e é mais seguro
- Embora já tenha ouvido falar, nunca procurou informar-se de como funciona
- Outra: \_\_\_\_\_

### **Caracterização Sociodemográfica**

21. Género

- a. Feminino
- b. Masculino

22. Qual é a sua idade?

\_\_\_\_\_

23. Estado Civil:

- a. Solteiro(a)
- b. Casado(a)
- c. Divorciado(a)

24. Nível de Escolaridade

- a. Ensino Básico
- b. Ensino Secundário
- c. Bacharelato
- d. Licenciatura
- e. Mestrado
- f. Doutoramento
- g. Outro:\_\_\_\_\_

25. Condições perante o trabalho:

- a. Estudante
- b. Trabalhador-estudante
- c. Empregado(a)
- d. Desempregado(a)
- e. Incapacitado para o trabalho
- f. Reformado
- g. Doméstico(a)
- h. A frequentar ação de formação profissional
- i. Outra:\_\_\_\_\_

26. Qual o seu nível de rendimento bruto mensal?

- a. 0€
- b. 1€ a 499€
- c. 500€ a 749€
- d. 750€ a 999€
- e. 1000€ a 1249€
- f. 1250€ a 1499€
- g. 1500€ a 1749€

- h. 1750€ a 1999€
- i. 2000€ a 2249€
- j. 2250€ a 2500€
- k. Mais de 2500€

27. Qual a profissão que exerce atualmente?

---

28. Qual a sua condição perante a atividade económica?

- a. Tem uma atividade a tempo completo
- b. Tem uma atividade a tempo parcial
- c. Não exerce atividade, mas já exerceu
- d. Nunca exerceu uma atividade, mesmo pontualmente

Pretendemos realizar entrevistas para conhecer melhor os motivos para partilhar boleias. Estes testemunhos são fulcrais para esta pesquisa. Os dados recolhidos serão utilizados no âmbito deste estudo, e sempre com a garantia de confidencialidade. Se estiver disponível para nos conceder uma entrevista, deixe-nos, por favor, o seu contacto.

---

Muito obrigado por ter disponibilizado o seu tempo para responder a este questionário. Qualquer questão que tenha sobre o trabalho académico desenvolvido, pode enviar *e-mail* para [acatrodrigues@gmail.com](mailto:acatrodrigues@gmail.com).

## Apêndice II – Figuras e tabelas relativas ao Inquérito por Questionário

### 1.1. Caracterização Sociodemográfica

**Tabela 4:** Número de inquiridos por profissão

<b>Profissões</b>	<b>Número de inquiridos</b>
Estudante	58
Militar	21
Consultor(a)	19
Desempregado(a)	17
Gestor(a)	15
Professor(a)	13
Comercial	11
Técnico(a) de Recursos Humanos	8
Engenheiro	6
Estagiário(a)	6
Tradutor(a)	6
Auditor(a)	5
Controller Gestão	5
Médico(a)	5
Account Manger	4
Agente da PSP	4
Agente de Call Center	4
Bancário(a)	4
Docente	4
Engenheiro Civil	4
Administrativo	3
Contabilista	3
Economista	3
Enfermeiro(a)	3
Engenheiro Informático	3
Explicador(a)	3
Técnico de Marketing	3
Técnico(a) Administrativo	3
Advogado(a)	2
Barman/Barmaid	2
Consultor de Recursos Humanos	2
Consultor(a) fiscal	2
Designer	2

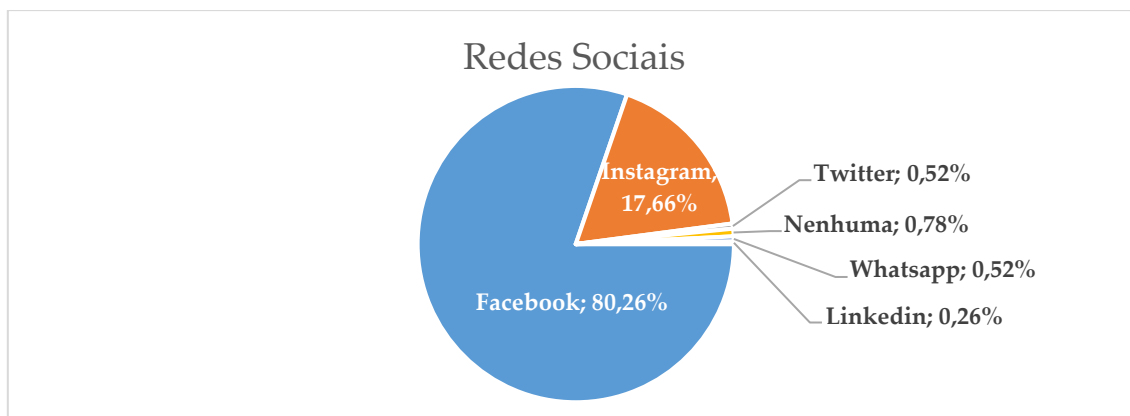


Designer Gráfico	2
Diretor comercial	2
Empresário(a)	2
Gestor de Cliente	2
Guarda prisional	2
Informático	2
Investigador(a)	2
Jurista	2
Marketeer	2
Nutricionista	2
Pasteleiro(a)	2
Polícia	2
Produtor de Cinema	2
Psicóloga	2
Técnico(a) Informática	2
Voluntária	2
À procura do primeiro emprego	1
Afinador	1
Analista	1
Arquitetura	1
Arte	1
ASIC Digital Design Engineer	1
Assistente Comunicação	1
Assistente de Porto	1
Assistente Dentária	1
Assistente social e empregada de mesa	1
Atriz	1
Atuario	1
Babysiter	1
Bolseira	1
CFO	1
Chef de Cozinha	1
Chefe de administração	1
Consultor de Gestão	1
Consultor IT	1
Consultora jurídica	1
Consultoria em gestão	1
Contrato de estágio de formação pública	1
Coordenador	1
Cozinheira	1
Departamento Financeiro	1
Desenhador	1
Designer Gráfico e Web Designer	1
Director de Centro Financeiro	1

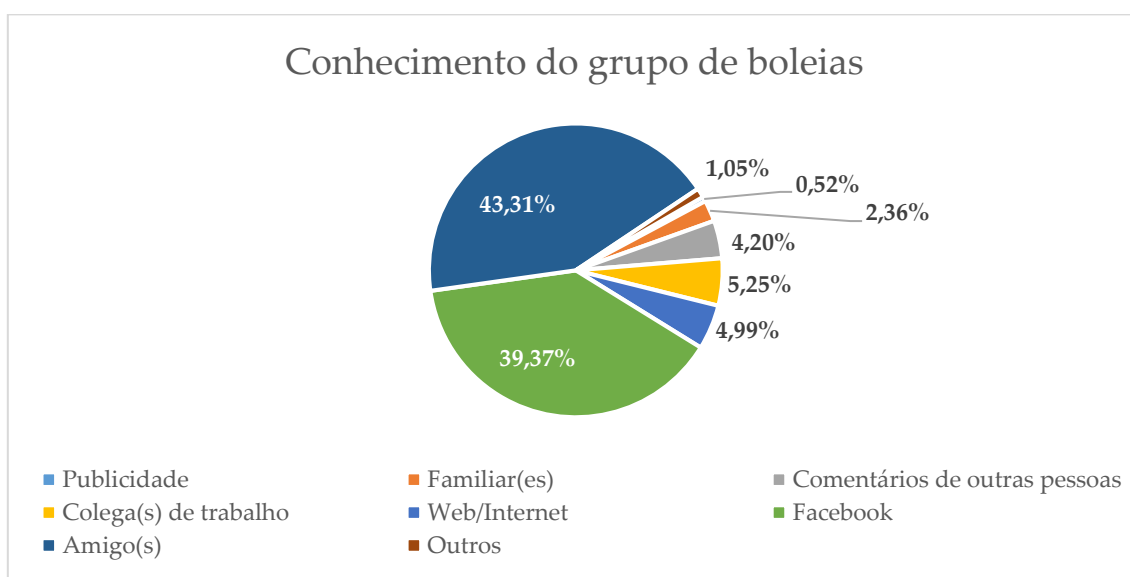
Directora Desportiva	1
Diretor	1
Docente Universitário	1
Empreendedor	1
Empregada de balcão	1
Engenheira do Ambiente	1
Engenheiro Software	1
Executivo de Vendas	1
Fac-totum numa associação cultural	1
Farmacêutico	1
Filmmaker e editora de video	1
Fisioterapeuta	1
Formacao profissional	1
fp	1
Funcionário público	1
Funileiro	1
Gestão Hoteleira	1
Gestora eventos	1
Hospedeira	1
Hospedeira/coordenadora eventos	1
Hotelaria	1
HRBP	1
Investidor imobiliário	1
Knowledge and Improvement Management	1
Lojista	1
Manequim	1
Mediador seguros	1
Médica Veterinária	1
Militar GNR	1
Mobiliário	1
Motorista	1
Motorista Uber	1
Músico	1
Não é relevante	1
Oficial do Exército	1
Operacional	1
Operador loja	1
Ortoptista	1
Pai a full time	1
Patologista	1
Personal trainer	1
Piloto-aviador	1
Procura de emprego	1
Produtor de Rádio	1

Produtora, cantora	1
Professora de dança	1
Professora de Ginásio/ lojista	1
Professora/Investigadora	1
Project engineering	1
Recepcionista	1
Recepcionista/ segurança	1
Reformada	1
Responsável de cobranças	1
Restauração	1
Secretaria de direção	1
Sector Publico	1
Técnica de análise de risco	1
Técnica de Radiologia	1
Técnica superior de saúde	1
Técnico Bancário	1
Tecnico de CAD/CAM	1
Terapeuta	1
Terapeuta da fala	1
Tesouraria	1
Trabalhador-estudante	1
Treinador de Natação adaptada	1
Ts	1
TSSHT	1
Várias	1
Vendedora	1
Vitrinista	1
Web Developer	1

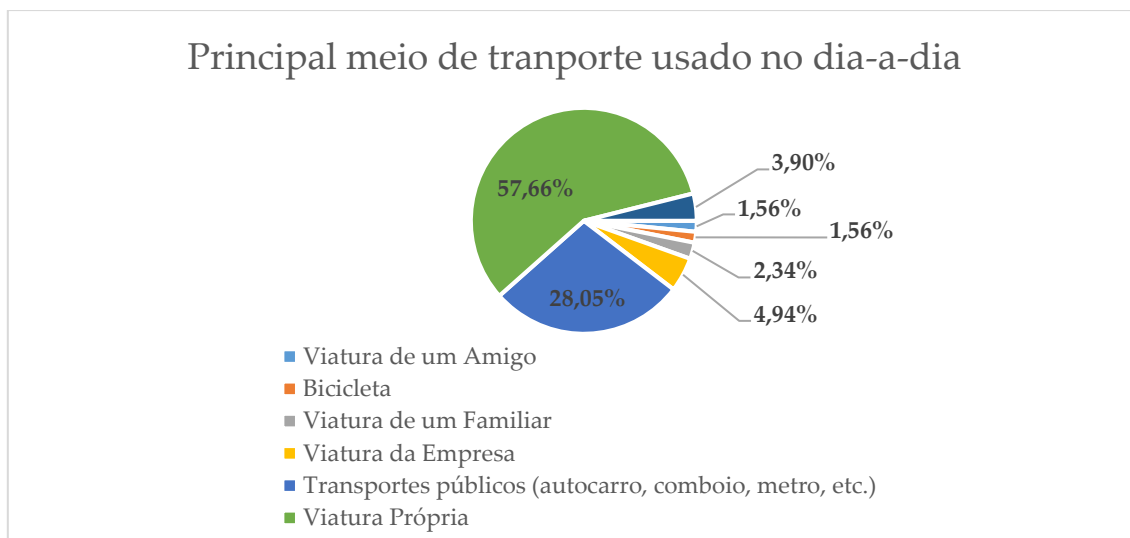
## 1.2. Preferências sobre meios de transporte



**Figura 11:** Distribuição da amostra total por utilização de Redes Sociais



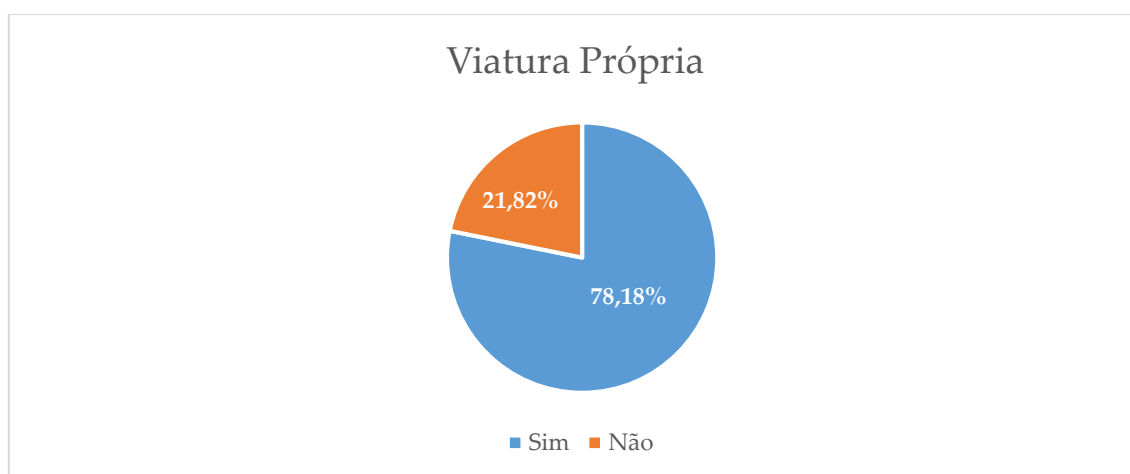
**Figura 12:** Distribuição da amostra total por forma de conhecimento do grupo de boleias



**Figura 13:** Distribuição da amostra total por meio de transporte mais utilizado no dia-a-dia

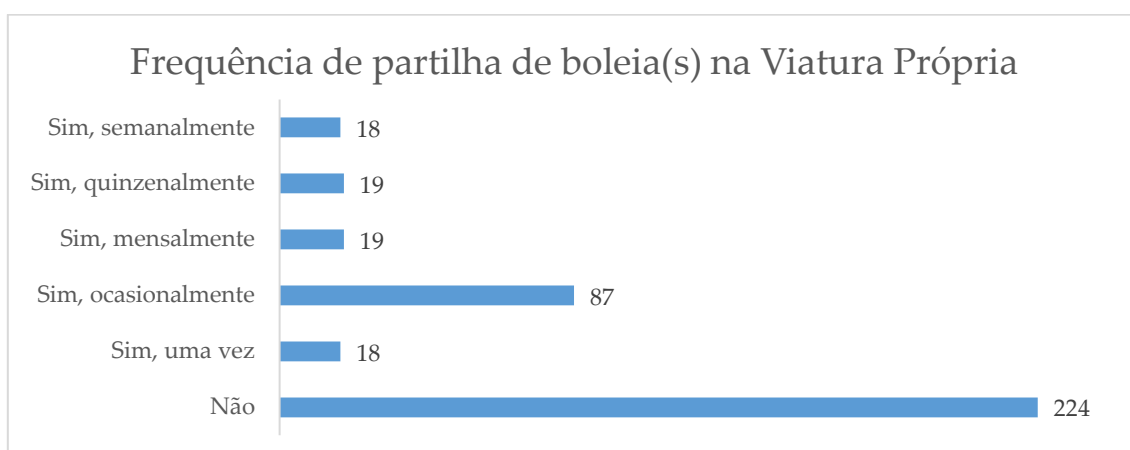
**Tabela 5:** Principais motivos para utilizar o meio de transporte que mais utiliza no dia-a-dia

Motivos para utilizar o meio de transporte que mais utiliza no dia-a-dia	Número de respostas
Reduz o tempo despendido em deslocações	186
Permite poupar dinheiro	161
Pode escolher a hora e destino onde quer ir	157
É confortável	133
É amigo do ambiente	40
Permite conhecer e/ou interagir com pessoas	28
Confere-lhe privacidade	27
É seguro	23
Não tenho carta de condução	3
Não tenho viatura própria	2
Obrigatoriedade profissional	2
Não tinha idade para ter carro	1
Dá-me mobilidade no meu trabalho	1
Devido ao horário de trabalho	1
Emprego longe de transportes públicos	1
Falta estacionamento grátis em Lisboa	1
Menos <i>stress</i> de trânsito e estacionamento	1
Necessidade deslocação rápida	1
Porque não tenho outra possibilidade	1
Permite utilizar um só transporte entre a partida e o destino	1
Tenho poucas alternativas	1
É saudável	1

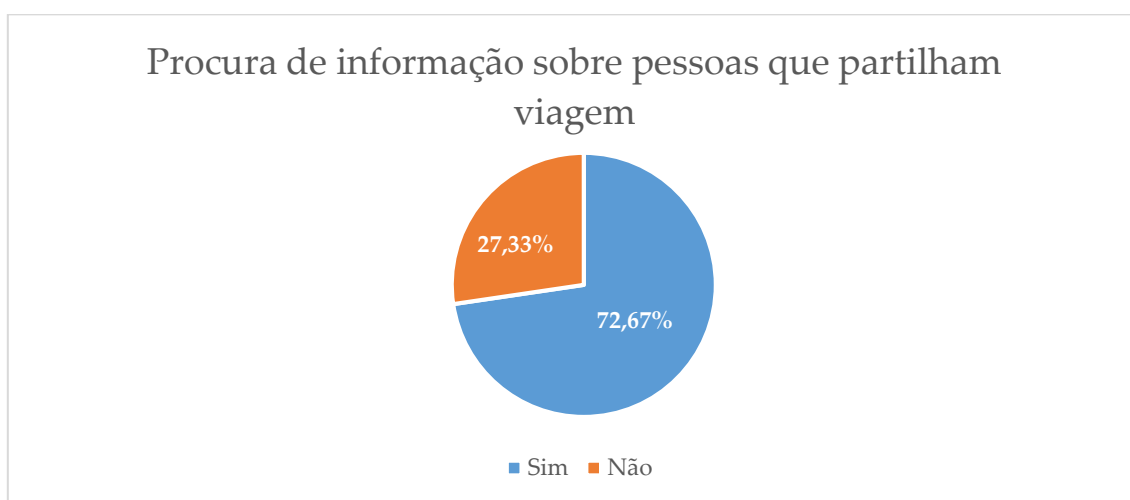


**Figura 14:** Distribuição de inquiridos da amostra total com e sem viatura própria

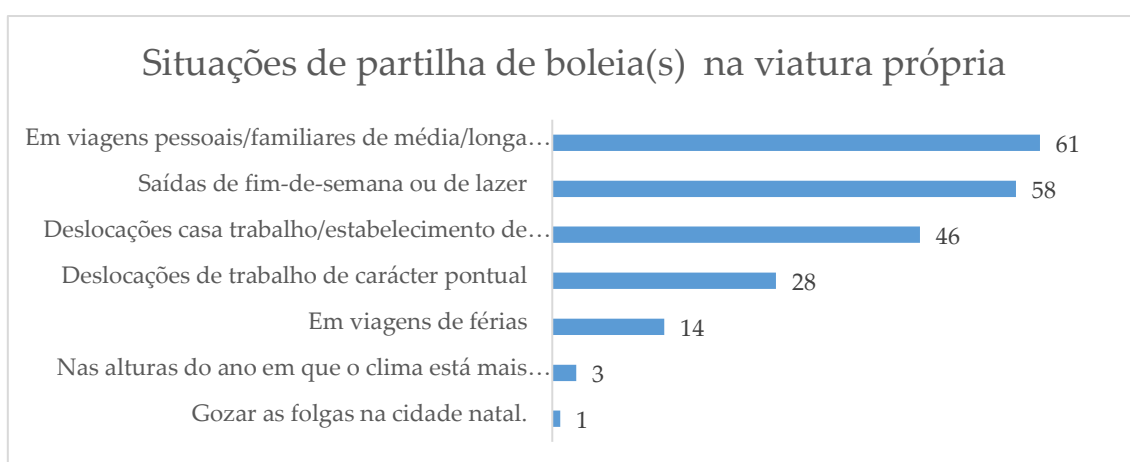
### 1.3. Experiência enquanto condutor



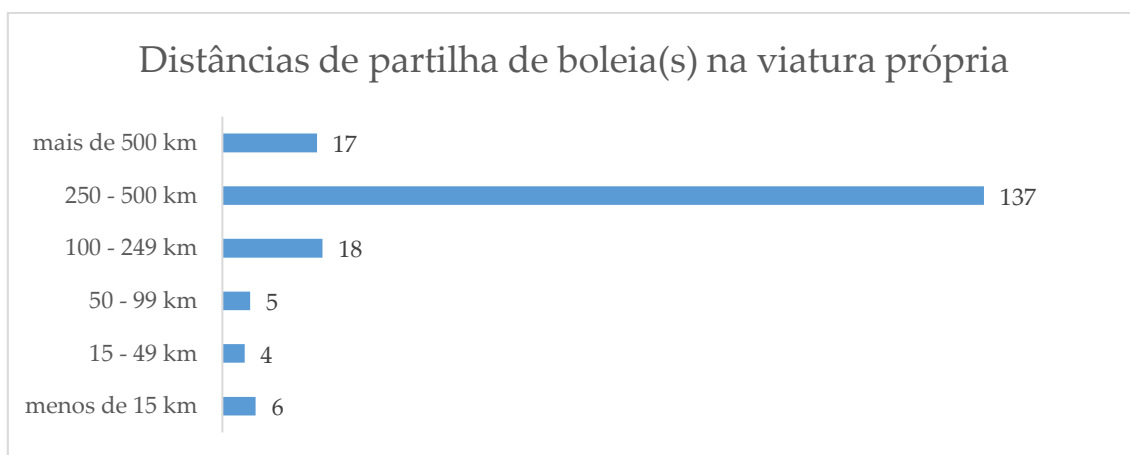
**Figura 15:** Número de inquiridos por frequência de partilha de boleias na viatura própria



**Figura 16:** Distribuição de inquiridos que procura informação sobre as pessoas com quem partilham viagem



**Figura 17:** Número de inquiridos por situações de partilha de boleias na viatura própria



**Figura 18:** Distribuição dos inquiridos que partilham boleia na sua viatura própria por intervalo de kms

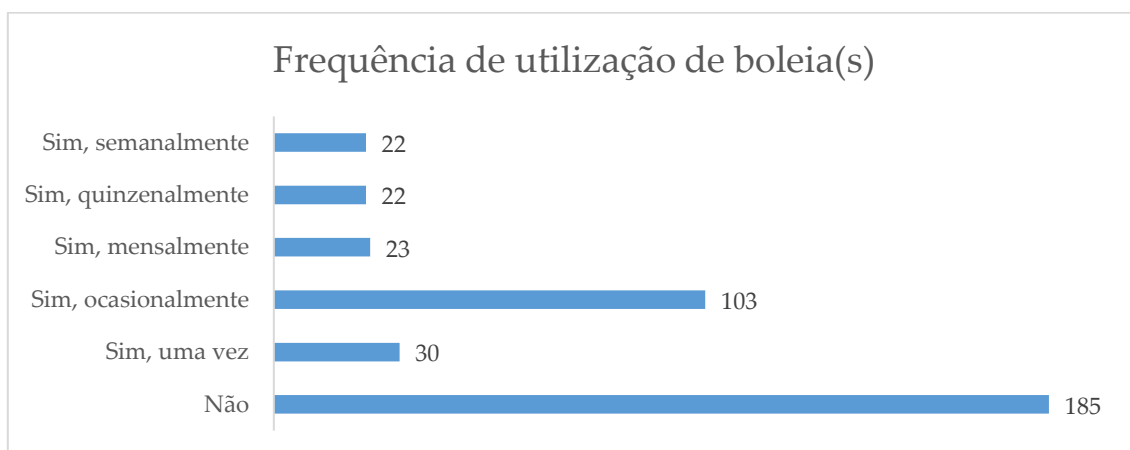
**Tabela 6:** Principais motivos para os inquiridos não darem boleia

Motivos para não dar boleia na viatura própria	Número de respostas
Não tem viatura própria	67
Sente insegurança ao partilhar o carro com pessoas que não conhece ou que não lhe são próximas	54
Não lhe agrada a ideia de partilhar o carro com pessoas que não conhece ou que não lhe são próximas	47
Embora já tenha ouvido falar nunca procurou informar-se de como funciona	47
Gosta de conduzir o seu carro e poder escolher para onde e quando quer ir	39
A rede de transportes públicos satisfaz as suas necessidades	34
Tem disponibilidade financeira para utilizar o seu veículo próprio sem necessitar de o partilhar	29
Não sente que haja privacidade	18
Não precisa de partilhar carro para interagir e/ou conhecer pessoas	18
É mais eficiente viajar de transportes públicos	17
Tem ideia de que no acerto de contas final fica muito caro	9
Na sua opinião a partilha de carro não é em geral uma boa alternativa ao transporte público	6
A minha viatura só tem 2 lugares	5
Nunca surgiu a oportunidade	5
Arranjo boleia	3
Quando publiquei a minha disponibilidade ninguém me contactou	2
Tenho mota	1
Ainda não tive necessidade de usar esse serviço	1
Carro muito antigo e sem condições mínimas	1
Comodidade	1
Consome muito	1
Creio que a minha viatura não tem o conforto necessário.	1

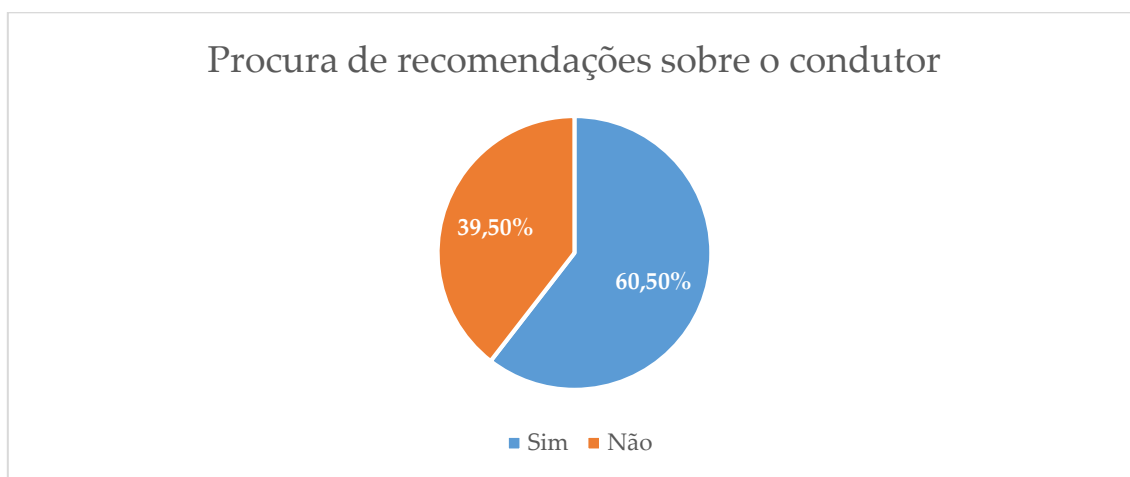
Disponibilidade de horário	1
Eu procuro boleia para não ter de levar o meu carro	1
Dou sempre boleia	1
Inflexibilidade em termos de horários e localização das pessoas com quem seria possível partilhar	1
Não costumo levar carro próprio	1
Não cumprirem horários	1
Não estou confortável com o trajeto	1
Não fui a Lisboa	1
Não gosto de ter a responsabilidade de transportar pessoas estranhas	1
Não tenho a carta de condução	1
Não tenho motivo para não dar boleia, pois é bom para o condutor e para as boleias	1
Não tenho motivos para não dar. Quando levo o meu veículo pessoal dou boleia.	1
Não vejo desvantagens não se aplica a questão no meu caso	1
No destino não precisava do automóvel e o veículo de dois lugares não compensa	1
Para o destino que vou tenho carro lá	1
Quando usava este serviço não tinha o meu carro em Lisboa	1
Quando é algo combinado não me importo de dar boleia. No entanto não daria a qualquer pessoa que estivesse a pedir boleia na rua.	1
Quando não tenho viatura própria disponível	1
Raramente utilizo o meu carro e para longas distâncias prefiro ir à boleia	1
Não gosto de conduzir	1
Tenho viatura de empresa	1
Uma vez que partilho carro com amigos. Não há necessidade de partilhar com pessoas que não conheço no entanto num dia que deixe de ter a mesma deslocação que os meus amigos irei de certeza utilizar o grupo de forma a poupar dinheiro e quem sabe fazer novos contactos	1
Esta pergunta não faz sentido uma vez que já referi que partilho o carro	1
Já partilho carro com amigos nas viagens Lisboa-Porto.	1
Não existe nenhuma razão em específica. No entanto considero que estas opções estão muito mal feitas.	1



#### 1.4. Experiência enquanto utilizador de boleia



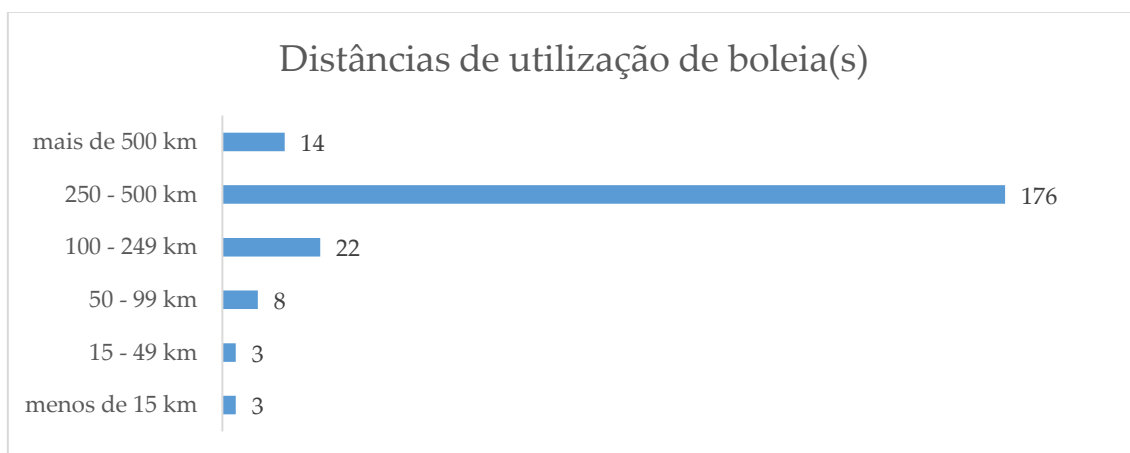
**Figura 19:** Número de inquiridos por frequência de utilização de boleias



**Figura 20:** Distribuição de inquiridos que procura recomendações sobre o condutor



**Figura 21:** Situações de utilização de boleias



**Figura 22:** Distribuição dos inquiridos que utilizm boleias por intervalo de kms

**Tabela 7:** Motivos indicados para não utilizar boleias

Motivos para não utilizar boleias	Número de respostas
Sente insegurança quando é conduzido(a) por pessoas que não conhece	53
Gosta de ter autonomia de decisão para escolher para onde e quando quer ir	49
Embora já tenha ouvido falar nunca procurou informar-se de como funciona	47
Tem veículo próprio por isso não precisa	45
A rede transportes públicos satisfaz as suas necessidades	32
Não sente que haja privacidade	14
Não precisa de recorrer a este serviço para interagir e/ou conhecer pessoas	14
Não existe flexibilidade em termos de horário	13
É mais eficiente viajar de transportes públicos	11
A escolher uma alternativa a utilizar este serviço prefere o transporte público porque é amigo do ambiente	4
Não precisei de usar ainda	4
Ainda não surgiu oportunidade	3
Na sua opinião a partilha de carro não é em geral uma boa alternativa ao transporte público	2
O Taxi serve o mesmo propósito na deslocação e é mais seguro	2
Utilizo	2
Gosto de utilizar o tempo de viagem para trabalhar no computador ou ver filmes e no carro tenho tendência a enjoar no comboio não	1
Não tem sentido responder por causa das respostas anteriores	1
Nunca precisei até à data por não precisar de me deslocar ao Porto amanhã será a primeira vez	1
Nunca surgiu a oportunidade e esqueci-me de o fazer quando houve	1
Partilho boleia com os amigos, mas sem ser através desse grupo	1
Prefiro avião	1
Todas as viagens realizadas foram com grupos de pessoas conhecidas não havendo necessidade de partilha de boleia	1

## Apêndice III – Guião das Entrevistas Realizadas

### BLOCO A.

#### TRAJETÓRIA ESCOLAR E PROFISSIONAL

1. Vamos começar por falar do seu percurso académico (e.g. área de formação, que escolas frequentou, curso,etc)
2. Pode falar-me sobre o seu percurso profissional (e.g. o que faz atualmente, outras profissões que exerceu, com que idade começou a trabalhar...)

### BLOCO B.

#### VIDA FAMILIAR

1. Com quem vive? (Nota: No caso de viver com amigos interessa analisar as suas idades e respetivas profissões.)
2. Tem filhos? Em caso afirmativo, com que idades?
3. Qual a profissão dos seus pais? E dos avós? Níveis de escolaridade de pais e avós.
4. Tem irmãos? O que fazem os irmãos?
5. Já partilhou boleias com irmãos ou outros familiares, no âmbito do grupo das boleias do *Facebook*?
6. Os irmãos ou outros familiares utilizam as boleias do grupo do *Facebook*?
7. Tem familiares que já utilizavam as boleias antes de o próprio começar a fazê-lo?

## BLOCO C.

### SOCIABILIDADE E PRÁTICAS CULTURAIS

1. Como são ocupados os seus tempos livres? Caracterizar de modo detalhado como ocupa os seus tempos livres (Prática desportiva, Atividades ao ar livre, Leitura, Cinema / teatro, Música, Conviver com os amigos...)
2. Faz parte de alguma associação? É sócio de algum clube, ou de uma associação cultural ou ambientalista, por exemplo?
3. Já participou em alguma manifestação? Se sim, em que âmbito (político, ambiental, direitos humanos...)
4. Já partilhou boleias com algum amigo, no âmbito do grupo das boleias do *Facebook*?
5. Os seus amigos utilizam as boleias do grupo do *Facebook*?
6. Tem amigos que já utilizavam as boleias antes de o próprio começar a fazê-lo?
7. Pode descrever-me um dia do seu quotidiano de trabalho?
8. Pode descrever-me um dia do seu quotidiano de lazer (fim de semana/ dia de folga)?

## BLOCO D.

### PARTILHA DE BOLEIAS

1. Pode descrever-me um dia em que partilhe boleia no âmbito do grupo?
2. A partilha de boleias é-lhe imposta por contexto profissional? Por contexto académico? Por lazer?
3. Com que frequência partilha boleias?
4. Como é que se processa a partilha da boleia? (Quem estabelece o ponto de encontro? Como se dividem as despesas; O condutor deixa as pessoas nos seus destinos? etc.)

5. Qual o seu meio de transporte de eleição e porquê?
6. Como conheceu o grupo de boleias do *Facebook*?
7. Quando aderiu ao grupo do *Facebook* de boleias?
8. O que o motivou a aderir ao grupo do *Facebook* de boleias?
9. Em que medida considera que as boleias são diferentes dos outros meios de transporte?
10. Consegue identificar as principais razões que o levam a partilhar boleias?
11. Quais são os constrangimentos que associa à partilha de boleia, caso identifique algum.
12. Valoriza o facto de conhecer pessoas novas durante as viagens? Ou preferia viajar sozinho ou com pessoas que já conhece?
13. Já partilhou boleias para se deslocar para fora do Porto e Lisboa?
14. Considera que as boleias poderiam ser utilizadas no seu dia-a-dia para se deslocar? Se sim, porquê? Se não, porquê?
15. Considera que a partilha de boleias é benéfica para os indivíduos? Se sim, em que aspetos? Se não, porquê?
16. Considera que a partilha de boleias é benéfica para a sociedade? Se sim, em que aspetos? Se não, porquê?
17. Para si, partilhar boleia tem algum significado simbólico, ou é algo meramente utilitário?
18. No futuro, deseja continuar com a partilhar boleias? Se sim, porquê? Se não, porquê?
19. Como vê a partilha de boleias, em termos futuros? Pensa que é algo que se vai generalizar, ou não?

## Apêndice IV – Transcrição das Entrevistas Realizadas

### Entrevista 1 – Mónica Marques

**Entrevistadora (E):** Então, a primeira pergunta que eu gostava de fazer era saber quais foram as escolas que frequentou ao longo da sua trajetória escolar. Que escolas é que frequentou?

**Entrevistada (e):** Que que comece pela primária?

E: Pela primária, todas!

e: Fiz a primária numa aldeia, em Trás-os-Montes, depois de seguida fiz a chamada telescola, que era o equivalente, na altura chamava-se o 1.º e o 2.º ano, agora é o 5.º e o 6.º via televisão não é, depois fiz o 7.º, 8.º e 9.º numa vila próxima, em Valpaços, depois fiz o 10.º em Chaves, que é uma cidade também a uns kms. Depois... achei que a minha vida seria melhor se fosse para Lisboa então fui fazer o 11.º e o 12.º a Lisboa, porque queria ser jornalista e portanto fui frequentar o 11.º e 12.º já via jornalismo. Ir para Lisboa era uma espécie de “sonho americano” e como tal, tudo me deslumbrava. ... foi um processo fácil. Marcou-me o facto de, sem dar conta, um dia estar a viver num bairro de lata, junto ao hospital Santa Maria... tinha que alugar um quarto baratinho e foi a oportunidade que surgiu... Lembro-me, também de viver num quarto de má frequência e de pagar em função dos banhos que tomava... E de ter um namorado que trabalhava num restaurante e que de vez em quando, sem o patrão dar conta, me deixava comer sem pagar!

E: E quando é que descobriu que queria ser jornalista?

e: Hum...Sei lá... Eu queria ser muita coisa, ainda não sei muito bem o que quero ser! Na altura achava que queria! Sempre tive fascínio por conhecer, é um dos traços da minha personalidade, fascínio por conhecer descobrir coisas novas, claro que depois não segui jornalismo, não é!

E: Pois e como é que fez a transição para o outro curso?

e: Não havia tradição familiar de estudos académicos, nem sequer havia possibilidades económicas para fazer, e então eu acabei o 12.º e estava a ver a minha vida, sei lá, a fazer qualquer coisa... Surgiu uma oportunidade, na altura trabalhava numa confeitaria, trabalhava em muitas coisas, e surgiu uma hipótese, "ah se queres continuar a estudar porque é não vais falar com o diretor que pode ser que ele te arranje uma maneira de tu trabalhares e estudares sem gastar dinheiro", e eu timidamente ou não, fui falar com o diretor e ele disse "Ok, comesas a estudar então e trabalhas ao mesmo tempo" então fiz o curso de educadora de infância, que nunca me passou pela cabeça ser educadora de infância. E portanto o jornalismo ficou sempre aqui adormecido, eu queria estudar, não queria saber o quê.

E: Queria conhecer o mais, no fundo?

e: Eu queria estudar, até podia ser outra coisa qualquer, só que depois por algum acaso, a minha vida acabou por seguir sempre o percurso da educação.

E: E chegou a exercer a função de Educadora de Infância?

e: Nunca exerci. Acabei o curso e fui convidada para ficar a trabalhar na faculdade, não porque tivesse boas notas, tinha notas médias, mas porque era muito irreverente.

E: Então foi-se destacando...

e: E talvez por isso, não sei, por fazer coisas diferentes, ser ousada, sempre fui muito ousada nos trabalhos que fazia e essas coisas todas.

E: E esta ousadia para si foi natural? Convidaram-na e foi natural aceitar essa proposta? Tinha outra expectativa?

e: Foi. Não, aproveitei a oportunidade, na vida tenho aproveitado as oportunidades.

E: E quantos anos esteve lá?

e: 25, sensivelmente.



E: Qual foi o projeto mais desafiante que lhe apareceu em mãos ou o trabalho mais desafiante que se lembra? Era muito rotineiro o seu dia-a-dia?

e: Não, nada nada nada... Tive tantos que não me recordo mas para mim os grandes desafios foram, o meu percurso académico, eu fiz o curso e continuei a estudar, nunca parei! Depois fui fazer um diploma de estudo especializado em Supervisão, depois fiz outro Administração Escolar, depois matriculei-me em Ciências da Educação e portanto comecei do zero, 1.º ano parei ali um bocadinho, porque entretanto engravidei... Hum... Depois acabei Ciências da Educação entrei no mestrado Ciências da Educação.

E: Isso tudo enquanto trabalhava enquanto professora?

e: Sim, depois acabei o mestrado e entrei noutra mestrado com doutoramento Integrado, acabei por fazer um segundo mestrado também em Ciências da Educação, depois fiz o doutoramento.

E: Em Ciências da Educação também?

e: Sim, depois fiz uma Pós-graduação em Educação Especial... E depois fiz e faço, o doutoramento, porque não o conclui, também não se conclui o Pós-doutoramento não é, mas desinvesti, neste momento.

E: Em termos de vida familiar, com quem vive atualmente?

e: Vivo sozinha.

E: Em Lisboa?

e: Eu agora vivo em vários sítios, ou seja,... Entretanto a minha vida, deu assim uma volta de 180º não digo, mas por aí, e a faculdade onde eu trabalhava sofreu a crise económica e eu fiquei desempregada. Entretanto o que me pareceu mais rápido em termos de sobrevivência foi candidatar-me àquilo que era mais possível eu entrar, então candidatei-me a Educadora de Infância e então sou educadora há 3 anos. Era o caminho mais viável que tinha para emprego imediato.

E: Mais estável a curto prazo.

e: Sim, a curto prazo era.

E: Mas tem o sonho de voltar a ser professora?

e: Abraçarei qualquer oportunidade que ma apareça!

E: É educadora de infância no Porto?

e: Não, no Montijo.

E: Já vi que tem aqui uma filha, e tem mais filhos?

e: Não.

E: Está a tirado mestrado em...?

e: No Minho.

E: Qual é que é a especialidade?

[Filha da entrevistada responde: Relações Internacionais!]

e: Pensei que havia Relações Internacionais e que depois mais alguma especificidade...

E: Em termos de profissão dos pais, o que é que faziam?

e: Os meus pais tinham uma mercearia/tasca... Uma coisa muita gira com balcões daqueles antigos... Aquelas mercearias mesmo tradicionais com a tasquinha ao lado!

E: E onde é que ficava localizada?

e: Numa aldeia no concelho de Valpaços, onde eu nasci.

E: E os seus avós?

e: O meu avô era guarda-fiscal, a minha avó era doméstica. Da parte do meu pai não sei, tinha tudo muito a ver com a agricultura, aliás os meus pais também eram agricultores.

E: E em termos de escolaridade, que níveis é que tem os seus pais?

e: 4 classe incompleta.

E: Os seus avós?

e: Também devia de ser por aí, ou nem.

E: Já partilhou boleia com algum familiar? Por exemplo com a sua filha ou sempre sozinha?

e: Sozinha... Eu comecei a andar a boleia muito cedo, eu fazia, quando tinha 18/19 anos, fazia boleias Porto/Valpaços, éramos um grupo de 4, nos somos 5 irmãs aliás, e portanto 4 delas íamos e fazíamos boleia, mesmo assim com o dedo, não é assim destas boleias partilhadas

E: Que idades é que tem as suas irmãs?

e: Eu sou a mais nova, portanto a mais velha tem 65/66, também é das boleias! Foi com ela que comecei à boleia!

E: E o que é que fazem as suas irmãs?

e: Essa irmã mais velha é artista! É pintora!

E: E as restantes?

e: Tenho uma assistente de medicina, médica, auxiliar médica, tenho outra também auxiliar hospitalar, depois tenho outra empregada de escritório e depois tenho um irmão que é empresário.

E: São 5 filhos?

e: Éramos 7! Éramos 9!

E: 9?

e: Morreram 2 eram pequeninos... Um morreu a três anos para aí e agora ficamos 6!

E: Eles também tem esta ousadia de querer sair de Valpaços e ter experiências diferentes ou ficaram mais na aldeia?

e: Não, não! Saímos todos, todos! Os meus pais eram... Tivemos uma educação muito rígida, mas todos fomos estudar. Se as pessoas não aproveitaram as oportunidades, foi porque não quiseram. Porque os meus pais dos filhos todos todos foram todos estudar, e tinham 7 portanto tinha de ser uns num colégio outros noutro, outros.... Foi tudo assim muito...

E: Interessante já terem essa perspetiva, se calhar numa altura em que não havia muita.

e: A perspetiva nessa altura da aldeia era emigrar... Os meus pais ajudaram muita gente a emigrar, mas nunca o fizeram nem quiseram que nós fizéssemos, portanto há aqui alguma, enfim também, uma influência dos meus pais para que encontrássemos o melhor para nós e que não fosse ficar na agricultura nem ficar na aldeia. Procurar outras vias de vida...

E: Para fugir um bocado ao contexto deles.

e: Sim, sim.

E: Então os seus irmãos já usavam boleias consigo nessa altura

e: Já

E: E agora através dessa página de Lisboa/Porto, alguém que já utilizado assim consigo?

e: Sei que é vulgar o meu sobrinho também publica várias vezes, e vai! Sim amigos e assim...

E: E quando é que conheceu este grupo? Quem é que despertou atenção neste grupo?

e: Foi uma amiga minha que falou já há uns anos... Para aí em 2010, eu tinha um Congresso em Lisboa na Faculdade de Ciências da Educação ia apresentar uma comunicação! E em vez de ir de carro ou de comboio, resolvi pedir boleia e fui de boleia com um grupo assim de jovens! Foi muito engraçado, gostei e depois regressei também com outra boleia!

E: E a partir daí...

e: Sim depois tive um período que não pedi, porque não tinha necessidade... Mas depois quando fui colocada longe comecei a pedir e também a oferecer.

E: E como é que ocupa os seus tempos livres? Assim duma forma geral o que é que costuma fazer? Pratica algum desporto? Faz alguma atividade?

e: Vou ao ginásio com pouca frequência, porque detesto fazer exercício físico. Gosto mais de estar quietinha no sofá e ver filmes filmes filmes filmes filmes!

E: E gosta de ler também?

e: Gosto de ler! Não tenho lido muito, porque há um tempo, há 1 ano, e pouco tive um problema oncológico e perdi um bocadinho a visão então agora retraio-me um bocado a ler, foi a partir daí! E também se encontrar um livro que gosto devoro-o num dia não durmo!

E: E de música e estar com amigos, também gosta?

e: Sim, gosto de música, estar com amigos, beber uns canecos, assim umas coisas...

E: Fez parte de alguma associação? Ou faz parte?

e: Não nunca tive tempo para me envolver na vida académica, não sei se só importa a vida académica.

E: Pode ser um clube, pode ser uma associação mais ligada a política por exemplo.

e: Sim estou de um modo ligada a política, sim sim! Não é uma associação propriamente, mas é um grupo de pessoas ligadas à política. Associações, só de artistas de pintura, que eu também faço umas aventuras. E portanto, pertenço a um grupo onde não tenho sido muito ativa nos últimos anos, porque pela questão da doença, que mudou muito a minha vida, mas faço parte.

E: E o que é que a motiva a estar nesse grupo?

e: É o conhecer pessoas.

E: E já participou assim em alguma manifestação?

e: Claro claro!

E: Qual foi assim a mais marcante?

e: A mais marcante foi a primeira manifestação sobre a despenalização do aborto. Era eu, eu estava ainda com a perspetiva de ir para jornalismo, e portanto, fui

com os colegas para a Assembleia da República manifestar-me e acabei até por, por lá levar com um cassetete dum polícia no braço e tal.

E: E aqui já me disse que conheceu as boleias a partir de um amigo, partilhar com amigos não já me tinha referido que foi sozinha normalmente, e tem muitos amigos que utilizaram esta plataforma...

e: E tenho algumas pessoas conhecidas

E: Assim um número aproximado... um número para o ar...

e: Para aí uns 8...10...

E: E agora pode-me descrever um dia normal seu, de trabalho? O que é que costuma fazer? Um dia típico!

e: Um dia típico. Ah, portanto vou-me reportar aos meus últimos tempos não é, que também são tempos novos para mim levanto-me sempre a correr com pressa de dormir. E vou, e chego sempre em cima da hora com o toque da campainha já, ainda estou a abrir o portão e já está a acabar de tocar. Custa, vou para esta nova profissão não é, com os miúdos. Envolve-me muito naquilo que faço independentemente de achar que não é ainda a minha praia! Mas envolvo-me muito ate, porque faço questão de experimentar algumas teorias que durante anos, não é? Passei ou tentei passar aos meus alunos. Pronto, depois a hora de almoço vou almoçar com uma colega, normalmente levo uma marmita, porque também, por questões económicas não me é possível ser de outra forma, não é. E depois volto para o jardim-de-infância. Quando saio normalmente estou sozinha não é... Não tive tempo para fazer grandes amigos ainda, nem há muitas possibilidades nestes sítios não é. Dou os meus passeios... Faço compras... Gasto o dinheiro que não tenho às vezes, para passar o tempo, para me sentir satisfeita! Pronto e vejo um filme, dois filmes por dia, computador... Gosto de cozinhar... Faço jantar para mim para o meu namorado que vai ter comigo.... E pronto é mais ou menos isso!

E: E um dia de lazer? Como é que normalmente acontece?

e: Um dia de lazer é viajar! É conhecer sítios, é...

E: E um fim-de-semana por exemplo, o que é que faz normalmente?

e: Nos fins-de-semana ando cá lá.

E: E rege-se assim um bocadinho pelas deslocações?

e: Pois, venho para cá e quando venho para o Porto então tenho que ir visitar a minha irmã para apoiar a minha irmã. Tenho que ir visitar a minha mãe para apoiar a minha mãe! Tenho que estar com a minha filha, e com o namorado, que agora já vive sozinha não é. Depois há sempre uma amiga ou outra que está sempre a reclamar, porque eu não apareço, fins-de-semana estou sempre com gente.

E: Muito dedicados às pessoas não é?

e: Sim, às vezes fico cansada dos fins-de-semana. Até penso que de vez em quando nem venho para ter tempo para mim, eu gosto das pessoas mas também gosto do meu espaço. E depois quero estar em casa na minha casa, aqui, porque a outra não é a minha casa! Eu gosto de estar aqui, estar lá... E ver as minhas coisas e mexer e mudar de sítio.

E: E um dia em que partilha boleia, como é que é o processo normalmente? Não o dia depois em si, depois de chegar mas como é que normalmente acontece?

e: Eu adoro partilhar boleias, porque assim conheço gente! E portanto para eu partilhar boleias é ótimo! Já estou aqui cheia de expectativas quem é que vai comigo amanhã! Publiquei hoje, portanto para mim é muito bom, é uma forma de conhecer gente diferente! Gente mais nova que eu, gosto de conhecer gente mais nova que eu, as pessoas de minha idade às vezes são chatas e tem formas de pensar bolorentas! Não digo que sejam todas, mas gosto muito de conhecer assim gente nova, sinto-me nova também!

E: E como é que esse processo normalmente? Põe contacto a dizer que dá boleia? Procura boleia? A partilha das despesas como é que funciona? É normal?

e: Normalmente fui fazendo aquilo que tenho vindo a fazer. Neste caso coloco lá 15 euros e vou buscar as pessoas. Tento concentrar as pessoas num sítio para não andar a... E deixá-las também num sítio.

E: E normalmente traz sempre o carro ou apanha boleia também?

e: Eu, isto tem sido diferente, porque mudei de carro há pouco tempo e este carro permite-me trazer! O que tinha era assim velhinho, Não andava muito, era desportivo! Este aqui permite-me oferecer boleia, então esta experiência de ser eu a trazer pessoas não é uma experiência longa...É digamos que é recente, vinha muito mais com outras pessoas.

E: Qual é que é o seu meio de transporte de eleição, se tivesse que escolher o que mais gosta?

e: Eu se tivesse que escolher, era mesmo bicicleta.

E: Porquê?

e: Adorava, sempre quis andar de bicicleta. Era miúda e nunca tive uma bicicleta, o meu pai andava sempre a dizer: " um dia vou-te comprar uma bicicleta". E nunca comprou, também não podia coitado! Depois mais tarde o meu ex-marido ofereceu-me uma bicicleta e eu adoro andar de bicicleta, sei andar mal, já comprei mais duas, não foi? E roubaram-me as bicicletas, portanto agora estou a espera que, sei lá, que a minha filha volte a oferecer-me uma bicicleta! Com rodinhas de preferência! Mas era, era uma coisa que gostava assim uma bicicleta ou assim tipo uma motinha não é! Isso é que era fixe! Uma motinha assim uma scooter, não é? Eu consigo conduzir isso sem carta?

[Filha da entrevistada responde: A tua carta dá!]

e: Dá? Então pronto, era assim que eu queria, adorava!

E: E o que é que a motivou para aderir a página? Foi mesmo esta partilha com as pessoas que tem vindo a falar?

e: No *Facebook* ou a das boleias?

E: À do *Facebook* das boleias



e: Sim sim, foi por necessidade e por gostar de partilhar! Olha eu se comprar um bilhete.... Por exemplo, o ano passado viajava mais de comboio, porque o sítio onde eu estava não me possibilitava apanhar boleias! Não havia ninguém a sair de Rio Maior, em Santarém... Não era fácil! Então comprava o bilhete com antecedência, e conseguia até ter preços, às vezes muito mais baratos que as boleias... Mas prefiro as boleias, claro!

E: Pelo lado social?

e: Pelo lado social. Claro que as vezes apanho uns cromos assim... A última boleia que dei, que partilhei foi com três rapazes, que foram o caminho todo a dormir, detestei!

E: Em que medida é que considera que as boleias são diferentes dos outros meios de transporte por exemplo o comboio?

e: É a socialização!

E: Quais são os principais constrangimentos que encontra? Quando partilha boleias.... Tem os rapazes a dormir...

e: É só esse, é a falta de comunicação.

E: Nunca mais teve nenhum, nenhum problema?

e: Às vezes há pessoas, assim um bocado, pessoas que não se ouve a voz! Eu acho que se for, que nem deviam andar a partilhar estas boleias, se for para ir em silêncio, mais vale irem de comboio.

E: Por isso para si, prefere 100.000 vezes viajar de boleia do que andar sozinha?

e: Sim! Sem dúvida!

E: Para além de Porto e Lisboa, independentemente de estar em sítios diferentes, já partilhou boleia para outros sítios? Para outras cidades, países?

e: Partilhava! Mas é próximo de Lisboa! Também onde estive colocada 3 anos...

E: E acha que estas boleias pediam ser usadas no dia-a-dia para as pessoas se deslocarem?

e: Acho que a sociedade tem que caminhar para uma sociedade de partilha. Não só nas boleias, mas em tudo! E que a vida se tornaria muito mais fácil se as pessoas não fossem assim... Não vivesse cada uma para o seu umbigo! Então o que fazem com as boleias, o que fazemos com as boleias, devia-se fazer com outras coisas, como por exemplo a comida... aaah... Eu às vezes passo, observo imenso as laranjeiras os limoeiros e vejo laranjeiras carregadinhas e ninguém partilha! Aqui há dias até fiz uma publicação no Facebook que era "É Natal". Tudo o contrário do que para mim é Natal, eu não ligo nada ao Natal, publiquei, porque eu sou provocadora! Sou provocadora e gosto de fazer coisas que põe os outros a pensar! Então disse Natal é ver, não sei não me lembro o teor, tantas laranjeiras e limoeiros carregados e vou ter que os comprar, numa superfície a um preço exorbitante não é! Eu acho que isso tem de ser feito em tudo! Com a roupa, também, partilhar a roupa com os outros! Às vezes as pessoas ficam... Ainda esta semana passada partilhei um casaco com uma colega e ela disse "Quanto queres que te pague?" e eu disse "Nada! Então se ele já não me serve, nem nunca me vai servir e a ti acho que te fica bem!" Pronto.

E: Aqui não há muito este *mindset*, no fundo das pessoas partilharem as coisas não esta muito enraizado ainda não é?

e: Acho que devem partilhar o que têm com os outros e se já não faz falta e, trocas! Tocar os livros, por exemplo, os livros é uma coisa que fiz durante algum tempo com amigos, de trocar livros para ninguém comprar e ...

E: E considera então que a partilha de boleias é benéfica para os indivíduos?

e: Sim!

E: E para a sociedade também?

e: Para a sociedade!

E: Acima de tudo quais são os aspetos positivos que destaca das boleias para a sociedade?

e: As questões económicas, as questões de poluição não é! Se eu for com outro não vou levar o meu carro, portanto e depois as questões de socialização! São essencialmente esses 3 fatores. A sociedade tem que caminhar para isto, temos que voltar à altura das cooperativas! Temos que voltar à altura... Olha não digo das comunidades hippies, também porque não é tanto ao mar nem tanto a terra! Mas temos que fazer, temos que pensar em mudar estilos de vida.

E: Para si a partilha de boleias tem um significado simbólico? Ou é meramente utilitário? Usa porque necessita?

e: Evidentemente que uso porque necessito! Posso dizer que a prioridade seja o ambiente ou a..., neste momento para mim é a questão económica! Porque, mas também se pensar bem não é tanto assim não é, porque às vezes consigo fazer Porto Lisboa por 18 euros de avião! Não é! Entre estar a pesquisar isso na Internet, ir e apanhar... metro para o aeroporto mais autocarro, não sei quê, não sei quê, pronto prefiro as boleias! Até porque repare eu pertenço a um grupo, que é dos grupos que mais usam as boleias que são os professores! Nós também temos um grupo de boleias não é! Boleias para professores! Só que o que é que acontece os professores começam a organizar-se com os colegas que depois ficam sempre as mesmas boleias. Porque a mim há 3 anos tive uma experiência assim, éramos 15 colegas e distribuíamo-nos em carros. Quem tinha oportunidade trazia ou quem não tinha, partilhava com outros e éramos cerca de 14/15 pessoas a vir todos os fins-de-semana.

E: E aí já era entre amigos?

e: Era entre amigos. Depois às vezes eu publico no grupo de boleias para professores, mas não tenho, normalmente, não há grande saída... Eu como não conheço ninguém ali!

E: Torna-se mais difícil depois arranjar...

e: Pronto é que sou a única pessoa colocada ali naquele agrupamento que seja do Norte.

E: E esse grupo de professores também engloba professores de todos os sítios de Portugal? Ou só do Porto e Lisboa?

e: Sim, sim. Não, todos os sítios! Só que o que se encontra mais ali nesse *site* é do género, "Fui colocado não sei onde com quem posso fazer grupo?" Então vão fazendo grupo, é muito raro e eu acho que as pessoas até deixaram de publicar! Quem não tem ainda um grupo formado que é o meu caso e mais uma outra colega que eu conheço, publicamos nas boleias Porto Lisboa e Lisboa Porto.

E: E no futuro, vai continuar a usar estas boleias?

e: Sim!

E: Quais são os motivos?

e: Porque gostei da experiência! Há pessoas... Agora vou fazer aqui 2 ou 3 confidências, não digo a algumas pessoa, a quem eu não posso dizer que vou nestas boleias, porque as mentes ainda são muito fechadas e é muito estranho para estas pessoas eu, na minha idade, andar metida nestas andanças. Também me acontece quando chego ao pé das pessoas a transportar, acharem estranho verem-me, porque nota-se que tenho 50 anos, mais até pela... Pelo facto de assumir as minhas brancas! E portanto nota-se que as pessoas ficam assim um bocado... As pessoas pensam eh pah alguma velha chata ranhosa! Depois percebem logo que não sou, porque não sou mesmo! E lembro-me da minha primeira experiência foi terrível, porque contei a algumas pessoas... E então na altura ainda é mais difícil... Um professor universitário ir partilhar uma boleia para um Congresso é muito estranho. Mas os grupos de amigos e conhecidos, mais restritos que conhecem a minha forma de ser, percebem que eu sou aventureira para estas questões, para estas e outras. Quando vou com este pessoal mais novo acabamos por falar em muitas coisas, que eu já fiz, desde troca de casas, ou *Couchsurfing* ou assim por aí...

E: E vão partilhando experiências.

e: Sim, e eles pensam "Eh pah afinal os velhos também fazem *Couchsurfing*..., e Airbnb". E depois também os velhos também já dormiram na rua... Sei lá experiências que nós tivemos que as pessoas acham estranhíssimas... Eu ir de férias com a minha filha e irmos de mochilas às costas sem destino e acontecer... Primeiro foi planeado, mas depois até já foi de dormirmos na rua para poupar dinheiro! Tudo isto eles acham, as pessoas da idade da minha filha os amigos dela e tal acham imensa piada! Outras pessoas da minha idade acham-me louca! Louca não é o termo... mas, menos... não sei... Diferente!

E: E como é que vê a partilha em termos futuros? Acha que vai continuar a existir esses grupos? Que deverá aumentar, diminuir?

e: Tem que aumentar obrigatoriamente. Como eu lhe disse a sociedade, neste momento tem que seguir por essa via e está a seguir! Lentamente, muito lentamente está a seguir...

E: Mas pensa isso em termos económicos? Por necessidade?

e: Não só em termos económicos, porque nos vivemos muito, numa, eu ate gosto de usar a palavra sozinhas... Muito grande. E acho que se isto é uma necessidade aliada a uma necessidade económica aliada a uma necessidade de estarmos com os outros. Nós estamos demasiado connosco! Isto é paradoxal, estamos muito metidos em nós próprios. Mas... também necessitamos obviamente, o que eu estou a dizer é um bocadinho paradoxal. É preciso ter estes espaços bem divididos.

E: Mas acredita que possibilita a socialização?

e: Sim

E: E isso é positivo?

e: Muito positivo!

## Entrevista 2 – José Teodoro

E: Então, agora gostaria que me falasses um bocadinho sobre o teu percurso académico! Em que escolas é que tu a estudaste e que curso é que tiraste?

e: A partir do 9.º ano ou mesmo antes?

E: Antes, antes! Tudo!

e: Estudei na escola de Custóias até ao 4.º ano. Depois passei para a escola de 2.º e 3.º ciclo de Custóias, onde completei o 9.º ano. A partir daí passei para o secundário na escola João Gonçalves Zarco em Matosinhos, anulei uma disciplina, no último ano, tive mais tarde que fazer essa disciplina no externato D. Dinis.

E: Ok, qual é que foi a disciplina?

e: Foi de Físico-química. Pronto, atrasei um ano e depois entrei para a Marinha em 2010.

E: E tu quando decidiste entrar para a Marinha já sabias que querias ir para a Marinha desde muito cedo ou foi algo que tu depois decidiste?

e: Sim, já desde muito cedo! Já desde, mais ou menos dos 13/14 anos.

E: Tens alguém da família que seja militar?

e: Não não!

E: Então como é que tu descobriste este gosto pela Marinha? Tens ideia?

e: Tenho.

E: Como é que foi?

e: Quando era mais novo sempre joguei jogos de... mais jogos de guerra! Não a guerra em si, como a gente vê a matar pessoas, mas mais um tema, num tema estratégico e de aventura e comecei-me a interessar por isso e, ... Quando fui à Internet e vi os três *sites* de seleção das forças armadas, a força aérea, o exército e da Marinha, tive a ambição de escolher uma tropa especial! Nós em Portugal temos quarto - três do exército e uma é da Marinha. Os Para-quedistas das

Operações Especiais do exército, os Comandos, a Marinha e os Fuzileiros. Tive a ver o historial de cada um, os antepassados, a história, donde é que vieram, o que é que fizeram, e no meu ver os Fuzileiros eram os mais completos. E até porque na Marinha não formava só militares mas formavam homens e pessoas, as pessoas iam para lá e tinham possibilidade de estudar e tinham uma educação diferente e a formação era diferente dos outros ramos e identifiquei-me muito com a Marinha e decidi concorrer.

E: Que interessante, é mesmo interessante teres desde cedo esta, este gosto pela Marinha. Ok e em termos profissionais fizeste alguma coisa antes da Marinha, atualmente estas ...

e: Sim, eu tinha um *part-time* para uma instituição de solidariedade, que tava a gerir o *site* deles em termos de voluntários. Não tinha meios para ajudar de outra forma então decidi ajudar assim e isto deu-me um outro horizonte. Comecei a trabalhar em paralelo para essa instituição para uma empresa que viu os meus trabalhos e então decidiram-me por a gerir o *site* deles online e então consegui assim ganhar algum dinheiro para poder continuar a estudar e tirar o 12.º.

E: E podes-me dizer como é que se chamava a instituição e a empresa?

e: Samaritanos – Missão de Caridade

E: Tudo em Matosinhos?

e: Não, era em Vila Nova de Gaia.

E: Em termos de, com quem é que vives atualmente, vives no Porto?

e: Eu vivo no Porto! É assim eu normalmente digo que vivo no Porto, que a minha morada fiscal é esta, não é. Mas eu passo mais tempo na minha unidade, não é. Eu praticamente vivo lá em baixo. Eu venho aqui dormir a casa ao fim-de-semana e é quando venho.

E: E quando é que tu, e onde é que tu estas?

e: Estou em casa dos meus pais.

E: E a tua unidade onde é que é?

e: É em Setúbal, é um bocadinho longe ainda.

E: Tu não tens filhos José?

e: Tenho um.

E: Que idade é que tem?

e: Tem 5 meses.

E: Que bom, parabéns!

e: Sou pai há pouco tempo!

E: Ele já alguma vez andou contigo de boleias ou só tu é que aderiste a este ...

e: Não só eu, sim só eu. Mas isso não invalida que eu não possa um dia dar boleia a alguém e ele esteja comigo dentro do carro, não vejo problema nisso.

E: Qual é a profissão dos teus pais?

e: Calibradora, eu já não tenho pai.

E: E dos teus avós?

e: Os meus avós são reformados, trabalharam na construção civil.

E: Os avós do sexo masculino os 2?

e: Sim os 2, e as do sexo feminino eram... Trabalhavam no campo, na altura era no campo.

E: Os teus pais estudaram?

e: Muito pouco!

E: Tens ideia ...

e: 4.º ano antigo, ou seja, deve ser o nosso 6.º ou 8.º, não mais que isso...

E: E os teus avós tens ideia?

e: Não tenho muita ideia, sei que a minha avó, a única que é viva é analfabeta, não teve grande estudo.

E: E tens irmãos?

e: Tenho, tenho 2 irmãos.

E: O que é que fazem os teus irmãos?



e: A minha irmã... tenho uma irmã mais nova que ainda estuda e o meu irmão gémeo trabalha também.

E: A tua irmã estuda o quê?

e: Está a estudar marketing!

E: Ela está aqui a seguir as pisadas do irmão que ela também gostava dos *sites*. E o teu irmão trabalha em quê?

e: Trabalha! É funcionário de armazém logístico.

E: Tu já partilhaste boleia com algum dos teus irmãos? Ou outros familiares?

e: Ainda não! Com outros familiares já, com primos!

E: Através daquela plataforma do *Facebook* das viagens Porto Lisboa?

e: Exatamente, só essa.

E: Os teus irmãos nunca utilizaram sem ser contigo?

e: Não não, nunca foi preciso usar.

E: Porque eles vivem aqui não é? E tu ...

e: Sim eles vivem e trabalham aqui! Eu é que faço mais viagens...

E: E como é que são ocupados os teus tempos livres?

e: Nos meus tempos livres eu treino, estou com o meu filho e pouco mais... Gosto de ir ao café, jogo *snooker*... Tenho uma equipa e jogo *snooker*, de resto não faço assim mais nada. Um dia normal, qualquer jovem de 27 anos faz não é, sair a noite, pronto estar com os amigos.

E: E fazes parte de alguma associação ou clube?

e: Não.

E: E já participaste em alguma manifestação?

e: Não, eu não posso derivado a minha profissão, não posso participar em manifestações.

E: Mas se pudesses participavas ou és mais reservado?

e: Sim, não, participava, se o tema fosse de encontrar os meus ideais participava.

E: E já partilhaste alguma boleia com amigos?

e: Já.

E: Muitas vezes?

e: Basicamente é todas as semanas, sempre que venho para o Norte, trago sempre pessoas e amigos e desconhecidos é raro ir sozinho.

E: Diz-me uma coisa José, eu conheço outras pessoas, algumas pessoas juntavam-se em grupos já de amigos e vinha, tu normalmente juntas-te por exemplo com outros membros militares e voltam todos ou vais sempre tendo pessoas desconhecidas que se juntam também.

e: Não, normalmente é com militares e vimos todos juntos! Mas quando, por exemplo, quando a gente consegue conciliar todos virmos a casa todos no mesmo dia. Quando não vem 1 ou 2, os outros 3 lugares do carro são preenchidos por pessoas da plataforma do *Facebook*.

E: E como é um dia normal de trabalho?

e: Um dia normal de trabalho é, depende, eu vou explicar o que é que é um dia normal de trabalho dum militar. Não quer dizer que seja o meu mas pronto! O *standard* é a formatura às 8h30 da manhã e depois cada um vai para os seus serviços específicos. Há várias especialidades: administrativos, artilheiros, cozinheiros,... Pronto cada um faz o seu serviço da sua área, até a hora de almoço que é às 12h00. Depois há outra formatura às 13h30, que é para dar início ao período de trabalho da tarde até às 16h30. Pronto, o meu é um bocadinho diferente mas o *standard* militar é este.

E: E qual é que é o teu?

e: Eu estou na instrução! E eu não trabalho das 9.00 às 16.00! Eu trabalho das 7h00 da manhã até às 22h30 da noite e é um bocadinho diferente. Tenho a formatura dos alunos às 8h00. Depois eles têm aulas. Eu vou dar instrução até às 12h30, estou sempre a acompanhá-los. Depois às 13h30, inicia o período das aulas para eles de tarde, eu vou dar instrução outra vez se tiver que dar, se tiver uma aula

para dar. Senão vou preparar as aulas seguintes e vou preparar alguma instrução noturna que seja para depois das 22h30, ou então exercícios de mato.

E: E em que é que consiste estas preparações? São exercícios ...

e: É confidencial!

E: E um dia de lazer teu? Já me disseste que gostas de jogar *snooker* de treinar. O que é que tu fazes mais?

e: Um dia de lazer... acordo tarde, almoço o meu pequeno-almoço, tomo um café, dou uma voltinha de carro, vou ter com os amigos. Se for possível jogamos um joguinho ou assim, pronto para descontraír. Ao final da tarde ginásio, e é isso, descontraír.

E: Olha diz-me só uma coisa, que está me aqui esta questão a colocar na cabeça a surgir na cabeça e não tava a perguntar. Tu tens um filho e vives com uma namorada ou vives em casa dos teus pais? Só para eu perceber...

e: Vivo em casa dos meus pais. Como o meu filho não foi planeado, nós temos uma relação sólida, mas não foi planeado e não é por causa disso que vamos acelerar as coisas então 'tamos a levar as coisas, normalmente...

E: Com calma...

e: Sim, com calma!

E: Era só para perceber porque, para também ter essa informação. E como é que é um dia normal de boleias. Quando tu partilhas boleias o que é que tu normalmente fazes? A que horas é que saís?

e: Isso é muito stressante, porque às vezes as pessoas respondem outras não respondem. Tenho que meter vários anúncios e recebo chamadas e depois dá para esta hora e não dá para outros. Depois tenho que ir buscar pessoas a este sítio e depois àquele e tenho que andar a fazer um itinerário... E às vezes não tenho ninguém e à última da hora tenho mais que a lotação do carro! E custa-me dizer não a certas pessoas, mas não dá mais jeito a mim... Também as vezes é

mais por aí, como dá mais jeito, às vezes é quem vem primeiro e outras vezes é quem me dá mais jeito deixar em sítios ou no outro, pronto é um bocado assim.

E: E tu vais sempre buscar as pessoas a vários sítios ou ...

e: Eu vou sempre buscar a vários sítios. Normalmente eu tento que eles vão ter sempre ao mesmo sítio, mas por exemplo em Lisboa é muito complicado. Eu trabalho na Margem Sul não é, tenho que estar a ir para outro lado e é, é isso que me tira fora de mão. Tento juntá-las mais ou menos no mesmo sítio, mas nem sempre dá, aqui no Porto combino sempre em Campanhã, a não ser que sejam aqui de Matosinhos e fica em mão, normalmente é sempre em Campanhã.

E: E tu és sempre condutor ou já ...

e: Fui sempre condutor, nunca fui à boleia.

E: E deixas sempre, para além de as ires buscar aos sítios onde elas estão muitas vezes, deixas nos sítios que elas querem?

e: Sim, sempre deixei no sítio onde elas querem.

E: Ok, não deixas no sítio por exemplo em Campanhã.

e: Sim! Se apanho, aqui no Porto apanha-os sempre em Campanhã. É raro ir buscá-los onde elas estejam. Mas lá em baixo, em Lisboa, como nós chegamos tarde, por um ato de civismo... Também depende se não formos, se for muito então negoceia-se o preço, senão levo-os a porta de casa ou onde elas quiserem, não me faz grande diferença, como percebo que gostava que fizessem isso comigo.

E: Qual é o horário que tu normalmente utilizas boleias? De Lisboa para cá?

e: De Lisboa para cá, às 17.00, 16.30! 5 da tarde.

E: De sábado mais ou menos ou sexta?

e: Não, sexta-feira.

E: E depois no Domingo para lá é as 22.00 é isso?

e: É as 22.00 sim.

E: E com que frequência é que partilhas boleias? Todas as semanas?

e: Todas as semanas, de 2 em 2, é quase todas as semanas, é de 2 em 2

E: E tu fazes isto, esta partilha de boleias, porque queres estar com a tua família ao fim-de-semana por isso voltas....

e: Sim! Eu moro aqui, tenho aqui o meu filho, tenho aqui a minha namorada, tenho aqui a minha família, tenho aqui os meus amigos, lá em baixo é mesmo trabalho.

E: Ok, e tu, pronto já me disseste que é complicado arranjar aqui as boleias muitas vezes, em termos de divisão de despesas, é tranquilo nunca tiveste nenhuma questão?

e: É tranquilo. Não, uma ou outra coisa que... pessoas que não foram assim muito corretas, mas isso passou logo, mas normalmente é sempre, é sempre tranquilo.

E: E qual é que é o teu meio de transporte de eleição, se tivesses que escolher um meio de transporte? Não falando aqui das boleias.

e: Um meio de transporte público?

E: Não, pode ser o carro, pode ser mota.

e: Carro, carro.

E: E porquê?

e: Primeiro porque é mais seguro! E mais confortável! Sabemos que vamos com poucas pessoas, há sempre registos de com quem é que fomos para onde é que tivemos, é mais seguro.

E: Mas mesmo no dia-a-dia tu preferes o carro a outros meios de transporte?

e: Sim, eu também gosto de mota! Às vezes dava mais jeito mota, por causa do trânsito em si. Agora está a chegar a altura do sol, dá mais jeito ir de mota, mas normalmente prefiro carro!

E: Tu quando estás na tua unidade, tu dormes lá, fazes tudo lá? Não tens que te deslocar?

e: Na, não tenho que descolar para lado nenhum.

E: E como é que tu conhecestes esta página de boleias?

e: Foi por necessidade! Passa de boca em boca e às vezes fazia muitas viagens sozinho e ficava muito dispendioso. Até que um amigo, já não me lembro como é que surgiu, falou num grupo das boleias do *Facebook*. E no início soa assim um bocadinho estranho, nós não metermos pessoas estranhas dentro do nosso carro ou irmos com pessoas estranhas, mas depois vi que aquilo é tranquilo! As pessoas querem também a nossa ajuda e nós queremos a ajuda delas.

E: E quando é que aderiste? Tens ideia?

e: Há volta de 4 anos, 3/4 anos.

E: Esta adesão coincide com o momento quase de tu teres ido para a ...

e: Não, eu 'tou na Marinha há 7.

E: Então tiveste mais ou menos 3 anos sem ...

e: Exatamente, 3/4 anos, porque eu não tinha carta antes. Quando digo 3/4 anos andar de boleias com amigos meus, mas não da plataforma.

E: E vinhas com outras pessoas que iam para o Porto não é?

e: Sim, exatamente ou então ia de comboio sempre e vinha de comboio.

E: E o que é que te motivou a aderir a esta página?

e: Foi a necessidade de dividir despesas.

[Interrupção por parte da Entrevistadora]

E: Não sei se ainda te lembras, 'tava-te a perguntar o que é que te motivou a ir a esta página do *Facebook*?

e: Exatamente, eu tinha dito que foi necessidade

E: Só isso? Não tens outros fatores que te motivaram? Para além da parte económica...

e: Não, sim foi só isso a parte económica só.

E: E em que medida é que tu consideras que as boleias são diferentes dos outros tipos de transporte?

e: Por exemplo, nos quando vamos de comboio... É assim eu não dizer, isto é uma coisa que se sente não é uma coisa que se diga, é diferente disto e daquilo...

Depende de pessoa para pessoa, há pessoas que gostam de viajar de comboio. Eu só pago 5 euros se for no comboio no inter-regional que sai às 00h30, não é! Eu só chego a Lisboa às 6 da manhã, e este comboio há todos os dias, não é? Agora fazer uma viagem dessas durante a vida toda não é muito confortável. Se calhar eu prefiro gastar mais um pouco, levar o meu carro, divido as despesas e, e ir fazendo uma viagem mais confortável. É o que eu sinto, tas a ver! Se uma pessoa quiser mesmo poupar faz o sacrifício e vai de comboio. Sem os descontos que os militares tenham, isto é uma coisa que, que isto vai de cada um, da preferência de cada um, da vida de cada um.

E: É muito desgastante.

e: É muito desgastante exatamente.

E: E quais são os principais problemas ou constrangimentos que tu encontras quando partilhas boleia?

e: Basicamente é sítio onde nós vamos deixar as pessoas, se vão muitos ou não,... É mais o tipo de pessoas que a gente às vezes apanha, porque 'tamos ali a combinar boleias... E nunca sabemos quem vamos apanhar, quem vamos buscar... Pronto é o tipo de pessoa! Já apanhei pessoas de todo o nível, pessoal de estilo alternativo, advogados, diretores dos jornais,.. Isso não é um problema, é uma coisa... Por acaso sou uma pessoa simples e adapto-me facilmente a qualquer tipo de conversa e a qualquer tipo de pessoa, mas se for pessoas mais, mais conservadoras, mais coiso é um bocado diferente...

E: E tu tens preferência por exemplo por pessoas que falem muito ou preferes ir a viagem todo calado?

e: Depende! Depende do tipo de pessoa que lewares! Se for uma pessoa que tem uma boa conversa e goste de falar e falamos sobre coisas interessantes, prefiro que ela vá a falar comigo. Assim se for uma que goste de falar, mas que não diga nada, prefiro ir com o rádio ligado a ouvir música! Se é que me entendes!

E: Olha e também tu à bocadinha tinhas falado que uns dos constrangimentos era também o facto de não ser certa a boleia e teres sempre que procurar e isso também é algo que incomoda certo?

e: É algo que me incomoda, é assim a palavra... Acho que hoje a palavra duma pessoa vale muito pouco! Não para mim mas, mas vale muito pouco e já tive acontecimentos onde tinha o carro cheio e disse que não a certas pessoas, a várias pessoas... E no fundo tive que ir só eu e outra pessoa, porque depois disseram que já não iam ou que arranjarão outra maneira não é, e eu fiquei a arder.

E: E tu preferias, imagina que tu tinhas o mesmo, um transporte idêntico confortável e que podias viajar sozinho, tu preferias viajar sozinho ou preferias viajar com pessoas que tu não conheces?

e: Se puder e se tiver dinheiro para isso, eu prefiro conduzir sozinho e viajar sozinho.

E: Ou com pessoas que tu conheces, por exemplo?

e: Ou com pessoas que eu conheço sim.

E: Porquê? Preferes a tua privacidade?

e: Sim é mais isso. Prefiro o à vontade de saber com quem vou, não ter que 'tar a criar aquele tipo de conversa. Não ter que 'tar a ser uma seca a viagem, que no fundo são três horas que vamos estar ali a conhecer uma pessoa.

E: Isso aí nem sempre, nem sempre estamos nos nossos dias para ter essa disposição.

e: Nem sempre estamos nos nossos dias para conversar, para querer criar conversa e assim prefiro viajar com quem conheço e sozinho.

E: E já partilhaste boleia para fora do Porto e Lisboa ?

e: Não.

E: E consideras que essas boleias poderiam ser usadas no dia-a-dia para nós nos deslocarmos?

e: Sim, considero.



E: Porquê?

e: Porque olha por exemplo, uma pessoa que trabalhe... Vou falar aqui de um caso, uma pessoa que vive em Matosinhos e que trabalhe em Vila Nova de Gaia! Não é muito longe ou seja essa pessoa vai e vem todos os dias... Mas imaginemos que ela num sítio em Vila Nova de Gaia não tem metro, vai ter de ir de carro, se calhar naquela zona, há várias pessoas que trabalham lá e que vivem em Matosinhos, noutro sítio ou noutra empresa ou noutra não é, se calhar isso podia ajudar pessoas a viver no dia-a-dia melhor e a gastar menos não é, se calhar dava para mesmo utilizar no dia-a-dia as boleias pois dava. Não só para longas viagens de longa distância, mas mesmo assim no dia-a-dia.

E: E para ti as boleias, consideras que a partilha é benéfica, certo?

e: Sim.

E: O principal aspeto que tu destacas é sempre a parte de, é sempre a questão económica?

e: Sim é sempre isso, para mim é sempre isso.

E: E se formos pensar para a sociedade como um todo o que é que tu achas que a sociedade beneficia com estas partilhas de boleias?

e: Acho que, isso é fácil de responder mas é, podemos ver outras coisas... Acho que nos abre os horizontes! Como eu disse apanhamos muito tipo de pessoas e conhecemos muita gente, como eu disse, conhecemos pessoas, desde pessoal alternativo a advogados a diretores de jornais e para a sociedade é muito bom, porque às vezes não sabemos a realidade em que certas pessoas vivem. Eu já dei boleia a outras pessoas africanas. Chegaram ao Porto, perderam o comboio Alfa e não sabiam como é que haviam de chegar a Lisboa e por acaso tinha um contacto que tinha a plataforma das boleias e eu fui buscá-los ao aeroporto e levei-os para Lisboa. Portanto e como já aconteceu com 2 pessoas africanas aconteceu com 2 egípcios e eles não falavam português e eu só falei inglês para eles. Para mim foi muito, foi altamente foi uma viagem muito interessante. Lá

esta não é, é diferente portanto acho que é benéfico para a sociedade, depois depende da vida de cada um.

E: Pronto, já tiveste aqui umas oportunidades de treinar o teu inglês à maneira!  
e: E é raro.

E: E para ti a boleia é mesmo algo que tu usas, porque precisas não porque vejas um simbolismo na partilha?

e: Não, é mesmo ... Eu sempre que posso, eu vou sempre sozinho. Sempre que posso e 'tou bem financeiramente vou sempre sozinho, se vejo que dá e olha "hoje eu quero poupar e assim", meto um *post*, se tiver pessoal para ir comigo e se tiver pessoal para ir buscar senão também já não me chateio muito.

E: E tu no futuro queres continuar a utilizar ou imagina que ficas milionário e deixas ...

e: Não, mas continuava! Isso era, se ficasse milionário nem sequer, nem sequer fazia nada... Não mas se tivesse mais alguns trocos e se tivesse uma vida bem-sucedida acho que continuava a usar a mesma.

E: Mas porquê?

e: Porque pah, porque eu nasci num seio muito simples e por muito que ache que vá ganhar dinheiro... E começo a ganhar muito dinheiro, tudo o que eu puder poupar para dar ao meu filho acho que isso vai ser sempre um bom pensamento! Isso é intrínseco, mas eu acho que vou continuar assim a ser uma pessoa simples e no fundo é uma forma de eu ajudar outras pessoas que já vi que é também não é? Se eu vou e vou, se tiver alguém para ir comigo, eu estou a ajudá-los! Em vez delas pagarem 30 euros para ir de comboio, se puderem pagar 15 euros vão no lugar do meu carro eu não me importo de os levar.

E: Achas que estas boleias vão continuar? Não pensando no teu caso mas pensando nas outras pessoas que utilizam achas que isto é uma tendência que vai continuar?

e: Acho que sim, cada vez mais, cada vez mais.

E: Porquê?

e: Por cada vez mais nós temos necessidade de economizar e mesmo de partilhar a nossa vida, mesmo de conhecer outras pessoas eu acho, acho que sim.

E: Se tu tivesses que aqui... De acordo também com o que tive a ouvir do teu discurso parece-me que tu tens aqui 3 grandes motivações quando partilhas boleias, que é a questão económica, a questão de interagires com as outras pessoas e a questão da solidariedade, de também de ajudares os outros. Se tu tivesses que ordenar isto da maior importância para a menor, destes 3 aspetos qual é que é o mais importante e o menos importante?

e: Não é ser egoísta, mas acho que primeiro era eu. Não só por mim, mas neste momento tenho uma pessoa em quem pensar! Tenho uma grande prioridade que tem 5 meses, por isso primeiro era a minha situação económica. Depois era ajudar os outros e só depois era o meu conhecimento pelas outras pessoas e pela sociedade e abranger os horizontes

E: Era só para perceber. E agora acho que já não te chateio mais, só tenho mais uma pergunta que não te perguntei ao bocadinho. Qual é a idade dos teus pais e dos teus irmãos?

e: O meu irmão tem 27, tem a mesma idade que eu somos gémeos a minha irmã tem 19 e a minha mãe tem 42.

### Entrevista 3 – Rute Rodrigues

**Entrevistadora (E):** Em primeiro lugar, gostava que me falasses um bocadinho sobre o teu percurso académico. Qual a tua área de formação, que escolas frequentaste, eehhh, se tiveste alguma dúvida na escolha da área de formação, falar um bocadinho sobre o teu percurso escolar

**Entrevistada (e):** eeeh... ok! Eu 'tou no 2º ano da licenciatura de Direito, devia de estar no 3º, mas chumbei no 1.º ano, porque o 1.º ano foi muito complicado. Eu achava que queria mesmo isto, mas a verdade é que a realidade da faculdade é muito mais difícil do que aquilo que as pessoas nos dizem, as pessoas dizem que “vai ser difícil” e que “tens que estudar”, mas enquanto não estiveres mesmo a sentir isso na pele não sabes o que é.

E: Eu sei o que isso é.

e: Pois, eu vim dos Açores. Então é complicado estar longe da família, estava aqui desde Janeiro, chegou a Junho e eu disse à minha mãe: “Estou farta, não quero saber mais disto.” Então fui para casa e depois até estive a ver os cursos... ehhh... Só que pronto não havia nenhum assim nenhum que eu quisesse! Foi mesmo tipo ok se calhar quero mesmo é Direito, vai ter que correr bem. E depois voltei e está a correr muito melhor

E: Ah boa boa, isso é ótimo. Sabes o que tu precisavas era de ir a casa matar saudades!

e: Pois, porque fui lá só duas semanas de férias. E férias, não foram férias, porque tive que estudar para os exames, depois tive orais e depois tive recursos e depois começou o segundo semestre e estava demasiado cansada.

E: Onde é que tu estudaste nos Açores?

e: Eu estudava na Escola Secundária Domingues Rebelo em São Miguel, estudei lá até ao 10.º. Depois no 11.º, como eu sou da terceira, a minha mãe quis voltar

para lá, então fui para a Escola Secundária Vitorino Nemésio e então fiz lá o 11.º e 12.º.

E: Repete-me só o nome Vitorino...

e: Nemésio

E: Nemésio, ok... depois se tiver dúvidas depois vou-te só pedir para confirmar o nome por escrito... Relativamente à escolha de Direito, não agora na faculdade com esta indecisão que também tiveste agora neste 1.º ano mas que é normal também te digo. Foste sempre decidida? Sempre quiseste Direito ou tiveste alguma dificuldade na escolha quando te candidataste?

e: Ehhh... Eu para aí a partir do 7.º ano já pensava que queria ser advogada, mas depois a partir do 8.º/9.º a minha mãe ficou desempregada e como os meus pais são divorciados e tenho um irmão mais novo eu até pensei que não vinha para a Universidade. Se fosse para a Universidade, sabia "Ok queria Direito", mas não tinha a certeza. Depois é que no 12.º ano é que a minha mãe me disse "Ah então vais para que Universidade?" e eu tipo "Pera o quê? Vou para a Universidade?". Eu tipo ok então... eu estava 80% inclinada para Direito, mas também gostava muito de psicologia. Eh pah é daquelas áreas que também me interessava e tive a ver as duas e depois... eu gosto muito de psicologia na teórica, agora na prática não é bem aquela profissão que eu quero exercer e como o Direito também é muito vasto, porque eu se mudar de ideias e não quiser ser advogada também tenho um leque imenso de opções, por isso então acabei por preferir Direito, apesar de ter colocado três opções em psicologia.

E: Ok.. Boa boa... Diz-me uma coisa, em termos profissionais, já tiveste alguma experiência anteriormente ou estudaste sempre e ainda não tiveste nenhuma experiência profissional?

e: A trabalhar só mesmo tipo em festivais de resto... Festivas e... lá nos Açores, aquelas coisas de Verão em que trabalhas um mês e assim mas de resto nada mais.

E: E agora com quem vives atualmente? Já percebi que não é com a família.

e: Eu vivo na casa com três rapazes.

E: Os três rapazes estão a estudar também como tu?

e: Não, eles têm todos por volta de trinta anos e já trabalham.

E: E o que é que eles fazem?

e: Eh hh.... Bem... Eu sei que eles trabalham em empresas, um tem a ver com informática, outro trabalha na *Moche* e o outro em qualquer coisa dos telefones, mas eu agora também, eu nunca sei bem.

E: Diz-me uma coisa: qual é que é a profissão dos teus pais e dos teus avós? Falaste-me que a tua mãe já esteve desempregada, o que é que eles fazem agora?

e: A minha mãe é tipo funcionária numa casa de saúde. O meu pai é polícia.

E: E os teus avós o que é que fizeram? Ou o que é que faziam?

e: A minha avó materna era doméstica, e o meu avô... tipo hum... imagina ah... há uma senhor que tinha tipo uma quinta e ele ajudava tipo na jardinagem e assim. A minha avó paterna não faço ideia, porque ela morreu e o meu pai ainda era muito novo. E o meu avô, eu não sei se antes disso ele teve algum trabalho, mas do que eu me lembro ele trabalhava num mercado.

E: Ok ok... Boa! Olha em termos de escolaridade, os teus pais estudaram?... Até que idade?

e: O meu pai tem o 12.º incompleto, porque reprovou a matemática e a minha mãe tinha o sétimo ano, mas fez um daqueles cursos que depois dão oportunidade e já tem o 9.º.

E: Tem o sétimo ano com um curso profissional tipo novas oportunidades Rute é isso?

e: Ela estava no sétimo ano na escola normal, aquilo do 9.º é que foi das novas oportunidades.

E: Então ela ficou com o 9.º ano é isso?

e: Sim sim!

E: Deixa-me só colocar aqui... Tens irmãos Rute?

e: Sim, tenho um irmão mais novo que tem dez anos.

E: Tu és o exemplo dele já estou a ver. E o que é que faz teu irmão? Estuda?

e: Sim, está agora no 5.º ano.

E: Olha ia-te fazer esta pergunta, mas se calhar já não faz muito sentido... Tu nunca partilhaste boleia com a tua família que estás nos Açores?

e: Não, diz-me... Não ouvi...

E: Alguma vez partilhaste boleia com os teus irmãos, com o teu irmão ou com a tua família, não?

e: Não...

E: Eles devem achar que isto é um pouco estranho... provavelmente....

e: Sim, a minha mãe tem sempre aquele medo "Não vás com estranhos!".

E: "Quem serão eles, quem serão, eles?". Deixa-me só aqui passar algumas questões à frente, dá-me só um minuto Tens algum familiar que esteja cá em Portugal continental no fundo e que já tenha usado esta plataforma?

e: Não, familiar não...

E: Então diz-me lá, como é que são ocupados os teus tempos livres? Diz-me o que é tu fazes, se fazes alguma atividade fora da faculdade?

e: Eu apesar de não ter muito tempo livre desde que entrei na faculdade, eu jogo vólei. Depois faço voluntariado esporadicamente, quando vejo que naquele dia vai haver qualquer coisa, então eu ajudo, porque não consigo estar frequentemente a fazer, então faço só de vez em quando.

E: E tu lêes? Vais ao cinema?

e: Sim, leio, vou ao cinema, gosto muito de passear, muito de viajar. Gosto imenso de fotografar!

E: Ah boa... Tens mais algum *hobby* que te lembres?

e: Não, acho que não.

E: Fazes parte de alguma associação na faculdade? Ou de algum clube?

e: Eu jogo vôlei no clube da faculdade e também faço parte da associação e também estou num núcleo de estudantes das regiões autónomas.

E: Ai que giro! E que é que fazes nesse núcleo Rute?

e: Basicamente eeeh... nós ajudamos tipo Açorianos e Madeirenses a integrarem-se, porque tipo chegam aqui muito de para-quedas! Não conhecem bem as zonas, onde é que podem viver, que zonas é não é tão aconselhado passear, esse tipo de perguntas nós então ajudamos mais. As pessoas dão uma ideia geral, mas não acompanham tanto.

E: Então e na associação de estudantes, o que é que tu fazes?

e: Estou no departamento de desporto!

E: Ahhhh já percebi que o desporto para ti é muito importante!

e: É...

E: Olha e já participaste em alguma manifestação?

e: Não, não...

E: Não houve nenhuma que te chamasse à atenção? Que tu até pudesses gostar de participar?... Ou não és muito disso?

e: Eu por acaso até gosto bastante de ir, só que normalmente nunca sei tipo atempadamente das coisas, é tipo eu sei e já passou.

E: Olha e já partilhaste alguma boleia com um amigo teu? Conhecido?

e: Sim! Sim!

E: Nessa página ou foi informalmente?

e: Não... Foi mesmo, ela como sabia que eu ia falar comigo!

E: Tens muitos amigos que utilizam?

e: Ehh.... Alguns... Hum... Não menos da maioria... Bastantes pessoas, mas não o suficiente para chegar à maioria

E: Assim que te lembres, não precisas de me dar um número exato, quantos amigos é que achas que tens que utilizam boleias?

e: Hum... Talvez umas trinta, por aí



E: Antes de começares a utilizar boleia já conhecias essas pessoas que usavam? Foram elas que te recomendaram?

e: Sim, foi...foi... através de pessoas que eu descobri.

E: Hum... ok... ok. Rute e agora descreve-me um dia teu normal da faculdade. O que tu fazes normalmente? É assim quantos mais detalhes me poderes dar, melhor! Diz-me mais ou menos como é constituído um dia normal teu...

e: Eu... normalmente acordo tipo as 7:30 para tomar o pequeno-almoço, para tomar banho e ir para a faculdade. Eu como moro perto da faculdade, demoro cerca de quinze minutos e às nove estou aqui, começo a estudar às nove e paro entre meio-dia e a uma, conforme esteja cansada ou não, depois almoço e às duas começo a ter aulas e saio as seis.

E: E depois das aulas o que é que tu fazes?

e: Eh pa quando saio às seis normalmente vou sempre a casa jantar ou fazer almoço. E depois se vir que ainda tenho muita matéria para estudar volto para a faculdade, senão então ou fico em casa a ver uma série ou vou dar a um passeio a algum sítio ou vou a algum café.

E: E um dia em que tu não tenhas que estudar e que estejas livre da faculdade, o que é que tu fazes normalmente?

e: Vou para uma esplanada apanhar sol! Então se tiver calor vou à praia, praia, praia! Passeeeear, porque eu gosto muito de conhecer sítios novos e observar as paisagens e coisas do género.

E: Ok... ok... E agora podes descrever-me um dia em que partilhaste boleia? Como é um dia típico quando tu partilhas boleia ou quando partilhavas quando vinhas para o Porto? O que é que tu fazias?

e: Hum... sempre igual até as aulas acabarem! Depois vou até ao sítio aonde combinamos e normalmente tento sempre combinar aqui perto, porque não tenho passe e para não gastar dinheiro no passe e no bilhete... Vou ter com a pessoa, eu ou chego na hora ou chego sempre cinco/dez minutos atrasada. É uma

coisa, sempre! Normalmente a pessoa já está lá, já me aconteceu, normalmente já esta lá mais uma pessoa e chego eu depois outra... Ehh... Pronto depois apanho a boleia para cima e lá deixa-me no sítio que eu pedi.

E: Ok! Hum... Qual que era o fim? Não preciso de saber pormenorizadamente, só quero saber se era por lazer... Porque é que tu utilizavas esta plataforma? Não era por causa de trabalho? Qua é que era o objetivo? Não era por causa nada da faculdade, nem trabalho nem nada disso?

e: Não! É porque o meu namorado é de Viana. Então eu ia até ao Porto e depois ele vinha-me buscar ou ele estava lá a minha espera e depois seguíamos para Viana.

E: Ah.. Ok ok... E com que frequência partilhavas boleia? Tu partilhas atualmente ainda?

e: Sim, sim! Ehh...Depende, porque ele antes estava em Lisboa então eu ia com ele no carro e ele é que recebia pessoas do grupo. Agora como ele não está lá eu tenho que ir até lá e eu é que procuro pessoas. Às vezes tento ir três vezes por mês ou só uma, sempre que eu preciso de ir para Viana eu apanho boleia!

E: Já te perguntei como normalmente fazes para procurar boleia... Tu normalmente procuras informação sobre a pessoa antes? Como é que se lida com a questão do pagamento? É fácil depois no momento tu gerires isso quando não é o teu namorado? Já utilizaste boleia enquanto passageira de outro carro sem ser o do teu namorado?

e: Sim, sim!

E: Como é que se processa toda essa partilha? É fácil?

e: Sim sim, o pagamento é sempre feito depois da viagem, no final, ou então, alguém vai sair primeiro que eu, já que ele parou eu digo "Olha deixa-me já dar-te o dinheiro." É sempre assim em dinheiro. Eh pah... e quando eu vejo a pessoa, toco no perfil, vejo logo se tenho algum amigo em comum, vejo de onde é que a pessoa é, se estudou, casada, vejo as fotos, tento ver se a pessoa muito esquisita

não aparece, pronto parece normal eu acredito que corra tudo bem. Também de qualquer maneira eu quando fico assim um bocado de pé ... quer dizer... Eu se for com mulheres não me preocupo muito! Sempre que vou com homens pelo sim pelo não, eu mando a matrícula ao meu namorado.

E: O teu namorado obviamente que te deixa no destino certo, normalmente os outros condutores também te deixam sempre o destino que tu queres?

e: Sim, por acaso até agora deixaram-me sempre em casa ou num sítio perto que dá na mesma.

E: Ok... E no teu dia-a-dia usas algum meio de transporte? Eu percebi que não tens passe, portanto...

e: Não! Eu venho sempre a pé, porque eu moro a dez minutos... quinze minutos da faculdade. Então só mesmo se precisar de ir para um sítio mais longe é que apanho transportes.

E: E quando tens que ir para sítios mais longes, para além da boleia, utilizas o quê normalmente?

e: Depende, se eu sei que vou para lá com alguma antecedência... Tento aproveitar as promoções do comboio, senão tem de ser de autocarro, porque é sempre mais barato.

E: Em Lisboa normalmente andas sempre a pé? Não usas metro?

e: Eu tento ao máximo andar sempre a pé, mesmo quando é um bocado longe, se estiver bom tempo eu não me importo, vou a pé e volto. Se tiver que ir para um sítio mesmo que não dá... Dá mais jeito ir de metro e outras vezes dá mais jeito ir autocarro.

E: E como é que conheceste a página no *Facebook*? Já me disseste que foram amigos teus que te apresentaram...

e: Sim, eu fui muitas vezes com o meu namorado e sabia que ele estava no grupo e que metia no grupo... Mas depois chegou uma altura em que eu precisava da boleia então eu fui procurar o tal grupo e aderi.

E: E quando é que aderiste? Tens mais ou menos ideia em que mês ou em que ano?

e: Cerca de um ano, um ano e meio.

E: E qual é que foi o motivo?

e: Foi mesmo... ah... precisar de arranjar boleia!

E: Em que medida é que tu consideras que as boleias são diferentes dos outros meios de transporte? O que é que tu achas que são as vantagens e as desvantagens da boleia face por exemplo ao comboio e outros transportes públicos que podias usar?

e: Eu acho que as boleias são sempre mais vantajosas em tudo, porque o preço do comboio obviamente é mais caro, o autocarro compensa, mas mesmo assim nos vindo de boleia a pessoa normalmente até apanha-nos onde nós quisermos ou seja não temos que utilizar outros transportes para ir até lá. Portanto vai sair sempre mais barato! Depois é sempre muito mais flexível, porque a pessoa vai-me deixar mais ou menos onde eu quero. No comboio ou no autocarro eu saía na paragem! Além disso também costuma ser mais rápido e por exemplo já me aconteceu fazer Lisboa Porto sozinha à frente no carro, porque é muito mais confortável do que estar no autocarro três horas de um lado para o outro na autoestrada.

E: E quais são os principais os constrangimentos a esta partilha de boleias? Os aspetos menos positivos...

e: Eh... Por acaso... nunca me aconteceu nada de muito estranho, mas já me aconteceu ir no carro em que decidiram meter três pessoas atrás e como era um bocado mais pequeno nós tipo não tínhamos assim tanto espaço e estávamos tipo sempre a tocar umas pessoas nas outras. Depois há umas pessoas que têm uma bagageira maior e há outras que não, então às vezes para levar malas muito grandes ou assim, não dá.

E: Não te lembras de mais nenhuma coisa que ache que de ser melhorado? Não te lembras de mais nada?

e: Não, assim não.

E: Valorizas o facto de conhecer pessoas novas durante as viagens?

e: Sim, sim... Por acaso acho engraçado, porque é sempre bom conhecermos pessoas novas e todas as pessoas que eu conheci eram muito diferentes umas das outras. Fui com um PSP, depois fui com uma senhora que também me disse “Ah sou uma advogada estagiária”, partilhamos histórias, e vi como era Direito no Porto. Foi, foi engraçado.

E: Se tivesses oportunidade de viajar sozinha ou com pessoas que tu conheces, preferias ou não te importas e até gostas de viajar com pessoas que não conheces?

e: Apesar de ser um bocado tanto faz, acho que preferia sempre companhia de pessoas que conhecia.

E: Ok ok... Porquê? Sentias-te mais há vontade?

e: Eh... sim, já me aconteceu ir em viagens em que a gente conversa muito, mas também há viagens em que ninguém fala e torna-se um bocado aborrecido, com pessoas que eu conheço sei que íamos estar sempre a falar.

E: Normalmente partilhas viagens só para Lisboa/Viana ou já partilhaste para outros sítios?

e: Eu agora estou a partilhar para Lisboa/Coimbra.

E: E só Lisboa/Coimbra e Lisboa/Viana, não partilhaste mais para outros sítios?

e: Ehh... Não, não!

E: Consideras que estas boleias poderiam ser utilizadas no dia-a-dia? Não em distâncias tão grandes? Normalmente tu em vês de andares a pé, por exemplo, usavas um carro e partilhavas a boleia. Achas que isso era viável?

e: Sim, eu conheço pessoas que fazem isso na faculdade e parece-me bastante lógico, porque assim não precisam de vir tantos carros, não precisam de gastar

tanta gasolina, tanta poluição... “Nós moramos os cinco ao pé um do outro, podemos ir os cinco no carro até lá!” Parece-me lógico!

E: Achas que a poupança de dinheiro em gasolina e as questões ambientais são assim as principais razões? Ou o que é que achas que pode ser também um motivo para partilhar boleias no dia-a-dia? Tens mais alguma sugestão? Ou são essas mesmas?

e: Era mais essas mesmas, claro que a pessoa também vai com alguém conhecido sempre vai a socializar durante a viagem.

E: E consideras que a partilha de boleias é benéfica para cada pessoa, enquanto pessoa e não sociedade como um todo?

e: Sim, eu acho que sim!

E: E quais são os aspetos que tu achas que são mais importantes para por exemplo, para ti Rute enquanto pessoa essa partilha de boleias? Porque é que é positivo para ti?

e: Talvez por conhecer novas pessoas, a pessoa vai sempre conhecendo novas realidades, vai sempre sabendo novas experiências que as pessoas viveram e ganham um bocado mais de cultura acerca de tudo

E: Mais algum aspeto que tu destaques?

e: Acho que não!

E: Ok e para a sociedade como um todo consideras que a partilha de boleias é benéfica?

e: Sim.

E: Porquê? Quais são os benefícios que tu retiras daqui, da partilha de boleias para a sociedade?

e: O facto de estarmos em constante cooperação uns com os outros, ah eu só posso àquela hora, podemos arranjar-nos no intermédio, eh... conviver e conhecer novas pessoas.

E: Ok... Ok Rute dá-me só um minuto! Para ti a partilha de boleia tem algum significado simbólico ou usas porque é algo útil?

e: Acho que é mesmo por ser útil.

E: No futuro desejas continuar a partilhar boleias?

e: Sim, sempre que der.

E: E porquê? Sou uma pessoas que faz muitas perguntas podes dizer...

e: Porque acho sempre por nunca ter-me acontecido nada muito estranho ou muito mau, eu acho que é sempre benéfico, sempre vantajoso.

E: E como é que vês a partilha de boleias em termos do futuro? Achas que é algo que se vai generalizar ou tem tendência para acabar? O que achas que vai acontecer?

e: Não, eu acho que se vai generalizar até porque eu tenho ... antes conhecia muito menos pessoas ... agora cada vez mais pessoas que eu conheço... estão a aderir, ou porque ouviram falar "Olha um amigo meu vai, eu também vou!" e acho que sim, acho que é para aumentar!

E: Rute retomando só a última questão, preciso só mais de algumas informações. Porque é que tu consideras que vais continuar a partilhar boleias? Disseste que não te aconteceu nada de estranho por isso ok... Mas tens mais algum motivo que para ti seja benéfico? Já foste enunciando alguns ao longo da nossa conversa, mas destaca mais algum aspetos que tu valorizes na partilha de boleias para tu queres a continuar a utiliza-la.

e: Eh... buf... Sei que vou sempre conhecer pessoas novas, sei que vai-se apresentar sempre como a melhor opção. E...

E: Porque é que é a melhor opção? Pelo...

e: Por motivos económicos e temporais.

E: Temporais o quê? Chegares a tempo aos sítios?

e: Sim, porque por exemplo...eh... Mais uma vantagem de ir de boleias é que eu sei que se chegar lá às dez e cinco e o comboio ou o autocarro era as dez! Ele já se

foi embora! Ele não vai esperar por mim. Nem que me atrase cinco ou dez minutos, em princípio a pessoa tipo não se vai embora sem mim é muito mais maleável.



## Entrevista 4 – Joaquim Santos

Entrevistadora (E): Então vamos agora começar por falar um bocadinho sobre o teu percurso académico. Quais foram as escolas que frequentaste, o curso que tiraste qual e a tua área de formação, gostava que tu me falasses um bocadinho deste percurso escolar.

Entrevistado (e): A partir da faculdade ou ...

E: Antes antes, tudo tudo!

e: Eu ah, andei numa escola primária... Frequentei sempre em escolas públicas! Andei numa escola primária aqui onde eu vivo em Telheiras e fiz a escola básica e o secundário também.

E: Podes-me dizer os nomes?

e: Escola 57 de Telheiras, E.B. 2 3 de Telheiras e Escola Secundário Virgílio Ferreira. Depois tirei um curso de gestão no ISCTE em Lisboa.

E: Uma licenciatura?

e: Sim, só licenciatura.... Humm.. Só um segundo só um segundo!

[Interrupção da entrevista, devido a pedido do entrevistado.]

e: Tirei a licenciatura em gestão em Lisboa no ISCTE, fiz Erasmus em Ljubljana e fui tirar o mestrado em Gestão de Serviços na FEP.

E: Eu estudei lá

e: A licenciatura?

E: Sim

e: Eu só tirei o mestrado lá.

E: E sempre soubeste que a área de gestão era a tua área de vocação? Quando é que tu tomaste decisão de ir para um curso de gestão? Ou quando é que começaste a pensar sobre isso?

e: Não! Eu no secundário não estava no agrupamento de Economia, estava no agrupamento de Ciências. Não te sei muito bem explicar, foi uma coisa que fui

ganhando! Na altura eu acho que foi um bocadinho quase por moda... Agora sei que era o que eu queria, mas na altura era, não sei... Sempre gostei muito de números e então acho que isso teve alguma influência.

E: E porquê a Gestão de Serviços?

e: Porque quis diversificar um bocadinho! Eu tinha estado em Gestão e queria muito ir para o Porto. Porquê a Gestão de Serviços? Porque gosto muito de serviços. Entretanto como comecei também a trabalhar num supermercado embora seja na venda de produtos tem um serviço, porque era um dos meus objetivos, serviços de logística, transporte são coisas que eu gosto muito e então acho que fui muito influenciado por isso.

E: E em termos profissionais, o que é que tu fizeste? Já exerceste? Estavas-me a dizer que trabalhaste, trabalhas num supermercado.

e: Neste momento trabalho na Sonae, não na parte dos supermercados, mas trabalho na Sonae. Estive a trabalhar aí no Porto durante um ano e meio e agora vim trabalhar para Lisboa para a Wells.

E: E antes dessa experiência na Sonae trabalhaste em mais algum sítio?

e: Sim, numa escritório de Contabilidade, mas uma coisa de 2 meses. Fiz outras coisas para outros trabalhos, mas na minha área foi só isso.

E: E que outros trabalhos fizeste? Só também para termos essa informação

e: Faço trabalhos de promotor. É agora que vou ter de descer, dás-me 10 minutos?

E: Dou-te 10 minutos, vai à vontade.

[Interrupção da entrevista, devido a pedido do entrevistado.]

E: Tu estavas-me a falar das tuas experiências profissionais, disseste-me que fizeste um estágio em Contabilidade, que trabalhaste na Sonae e que agora estas em Lisboa na Wells, fizeste trabalhos de promoção e o que é que fizeste mais?

e: Isso, já não sou! Mas fui durante muito tempo monitor de colónias de férias

E: Com que idade começaste a trabalhar? A fazer estes trabalhos de promoção e ser monitor?

e: Os trabalhos de promoção, por volta dos 17/18 anos acho eu! Esses e os de monitor de colónias de férias foram mais ou menos na mesma altura... Foi, sim acho que foi no verão que fiz 18 anos.

E: E com quem é que vives atualmente?

e: Desde há uma semana, com a minha família, com o meu pai! Com o meu pai e a minha irmã. Até uma semana atrás vivia no porto sozinho, sozinho com um amigo.

E: Que idade tem a tua irmã e o teu pai?

e: O meu pai tem 57 anos e a minha irmã tem 21.

E: E o que é que o teu pai faz?

e: Trabalha num banco, é bancário.

E: E a tua mãe o que é que faz?

e: Advogada

E: Portanto os 2 tem licenciatura?

e: Sim, sim.

E: O grau deles é mesmo licenciatura, não tem mestrado?

e: Sim só licenciatura sim.

E: E a tua irmã que idade é que tem? Tem 21 anos que já me disseste, já me disseste

e: Desculpa, a minha mãe tem 55! Eu não vivo com ela, mas tem 55 anos.

E: O que é que a tua irmã faz? Estuda?

e: Sim está a estudar Direito.

E: Aí em Lisboa também não é?

e: Sim

E: E já partilhaste boleia com a tua irmã ou com algum familiar teu?

e: Ahh... Sim....Sim, já dei boleia com a minha irmã no carro!

E: E mais algum familiar ou só com a tua irmã?

e: Só com a minha irmã!

E: E tens familiares que utilizam para além da tua irmã boleias?

e: Familiares... Não! Não acho que não.

E: Tu estreaste aqui...

e: Talvez um ou outro, que eu não sei, mas é possível!

E: E antes de começares a usar, a tua irmã já usava ou foste o primeiro? A usar?

e: Não! Fui o primeiro, ela na verdade usou, porque foi comigo. Não é! Ela não usou, eu tava a conduzir o carro e ela foi na boleia ela não utiliza, mas também acho que, porque não precisa. Sim não precisa.

E: E como é que são ocupados os teus tempos livres?

e: Como é que são ocupados os meus tempos livres...

E: Sim...

e: É assim neste momento não tenho tido muitos tempos livres... O que eu faço normalmente é eu jogo muito em torneios de futebol amador, tanto em Lisboa como no Porto. Jogo bastante em torneios de futebol amador, não sei passeio muito e viajo bastante, são essencialmente esses os meus tempos livres. Não te digo que tenha um hobby assim específico de alguma coisa.

E: E já fizeste parte de alguma associação? Ou de alguma associação de um clube? Uma associação ambientalista?

e: Não!

E: E já participaste em alguma manifestação?

e: Não!

E: Tens algum motivo para não o ter feito? Não houve nenhum tema que te chamasse à atenção?

e: Não há temas, há temas que me chamam à atenção, mas não é uma forma... Não é da minha personalidade acho eu manifestar-me!

E: E já partilhaste boleia com algum amigo teu?

e: Com algum amigo meu? Sim!

E: E foram os teus amigos... Diz diz

e: Um amigo meu como assim? Pessoas a quem dou boleia?

E: Não não, amigo mesmo amigo, pessoas que tu conheces

e: O que estas a dizer é, por exemplo, utilizar boleia com um amigo meu no carro?

E: Sim

e: Sim sim sim já já já.

E: E foram os teus amigos que te recomendaram as boleias? Já utilizavam antes de ti?

e: Quando eu comecei a utilizar foi no momento não é, quando eu fui para o Porto comecei a utilizar uma plataforma de boleias, que era mais barata, era mais económica, e eu comecei a utilizar. Na altura, se não me engano, terá sido um amigo meu que é do Porto, que vinhas várias vezes a Lisboa, que me disse que a plataforma existia.

E: E como é que é um dia normal de trabalho teu? O que é que tu fazes?

e: O que é que eu faço?

E: Sim...

e: No meu trabalho?

E: O dia completo, como é que, como é que se processam as atividades durante o dia? O que é que tu fazes?

e: Então é assim, eu primeiro acordo sempre, é a primeira coisa que eu faço sempre no meu dia! Depois normalmente tomo um banho, tomo o pequeno-almoço em casa e vou trabalhar. Trabalho até às seis/sete, depende do que há para fazer! Enquanto estive aí no Porto ia muitas vezes jantar fora com colegas de trabalho e com amigos do Porto, porque vivia sozinho. Neste momento acho que tenho, não que ainda tenha, mas hei-de passar a ter uma rotina mais de casa. Provavelmente vou acabar o trabalho, venho para casa jantar e depois muitas vezes tomo um café com alguns amigos a noite.

E: E um dia de lazer?

e: Era assim que fazia quando fui embora.

E: Diz-me diz-me, desculpa que eu interrompi-te.

e: Era assim que se fazia quando eu me fui embora, agora ainda me estou a habituar não é, estou a voltar.

E: É diferente do que viver com os pais. E como é que é um dia de lazer teu? Fim-de-semana por exemplo.

e: No fim-de-semana normalmente eu almoço fora! A maior parte dos fins-de-semana ou pelo menos um dos fins-de-semana eu almoço fora! Ou dou um passeio ou vou a algum lado faço alguma coisa durante a tarde... Às vezes vou a uma esplanada, beber um café, ir a casa de um ou outro amigo... Hum... Muitas vezes janto também fora, principalmente se for Sábado, bebo um copo ou saio à noite.

E: E um dia em que tu partilhas boleia? Como é que é? Como é que normalmente, quando tu partilhavas mais como é que se processava esse dia?

e: Como é que se processava esse dia? Se fosse eu a levar a boleia não é, ou seja, quando era eu a ir na boleia de alguém, normalmente o que acontecia era eu tinha um dia de trabalho normal, até as seis / seis e meia e depois o que acontecia era eu apanhava o metro, normalmente. Ou ia ter onde tinha sido combinado ou onde a pessoa estava ou a pessoa apanhava. Chegava a Lisboa, isto quando chegava a Lisboa, e rápido deixava as coisas em minha casa e ia ter com os meus amigos depois da boleia, isto porque eram dois ao final do dia.

E: E esta boleia, porque é que tu apanhavas estas boleias, levavas estas boleias? Por causas de questões profissionais pessoais académicas?

e: Porque é que eu apanhava as boleias?

E: Sim

e: Por 2 razões grandes, às vezes quando ia no meu carro era para dividir custos. Quando ia com alguém era porque ficava mais barato e é sempre uma viagem mais agradável e divertida, passa-se melhor o tempo!

E: E tu voltavas para Lisboa com o objetivo de voltar a casa não é e estar com os teus pais com a tua família era esse o teu objetivo?

e: Sim sim sim!

E: E com que frequência partilhavas boleias?

e: Todas as semanas! Numa primeira fase enquanto estive no Porto, duas vezes por semana! Numa segunda fase, quando comecei a trabalhar e quando comecei a viver noutra casa, ia a maior parte das vezes só uma vez por semana.

E: E como é que se processava a partilha de boleia? Quem é que estabelecia o ponto de encontro normalmente como é que vocês dividiam as despesas? O condutor...

e: Normalmente é o condutor que decide. Há condutores que... Eu quando era condutor, normalmente combinava um sítio, para nos encontrarmos todos para ser mais fácil, dependia também, há sempre algum bom senso para perceber se a pessoa está muito longe, se é um sítio onde não tenha grande acessibilidade, então faz mais sentido em ir buscar. Quando era a pessoa que recebia a boleia, aí tínhamos que nos juntar aos sítios que as pessoas diziam. Se as pessoas dissessem para encontrar num sítio o que eu fazia era, eu ia ter a esse sítio.

E: E os condutores normalmente deixavam-te longe dos destinos ou tinham esse cuidado...

e: Sim sim! Em Lisboa, a maior parte das pessoas ou me deixava no destino ou me deixava no Campo Grande, que é um sítio que se pára muito, quando se vem de boleias, e é também muito perto de minha casa! Portanto eu muitas vezes, nem sequer... Quando alguém parava no Campo Grande, que era muito comum, eu nem sequer pedia para me deixar em casa, porque é 5 minutos a pé portanto...

E: Qual é que é o teu meio de transporte de eleição?

e: É o carro!

E: E porquê?

e: É um meio de transporte que eu mais utilizo.

E: Porquê?

e: Porque, por causa do conforto sinceramente, porque tem os meus horários, por causa do conforto. Numa fase em que vivia no Porto, porque não tinha outra forma de ir para o trabalho, mas é essencialmente por isso, por cause do conforto e por ser eu a decidir as horas a que vou as horas a que venho, não estar tão agarrado a horários.

E: E quando é que aderiste à página do *Facebook* de boleias?

e: Provavelmente...em setembro de 2014!

E: E foi então um amigo teu que te recomendou, não foi?

e: Sim, não consigo garantir, mas acho que sim.

E: E o que é que motivou a aderir a esta página?

e: Foi essencialmente a divisão de custos... Hum... Poder dividir os custos, as mesmas viagens iam ficar mais baratas e a outra componente que eu disse que é a companhia não é, a viagem é mais bem passada se nos tivermos com outras pessoas.

E: Em que medida é que tu consideras que essas boleias são diferentes dos outros meios de transporte, que tu podias utilizar para ir para Lisboa e para vir de Lisboa para o Porto?

e: É é isto! São as razões económicas, são diferentes, por isso porque normalmente são mais baratas. Muitas vezes são mais confortáveis os carros, tirando uma ou outra situação que me aconteceu, ia sempre mais confortável e pela companhia não é, podes conhecer muita gente.

E: Por exemplo se tivesses a oportunidade de viajar de avião pelo mesmo preço em vez viajar de boleias, tu ias preferir as boleias?

e: Depende dos dias! Há dias em que se nós queremos, que gostamos de conversar, de estar com outras, com algumas pessoas e de conhecer outras pessoas outros nem apetece tanto. Portanto era um bocadinho variável com o dia, mas eu diria que a maior parte das vezes, desde que não demorasse um tempo



muito maior, porque entre, o avião em princípio será sempre mais rápido, mas se não demorasse muito mais tempo preferia a boleia.

E: E quais são os constrangimentos que tu encontras quando utilizas boleias? Ou quando tu utilizavas boleias. O que é que corria menos bem?

e: O que corre menos bem é só tu não teres a certeza que tens aquele meio transporte, eu acho, enquanto que para apanhar um avião ou um comboio, desde que tu marques o bilhete tu sabes que ele vai lá estar, nas boleias não é bem assim, não é todos os dias, todos os dias tu procuras, ou todos os fins de semana, no meu caso, poderia haver ou não boleia. Esse é o principal problema das boleias, é não ser algo certo!

E: Mas nunca ficaste sem boleia no próprio dia, nunca te aconteceu nada disso? Estás a dizer só pelo facto de poderes ou não encontrar ...

e: Aconteceu-me querer uma boleia e não a ter, mas porque não havia nenhuma disponível, nunca fiquei sem uma boleia

E: E já partilhaste boleias para te descolares para fora do Porto e de Lisboa ou só entre Porto e Lisboa?

e: Utilizei quando estava de Erasmus em Ljubljana, mas não era uma plataforma! Pedi boleia e dei boleia, mas na estrada!

E: Consideras que as boleias poderiam ser utilizadas no dia-a-dia para as pessoas se deslocarem?

e: Para o emprego e para a faculdade por exemplo?

E: Sim sim.

e: Sim, tens esse problema que é, tens sempre o mesmo problema que é os horários não é. Eu tive uma situação no Porto em que, cheguei a viver fora do Porto, em Paços de Ferreira, e conheci duas pessoas que, que tinham carro ou que iam as duas juntas para o trabalho. O que eu, e eu tentei pronto, nem uma semana, dois três dias, depois percebemos que, há um dia em que eu tenho que ficar mais tarde no trabalho, há um dia em que tu tens que ficar mais tarde no

trabalho, há um dia em que um se atrasa um bocadinho e percebi que não era uma solução, isso por causa dos horários essencialmente

E: Então tu achas que era benéfico as pessoas usarem mas seria difícil por causa da ...

e: Ache que é benéfico, só que a mim, na situação que eu estava limitava-me um bocadinho a vida, porque eu não estou dependente ninguém para vir para casa, e depois se me apetecesse jantar com alguém, como vinha de boleia não posso!

E: Pois, tinhas que voltar necessariamente. Então tu consideras que estas boleias podem ser benéficas para os indivíduos enquanto pessoas que utilizam a boleia de forma autónoma, consideras que possa ser benéfico mas com este constrangimento dos horários não é no fundo.

e: É um bocadinho esse constrangimento, na maior parte dos dias, e isto, eu também digo isto porque eu vivia sozinho, tenho a minha vida. Eu acredito que, por exemplo, quem tem uma família em casa, indo a maior parte dos dias para casa ou quase todos os dias para casa a seguir ao trabalho. É muito mais benéfico, a diferença é essa é que eu não tinha bem essa vida, se me apetecesse não ir ou se me apetecesse combinar alguma coisa naquele dia tinha de, estava sujeito a ter boleia ou não

E: Se pensares ... Diz diz diz.

e: Ia-te dizer que num dia com uma vida mais estável, não é que eu tenha a vida muito instável mas, uma vida em que tens uma mulher, um filho e que vais para casa quase todos os dias às seis e meia depois do trabalho, só precisas de ir buscar os filhos, acaba por ser, acaba por ser muito benéfico.

E: Sim, e se pensarmos agora sem ser no dia-a-dia, se pensarmos no Porto, nas viagens Porto Lisboa, também consideras que é benéfico para os indivíduos?

e: Considero muito benéfico.

E: E quais são os aspetos que tu destacas em termos de benefícios para as pessoas? O que é que tu destacas?

e: O conheceres pessoas novas que, é isto é, a facilidade com que a viagem passa. Tu vais entretido durante a maior parte do tempo porque, vais sempre conhecer pessoas... São 3/4 pessoas depende, depende de quantas pessoas estão mas as pessoas também vão conhecer novas pessoas, e esse fator é sempre engraçado tu estares ali a ouvires 4 pessoas a falar sobre, sobre a sua vida e conhecerem-se, partilharem interesses, acho que, que é sempre bom.

E: E para a sociedade João, quais é que consideras serem os benefícios desta, desta forma de ...

e: Para a sociedade, essencialmente é a poluição não é, é o trânsito e o bem que faz à atmosfera. Não polui tanto e se toda a gente partilhar boleia com 4 pessoas, temos um quarto dos carros na estrada portanto... ah... É muito bom! Estou a exagerar, mas conseguíamos de alguma maneira... uma coisa leva à outra não é, é melhor para a sociedade, porque as pessoas não passam tanto tempo no trânsito e por consequência vão havendo tanto trânsito tantos carros é melhor para o meio ambiente

E: E para ti partilhar boleia tem algum significado simbólico? Ou usas porque precisas, porque precisavas de ir Porto Lisboa?

e: Sim, uso por necessidade... Não uso... Não tem nenhuma simbologia, é mesmo isso, é mesmo eu tenho uma necessidade de ir portanto...

E: E tu pensas em voltar a partilhar boleias no futuro?

e: Sim, sempre que for... Sempre que precisar de ir Porto e Lisboa e não tiver companhia ou não tiver um carro com algumas pessoas, não vá com amigos... Sim acho que faz todo o sentido!

E: E como é que tu vês estas boleias no futuro? Achas que vão continuar a existir? Que tendem a desaparecer? O que é que tu achas que vai acontecer?

e: Pelo que vejo, pelo que experienciei, acho que tem todas as condições para existir.

E: Porquê?

e: Por isto, porque é o meio mais económico de ir...ah... de deslocarmos, e aqui estou a falar do Porto Lisboa, porque é a realidade que eu conheço... Mas, mas é uma forma mais económica e lá está, eu acho, conheci muita gente que gosta de boleias por isto, porque conhece novas pessoas... Porque, porque tem hipótese de falar com mais gente, acho que sim acho que, que faz todo o sentido a continuar a existir.

## Apêndice V – Edição das Entrevistas

### Edição da Entrevista 1 – Mónica Marques

#### **BLOCO A.**

#### **TRAJETÓRIA ESCOLAR E PROFISSIONAL**

Fiz a primária numa aldeia em Trás-os-Montes, depois de seguida fiz a chamada telescola, que na altura chamava-se o 1.º e o 2.º ano e agora é o equivalente ao 5.º e o 6.º, mas via televisão. Depois fiz o 7.º, 8.º e 9.º numa vila próxima, em Valpaços, depois fiz o 10º em Chaves, que é uma cidade também das redondezas. Depois achei que a minha vida seria melhor se fosse para Lisboa e decidi fazer o 11.º e o 12.º ano lá, no curso de Jornalismo.

Ir para Lisboa era uma espécie de “sonho americano” e como tal, tudo me deslumbrava. ... foi um processo fácil. Marcou-me o facto de, sem dar contar, um dia estar a viver num bairro de lata, junto ao hospital Santa Maria... tinha que alugar um quarto baratinho e foi a oportunidade que surgiu... Lembro-me, também de viver num quarto de má frequência e de pagar em função dos banhos que tomava... E de ter um namorado que trabalhava num restaurante e que de vez em quando, sem o patrão dar conta, me deixava comer sem pagar!

Embora não tivesse a certeza que era isso que queria fazer, sempre tive fascínio pelo conhecimento. Acho que é um dos traços da minha personalidade, o fascínio por conhecer e descobrir coisas novas.

Como não havia tradição familiar de estudos académicos, nem sequer havia possibilidades económicas para fazer, eu acabei o 12º e surgiu a oportunidade, de trabalhar numa confeitaria e frequentar o curso de educadora de infância ao mesmo tempo.

Na altura fui falar com o diretor da escola para que ele me arranjasse uma maneira de trabalhar e estudar sem gastar dinheiro. Timidamente ou não, fui

falar com o diretor e ele disse "Ok. Então começa a estudar e trabalhas ao mesmo tempo". E foi assim que fiz o curso de educadora de infância, embora nunca me tenha passado pela cabeça ser educadora de infância.

Estranhamente a minha vida acabou por seguir sempre o percurso da educação. Nunca exerci a profissão de educadora de infância. Acabei o curso e fui convidada para ficar a trabalhar na Faculdade, não porque tivesse boas notas, mas porque era muito irreverente. Gosto de fazer coisas diferentes e sempre fui muito ousada nos trabalhos que fazia e essas coisas todas.

Aproveitei a oportunidade, um pouco típico em mim, e fiquei 25 anos nessa instituição, o Instituto Piaget. Claro que continuei a melhorar o meu percurso académico. Eu terminei o curso e continuei a estudar, nunca parei! Primeiro fui fazer um diploma de estudo especializado em Supervisão, depois fiz outro Administração Escolar, depois matriculei-me em Ciências da Educação e, portanto, comecei do 0. Fiz uma paragem no 1º ano porque, entretanto, engravidei. Depois acabei Ciências da Educação e entrei no mestrado Ciências da Educação. Depois de acabar o Mestrado, entrei noutra Mestrado com Doutoramento Integrado. Acabei por fazer um segundo Mestrado também em Ciências da Educação e ainda entrei no Doutoramento em Ciências da Educação, que ainda estou a terminar. Pelo meio fiz uma Pós-graduação em Educação Especial.

Atualmente vivo em vários sítios, mas deixe-me explicar: Entretanto, a minha vida deu assim uma volta de 180º e a Faculdade onde eu trabalhava sofreu a crise económica e eu fiquei desempregada. Entretanto, o que me pareceu mais rápido em termos de sobrevivência foi candidatar-me àquilo que era mais provável eu entrar. Então, candidatei-me a Educadora de Infância e exerço esta profissão há 3 anos. Era o caminho mais viável que tinha para emprego imediato.

Acho que a minha personalidade me faz abraçar qualquer oportunidade que me apareça.

Atualmente sou educadora de infância no Montijo.

## **BLOCO B.**

### **VIDA FAMILIAR**

Tenho uma filha de 22 anos a tirar o mestrado de relações internacionais no Minho.

Os meus pais tinham um mercearia e uma tasca em Valpaços, uma coisa muita gira com balcões daqueles antigos. Aquelas mercearias mesmo tradicionais com a tasquinha ao lado!

O meu avô materno era guarda-fiscal, a minha avó era doméstica. Da parte do meu pai não sei, tinha tudo muito a ver com a agricultura, aliás os meus pais também eram agricultores. Não tenho a certeza, mas acho que nenhum frequentou mais que a 4ª classe.

Os meus pais tiveram 9 filhos, mas só 7 chegaram à idade adulta.

Eu sou a mais nova de todos e a minha irmã mais velha tem 65/66 anos. Dos 5 irmãos que ainda tenho vivos, contam-se uma assistente de medicina, uma médica, uma auxiliar médica, uma auxiliar hospitalar, uma empregada de escritório e um irmão que é empresário.

Todos saímos de Valpaços. Tivemos uma educação muito rígida, mas todos fomos estudar. Se as pessoas não aproveitaram as oportunidades, foi porque não quiseram. Pelos meus pais, todos os filhos foram estudar, e tinham 7, portanto tinha de ser uns num colégio outros noutro.

Embora a perspetiva nessa altura da aldeia era emigrar, e os meus pais ajudaram muita gente a emigrar, nunca o fizeram nem quiseram que nós fizéssemos, portanto há aqui alguma influência dos meus pais para que encontrássemos o melhor para nós e que não fôssemos ficar na agricultura nem ficar na aldeia. Procurar outras vias de vida...

## **BLOCO C.**

### **SOCIABILIDADE E PRÁTICAS CULTURAIS**

Num dia típico levanto-me sempre a correr com pressa de dormir. Vou para o trabalho e chego sempre em cima da hora com o toque da campainha já, ainda estou a abrir o portão e já está a acabar de tocar. Custa estar nesta nova profissão a tratar dos miúdos. Envolve-me muito naquilo que faço independentemente de achar que não é ainda a minha praia. Mas envolvo-me muito até, porque faço questão de experimentar algumas teorias que durante anos passei ou tentei passar aos meus alunos. Depois à hora de almoço vou almoçar com uma colega. Normalmente levo uma marmita, porque por questões económicas não me é possível ser de outra forma, não é? E depois volto para o jardim-de-infância. Quando saio, normalmente estou sozinha. Não tive tempo para fazer grandes amigos ainda, nem há muitas possibilidades nestes sítios. Dou os meus passeios, faço compras, gasto o dinheiro que não tenho às vezes, para passar o tempo, para me sentir satisfeita! E vejo um filme, dois filmes por dia, estou ao computador. Gosto de cozinhar, faço jantar para mim para o meu namorado que vai ter comigo... E assim passo o meu dia. Quando tenho oportunidade gosto de viajar e conhecer novos sítios.

Quando venho ao Porto tenho que ir visitar a minha irmã para apoiar a minha irmã, tenho que ir visitar a minha mãe para apoiar a minha mãe! Tenho que estar com a minha filha e com o namorado, que agora já vive sozinha. Depois há sempre uma amiga ou outra que está sempre a reclamar porque eu não apareço. Aos fins-de-semana estou sempre com gente.

Às vezes fico cansada dos fins-de-semana. Até penso que de vez em quando nem venho [ao Porto] para ter tempo para mim. Eu gosto de pessoas, mas também gosto do meu espaço. E depois quero estar na minha casa, aqui [no Porto], porque a outra [no Montijo] não é a minha casa. Eu gosto de estar aqui e ver as minhas coisas e mexer e mudar de sítio.



Vou ao ginásio com pouca frequência, porque detesto fazer exercício físico. Gosto mais de estar quietinha no sofá e ver filmes, filmes, filmes, filmes e mais filmes!

Gosto de ler! Não tenho lido muito, porque há um tempo, há um ano e pouco, tive um problema oncológico e perdi um bocadinho a visão, então agora retraio-me um bocado a ler, foi a partir daí! E, também, se encontrar um livro que gosto devoro-o num dia. Não durmo! (...) Também gosto de música, estar com amigos, beber uns canecos!

Estou de algum modo ligada à política. Não é uma associação propriamente dita, mas é um grupo de pessoas ligadas à política. Associações, só as de artistas de pintura, onde eu também faço umas aventuras. E portanto, pertenço a um grupo onde não tenho sido muito ativa nos últimos anos, porque pela questão da doença, que mudou muito a minha vida, não me tem sido possível.

A minha principal motivação para este nesse grupo é a interação social e conhecer novas pessoas.

Também já participei em algumas manifestações. A mais marcante foi a primeira manifestação sobre a despenalização do aborto. Eu estava ainda com a perspetiva de ir para jornalismo, e portanto, fui com os colegas para a Assembleia da República manifestar-me e acabei até por lá levar com um cassetete dum polícia no braço.

## **BLOCO D.**

### **PARTILHA DE BOLEIAS**

Eu comecei a andar a boleia muito cedo. Eu quando tinha 18 ou 19 anos fazia boleias Porto/Valpaços. Eramos um grupo de 4, nós somos 5 irmãs aliás, e, portanto, 4 delas íamos e fazíamos boleia, mesmo assim com o dedo, não é assim destas boleias partilhadas.

Quem me introduziu no grupo “Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!” foi uma amiga minha que me falou já há uns anos. Em 2010 eu tive um Congresso em Lisboa, na Faculdade de Ciências da Educação, apresentar uma comunicação. E em vez de ir de carro ou de comboio, resolvi pedir boleia e fui de boleia com um grupo assim de jovens. Foi muito engraçado. gostei e depois regressei também com outra boleia!

Depois tive um período que não pedi, porque não tinha necessidade, mas depois quando fui colocada longe de casa comecei a pedir e também a oferecer. Neste momento conheço entre 8 a 10 amigos inscritos nesta plataforma.

Eu adoro partilhar boleias, porque assim conheço gente! E, portanto, para mim partilhar boleias é ótimo! Já estou aqui cheia de expectativas sobre quem é que vai comigo amanhã! Publiquei hoje! Para mim é muito bom, é uma forma de conhecer gente diferente! Gente mais nova que eu. Gosto de conhecer gente mais nova que eu, as pessoas da minha idade às vezes são chatas e têm formas de pensar bolorentas! Não digo que sejam todas, mas gosto muito de conhecer assim gente nova, sinto-me nova também!

Eu coloco lá 15 euros e vou buscar as pessoas. Tento concentrar as pessoas num sítio para não andar de um lado para o outro e tento deixá-las também num sítio só.

Agora tem sido diferente porque mudei de carro há pouco tempo e este carro permite-me trazê-lo! O que tinha era assim velhinho, não andava muito e era desportivo! Este aqui permite-me oferecer boleia. Esta experiência de ser eu a trazer pessoas não é uma experiência longa... Digamos que é recente. Vinha muito mais com outras pessoas.

Eu se tivesse que escolher um meio de transporte de eleição, era mesmo bicicleta. Sempre adorei! Sempre quis andar de bicicleta. Era miúda e nunca tive uma bicicleta, o meu pai andava sempre a dizer: "Um dia vou-te comprar uma bicicleta". E nunca comprou, também não podia, coitado! Depois, mais tarde, o

meu ex-marido ofereceu-me uma bicicleta e eu adoro andar de bicicleta, sei andar mal, já comprei mais duas. E roubaram-me as bicicletas, portanto agora estou à espera que, sei lá, que a minha filha volte a oferecer-me uma bicicleta! Com rodinhas, de preferência! Mas era uma coisa que gostava assim uma bicicleta ou assim tipo uma motinha. Isso é que era fixe! Uma motinha, assim uma *scooter*.

Aderi à página de partilha de boleias do Facebook por necessidade e por gostar de partilhar! Não me estou a ver a comprar um bilhete.... Por exemplo, o ano passado viajava mais de comboio, porque o sítio onde eu estava não me possibilitava apanhar boleias! Não havia ninguém a sair de Rio Maior, em Santarém... Não era fácil! Então comprava o bilhete com antecedência e conseguia até ter preços competitivos, às vezes muito mais baratos que as boleias... Mas prefiro as boleias essencialmente pelo lado social. Claro que às vezes apanho uns cromos e assim. A última boleia que dei foi a três rapazes que foram o caminho todo a dormir. Detestei!

Para mim, o que distingue as boleias de outros meios de transporte é a socialização, sem isso, deixam de ter piada. Às vezes há pessoas que não se ouve a voz! Eu acho que se for assim, nem deviam andar a partilhar estas boleias. Se for para ir em silêncio, mais vale irem de comboio.

Acho que a sociedade tem que caminhar para uma sociedade de partilha. Não só nas boleias, mas em tudo! A vida tornar-se-ia muito mais fácil se as pessoas não fossem assim... Não vivesse cada um para o seu umbigo! O que fazem com as boleias, devia-se fazer com outras coisas, como por exemplo a comida: Eu às vezes passo, observo imenso as laranjeiras os limoeiros e vejo laranjeiras carregadinhas e ninguém partilha!

Aqui há dias até fiz uma publicação no Facebook que era “É Natal”. Tudo o contrário do que para mim é Natal, eu não ligo nada ao Natal, publiquei, porque eu sou provocadora! Sou provocadora e gosto de fazer coisas que põem os outros a pensar! Então disse “Natal é ver tantas laranjeiras e limoeiros carregados e vou

ter que os comprar, numa superfície a um preço exorbitante". Eu acho que isso tem de ser feito em tudo! Com a roupa também - partilhar a roupa com os outros! Ainda esta semana passada partilhei um casaco com uma colega e ela disse "Quanto queres que te pague?" e eu disse "Nada! Então se ele já não me serve, nem nunca me vai servir e a ti acho que te fica bem!". Pronto!

Acho que as pessoas devem partilhar o que têm com os outros e se já não faz falta, trocar! Tocar os livros, por exemplo. Os livros é uma coisa que fiz durante algum tempo com amigos, trocar livros para ninguém ter que comprar.

A partilha é benéfica para os indivíduos e para a sociedade.

Os aspetos positivos das boleias são as questões económicas e as questões de poluição. Se eu for com outro, não vou levar o meu carro. Em terceiro as questões de socialização. São essencialmente esses 3 fatores. A sociedade tem que caminhar para isto, temos que voltar à altura das cooperativas! Temos que voltar à altura, não digo das comunidades hippies porque não é tanto ao mar nem tanto a terra, mas temos que o fazer - temos que pensar em mudar estilos de vida.

Evidentemente que uso também porque necessito. Posso dizer que a prioridade sejam outros fatores, mas neste momento para mim é a questão económica. Mas também se pensar bem não é tanto assim porque às vezes consigo fazer Porto-Lisboa por 18 euros de avião. Mas se fizermos bem as contas, entre estar a pesquisar voos na internet, apanhar metro para o aeroporto, mais o autocarro, acho que prefiro as boleias!

Até porque eu pertença a um dos grupos que mais usam as boleias - os professores. Nós também temos um grupo de boleias - Boleias para professores. Só que o acontece é que os professores começam a organizar-se com os colegas que depois ficam sempre as mesmas boleias. Eu há 3 anos tive uma experiência assim, éramos 15 colegas e distribuíamo-nos em carros. Quem tinha oportunidade trazia, quem não tinha, partilhava com outros e éramos cerca de 14/15 pessoas a vir todos os fins-de-semana para casa.

Às vezes eu publico no grupo de boleias para professores, mas não há grande saída porque não conheço ninguém ali perto. O normal que se encontra naquele grupo é do género: "Fui colocado não sei onde com quem posso fazer grupo?". Então vão fazendo grupos e é muito difícil entrar nesses grupos. Eu acho que as pessoas até deixaram de publicar! Quem não tem ainda um grupo formado, que é o meu caso e de mais uma outra colega que eu conheço, publica nas boleias Porto Lisboa e Lisboa Porto.

Gostei da experiência de partilhar boleia no grupo "Boleias: Porto-Lisboa ... e ... Lisboa-Porto!!". Ainda assim, não digo a algumas pessoas que partilho boleias. Há pessoas a quem eu não posso dizer que vou nestas boleias porque as mentes ainda são muito fechadas e é muito estranho para estas pessoas eu, na minha idade, andar metida nestas andanças. Também me acontece quando chego ao pé das pessoas a transportar e acharem a minha aparência estranha, porque nota-se que tenho 50 anos, mais até pelo facto de assumir as minhas brancas! As pessoas pensam 'alguma velha chata ranhosa!' Depois percebem logo que não sou, porque não sou mesmo! E lembro-me que a minha primeira experiência foi terrível, porque contei a algumas pessoas. Um professor universitário ir partilhar uma boleia para um congresso é muito estranho. Mas o meu grupo mais restrito de amigos e conhecidos conhece a minha forma de ser e percebe que eu sou aventureira nestas questões. Quando vou com este pessoal mais novo acabamos por falar em muitas coisas, que eu já fiz, desde troca de casas, ou *Couchsurfing* ou assim por aí...

Nessa altura as pessoas pensam "Eh pah afinal os velhos também fazem *Couchsurfing*..., e *Airbnb*". E depois descobrem que os velhos também já dormiram na rua... Há experiências que nós tivemos que as pessoas acham estranhíssimas, como ir de férias com a minha filha e irmos de mochilas às costas sem destino e acontecer... Primeiro não foi planeado, mas depois até já foi. Cheguei a dormir na rua para poupar dinheiro! Tudo isto faz com que as pessoas

da idade da minha filha achem imensa piada! Outras pessoas da minha idade acham-me louca! Eu acho que 'louca' não é o termo, é mais 'diferente'!"

Eu acho que grupos como este têm tudo para aumentar. Acho que a sociedade neste momento tem que seguir por essa via e está a seguir! Lentamente, muito lentamente está a seguir. Digo isto não só em termos económicos, porque nós vivemos muito sozinhos. Acho que se isto sim é uma necessidade - uma necessidade económica aliada a uma necessidade de estarmos com os outros. Nós estamos demasiado connosco! Isto é paradoxal, estamos muito metidos em nós próprios. É preciso ter estes espaços bem divididos.

## Edição da Entrevista 2 – José Teodoro

### BLOCO A.

#### TRAJETÓRIA ESCOLAR E PROFISSIONAL

Estudei na escola de Custóias até ao 4.º ano. Depois passei para a escola de 2.º e 3.º ciclo de Custóias, onde completei o 9.º ano. A partir daí passei para o secundário na escola João Gonçalves Zarco em Matosinhos. Anulei a disciplina de Físico-química, no último ano. Tive mais tarde que fazer essa disciplina no externato D. Dinis. Pronto, atrasei um ano e depois entrei para a marinha em 2010.

Já desde muito cedo sabia que queria ir para a marinha! Já desde, mais ou menos dos 13/14 anos. Quando era mais novo jogava mais jogos de guerra! Não a guerra em si, como a gente vê a matar pessoas. Mas mais num tema estratégico e de aventura e comecei-me a interessar por isso e, ... Quando fui à Internet e vi os três *sites* de seleção das forças armadas, a força aérea, o exército e da marinha, tive a ambição de escolher uma tropa especial! Nós em Portugal temos quarto - três do exército e uma é da marinha. Os Para-quedistas das Operações Especiais do Exército, os Comandos, a Marinha e os Fuzileiros. Tive a ver o historial de cada um, os antepassados, a história, donde é que vieram, o que é que fizeram, e no meu ver os Fuzileiros eram os mais completos. E até porque na marinha não formava só militares mas formavam homens e pessoas, as pessoas iam para lá e tinham possibilidade de estudar e tinham uma educação diferente e a formação era diferente dos outros ramos e identifiquei-me muito com a marinha e decidi concorrer.

Eu tinha um *part-time* para uma instituição de solidariedade chamada Samaritanos – Missão Caridade, localizada em Matosinhos. Nesse *part-time* estive a gerir o site deles, em termos de voluntários. Não tinha meios para ajudar de outra forma, então decidi ajudar assim e isto deu-me um outro horizonte!

Comecei a trabalhar em paralelo para uma empresa, que viu os meus trabalhos e então decidiram-me pôr a gerir o *site* deles *online*. Consegui assim ganhar algum dinheiro para poder continuar a estudar e tirar o 12.º.

## **BLOCO B.**

### **VIDA FAMILIAR**

A minha mãe, de 42 anos, é calibradora e já não tenho pai. Os meus pais estudaram muito pouco! Estudaram até ao 4.º ano antigo, ou seja, deve ser o nosso 6.º ou 8.º, não mais que isso... Tenho, tenho 2 irmãos. O meu irmão gémeo trabalha num armazém de logística. A minha irmã tem 19 anos e que estuda Marketing. Já os meus avós são reformados e trabalharam na construção civil e as minhas avós trabalharam no campo. Não tenho muita ideia do nível de escolaridade dos meus avós, sei que a minha avó, a única que é viva, é analfabeta! Não teve grande estudo.

Tenho um filho de 5 meses e namorada. Vivo em casa dos meus pais. Como o meu filho não foi planeado, nós temos uma relação sólida, mas não foi planeado e não é por causa disso que vamos acelerar as coisas então estamos a levar as coisas, normalmente...

É assim eu normalmente digo que vivo no Porto em casa dos meus pais, porque a minha morada fiscal é esta, não é! Mas eu passo mais tempo na minha Unidade em Setúbal. Eu praticamente vivo lá em baixo. Eu venho aqui dormir a casa ao fim-de-semana e é quando venho.

## **BLOCO C.**

### **SOCIABILIDADE E PRÁTICAS CULTURAIS**

E eu vou explicar o que é que é um dia normal de trabalho dum militar. Não quer dizer que seja o meu mas pronto! O *standard* é a formatura as 8.30 da manhã e depois cada um vai para os seus serviços específicos. Há várias especialidades:



administrativos, artilheiros, cozinheiros,... Pronto cada um faz o seu serviço da sua área, até a hora de almoço que é ao 12.00. Depois há outra formatura à 13.30, que é para dar início ao período de trabalho da tarde até as 16.30. Pronto, o meu é um bocadinho diferente mas o *standard* militar é este.

Eu estou na instrução! E eu não trabalho das 9.00 às 16.00! Eu trabalho das 7.00 da manhã até as 22h30 da noite e é um bocadinho diferente. Tenho a formatura dos alunos às 8h00. Depois eles têm aulas. Eu vou dar instrução até ao 12.30, estou sempre a acompanhá-los. Depois às 13h30, inicia o período das aulas para eles de tarde, eu vou dar instrução outra vez se tiver que dar, se tiver uma aula para dar. Senão vou preparar as aulas seguintes e vou preparar alguma instrução noturna que seja para depois das 22h30, ou então exercícios de mato.

Um dia de lazer... acordo tarde, almoço o meu pequeno-almoço, tomo um café, dou uma voltinha de carro, vou ter com os amigos. Se for possível jogamos um joguinho ou assim, pronto para descontraír. Ao final da tarde ginásio, e é isso, descontraír.

Nos meus tempos livres eu treino, estou com o meu filho e pouco mais... Gosto de ir ao café, jogo *snooker*... Tenho uma equipa e jogo *snooker*, de resto não faço assim mais nada. Um dia normal, qualquer jovem de 27 anos faz não é, sair a noite, pronto estar com os amigos.

Derivado da minha profissão, não posso participar em manifestações. Se pudesse e se o tema fosse de encontro aos meus ideais participava.

## **BLOCO D.**

### **PARTILHA DE BOLEIAS**

Ainda não partilhei boleias com os meus irmãos, porque nunca precisaram de usar! Mas isso não invalida que eu não possa um dia dar boleia a alguém e ele esteja comigo dentro do carro. Não vejo problema nisso. Já partilhei boleia com outros familiares, com primos. Com amigos também já partilhei boleias.

Como tenho vindo para o Norte todas as semanas, trago sempre pessoas, amigos e desconhecidos, é raro viajar sozinho.

Normalmente venho com militares, quando a gente consegue conciliar todos virmos a casa todos no mesmo dia. Quando não vem 1 ou 2, os outros 3 lugares do carro são preenchidos por pessoas da plataforma do Facebook.

Eu acho que utilizar a plataforma é muito stressante, porque às vezes as pessoas respondem, outras não respondem. Tenho que meter vários anúncios e recebo chamadas e depois dá para esta hora e não dá para outros. Depois tenho que ir buscar pessoas a este sítio e depois àquele e tenho que andar a fazer um itinerário... E às vezes não tenho ninguém e à última da hora tenho mais que a lotação do carro! E custa-me dizer não a certas pessoas, mas não dá mais jeito a mim... Também as vezes é mais por aí, como me dá mais jeito, às vezes é quem vem primeiro e outras vezes é quem me dá mais jeito deixar num sítio ou no outro.

Eu vou sempre buscar a vários sítios. Normalmente eu tento que eles vão ter sempre ao mesmo sítio, mas por exemplo em Lisboa é muito complicado. Eu trabalho na Margem Sul, então tenho que estar a ir para outro lado e para o outro. É isso que me tira fora de mão. Tento juntá-las mais ou menos no mesmo sítio, mas nem sempre dá. Aqui no Porto combino sempre em Campanhã, a não ser que sejam aqui de Matosinhos, mas normalmente é sempre em Campanhã. Mas lá em baixo, em Lisboa, como nós chegamos tarde, por um ato de civismo tento deixas as pessoas em casa. Também depende se não são de muito longe. Se for longe então negoceia-se o preço, senão levo-os a porta de casa ou onde elas quiserem, não me faz grande diferença, como percebo que gostava que fizessem isso comigo.

Nunca recorri à boleia de ninguém através desta plataforma.

Eu tenho horários mais ou menos fixos para fazer as viagens Porto-Lisboa. Para o Porto saio às 17h00 de sexta e volto domingo às 22h00. Faço isto uma vez por semana ou de duas em duas.

Tento vir sempre ao Porto porque moro aqui, tenho aqui o meu filho, tenho aqui a minha namorada, tenho aqui a minha família, tenho aqui os meus amigos, lá em baixo é mesmo trabalho.

Em termos de boleias é tranquilo. Apenas uma ou outra coisa de pessoas que não foram assim muito corretas, mas isso passou logo, mas normalmente é sempre tranquilo.

Se tivesse que escolher um meio de transporte favorito, era o carro. Primeiro porque é mais seguro! É mais confortável! Sabemos que vamos com poucas pessoas, há sempre registos de com quem é que fomos e onde é que tivemos. É mais seguro. Eu também gosto de mota. Às vezes dava mais jeito mota, por causa do trânsito em si. Agora está a chegar a altura do sol, dá mais jeito ir de mota, mas normalmente prefiro carro.

Tive conhecimento da plataforma por necessidade, há cerca de 3 anos. Tirei a carta há 4 e comecei a partilhei boleia com os amigos da marinha. Só depois conheci a página do *Facebook*. A palavra passa de boca em boca e às vezes fazia muitas viagens sozinho e ficava muito dispendioso. Até que um amigo, já não me lembro como é que surgiu, me falou num grupo das boleias do Facebook. No início soa assim um bocadinho estranho, nós metermos pessoas estranhas dentro do nosso carro ou irmos com pessoas estranhas, mas depois vi que aquilo é tranquilo, as pessoas querem também a nossa ajuda e nós queremos a ajuda delas.

Aderi por necessidade de dividir despesas. Por exemplo, eu sei que há pessoas que gostam de viajar de comboio, mas isto é uma coisa que se sente não é uma coisa que se diga. Depende de pessoa para pessoa, Eu só pago 5 euros se for no comboio no inter-regional que sai todos os dias às 00.30. Mas eu só chego a Lisboa

às 6 da manhã! Agora fazer uma viagem dessas durante a vida toda não é muito confortável. Se calhar eu prefiro gastar mais um pouco, levar o meu carro, divido as despesas e assim vou fazendo uma viagem mais confortável. É o que eu sinto! Se uma pessoa quiser mesmo poupar, faz o sacrifício e vai de comboio. Sem os descontos que os militares tenham, fica difícil. Mas isto é uma coisa que vai de cada um, da preferência de cada um, da vida de cada um. O comboio que é vantajoso a nível monetário, é muito desgastante.

Para mim os principais constrangimentos da partilha de boleias é o sítio onde nós vamos deixar as pessoas, se vão muitos ou não. É mais o tipo de pessoas que a gente às vezes apanha, porque estamos ali a combinar boleias e nunca sabemos quem vamos apanhar, quem vamos buscar. Acho que é o tipo de pessoa! Já apanhei pessoas de todo o nível, pessoal de estilo alternativo, advogados, diretores dos jornais. Isso não é um problema, é uma coisa. Por acaso sou uma pessoa simples e adapto-me facilmente a qualquer tipo de conversa e a qualquer tipo de pessoa, mas se for pessoas mais, mais conservadoras, mas é um bocado diferente.

Mas também depende do tipo de pessoa que levar! Se for uma pessoa que tem uma boa conversa, goste de falar e falarmos sobre coisas interessantes, prefiro que ela vá a falar comigo. Mas se for uma que goste de falar, mas que não diga nada, prefiro ir com o rádio ligado a ouvir música.

Por outro lado, acho que hoje a palavra duma pessoa vale muito pouco! Não para mim, mas eu já tive acontecimentos onde tinha o carro cheio e disse que não a certas pessoas, a várias pessoas- E no final tive que ir só eu e outra pessoa, porque depois disseram que já não iam ou que arranjam outra maneira não é, e eu fiquei “a arder”.

Se puder e se tiver dinheiro para isso, eu prefiro conduzir sozinho e viajar sozinho ou com pessoas que eu conheço. Nem sempre estamos nos nossos dias para ter essa disposição.

Considero que as boleias podiam ser usadas no dia-a-dia para nos deslocarmos. Porque por exemplo: Vou falar aqui de um caso de uma pessoa que vive em Matosinhos e que trabalhe em Vila Nova de Gaia! Não é muito longe, ou seja essa pessoa vai e vem todos os dias. Mas imaginemos que ela é de um sítio em Vila Nova de Gaia que não tem metro. Vai ter de ir de carro. Se calhar naquela zona há várias pessoas que trabalham lá e que vivem em Matosinhos, noutra sítio ou noutra empresa, e se calhar isso podia ajudar pessoas a viver melhor no dia-a-dia e a gastar menos. Se calhar dava mesmo para utilizar no dia-a-dia as boleias. Não só para viagens de longa distância mas mesmo assim no dia-a-dia.

Eu considero as boleias benéficas, principalmente pela questão económica. Também acho que nos abre os horizontes! Apanhamos muito tipo de pessoas e conhecemos muita gente. Conhecemos pessoas desde pessoal alternativo a advogados e diretores de jornais e para a sociedade é muito bom, porque às vezes não sabemos a realidade em que certas pessoas vivem. Eu já dei boleia a pessoas africanas. Chegaram ao Porto, perderam o comboio Alfa e não sabiam como é que haviam de chegar a Lisboa e por acaso tinha um contacto que tinha a plataforma das boleias e eu fui buscá-los ao aeroporto e levei-os para Lisboa. E como já aconteceu com 2 pessoas africanas, aconteceu com 2 egípcios e eles não falavam português e eu só falei inglês para eles. Para mim foi muito, foi altamente foi uma viagem muito interessante. Portanto acho que é benéfico para a sociedade. Depois depende da vida de cada um.

No entanto, eu sempre que puder, eu vou sempre sozinho. Sempre que puder e estiver bem financeiramente vou sempre sozinho. Se vejo que dá e olha “hoje eu quero poupar e assim”, meto um *post*, se tiver pessoal para ir comigo tudo bem, senão também já não me chateio muito.

Mas mesmo se tivesse mais alguns trocos e se tivesse uma vida bem-sucedida acho que continuava a usar à mesma a partilha de boleias. Isto porque eu nasci num meio muito simples e por muito que saiba que vá ganhar dinheiro, tudo o

que eu puder poupar para dar ao meu filho acho que isso vai ser sempre um bom pensamento! Isso está intrínseco, mas eu acho que vou continuar assim a ser uma pessoa simples e no fundo é uma forma de eu ajudar outras pessoas que já vi que também é importante. Se eu vou e vou, se tiver alguém para ir comigo, eu estou a ajudá-los! Em vez delas pagarem 30 euros para ir de comboio, se puderem pagar 15 euros, vão no meu carro que eu não me importo de os levar.

Acho que as boleias vão continuar, cada vez mais. Cada vez mais nós temos necessidade de economizar e mesmo de partilhar a nossa vida, mesmo de conhecer outras pessoas eu acho.

Eu tenho 3 grandes motivações quando partilho boleias, que é a questão económica, a questão de interagir com as outras pessoas e a questão da solidariedade, de também de ajudares os outros. Não é ser egoísta, mas acho que primeiro estou eu. Não só por mim, mas neste momento tenho uma pessoa em quem pensar! Tenho uma grande prioridade que tem 5 meses, por isso primeiro está a minha situação económica. Depois vem o ajudar os outros e só depois o meu conhecimento pelas outras pessoas e pela sociedade e abranger os horizontes.

## Edição da Entrevista 3 – Rute Rodrigues

### **BLOCO A.**

#### **TRAJETÓRIA ESCOLAR E PROFISSIONAL**

Estudei até ao 10.º na Escola Secundária Domingues Rebelo em São Miguel. Depois no 11.º ano, como eu sou da Terceira, a minha mãe quis voltar para lá, então fui para a Escola Secundária Vitorino Nemésio. Fiz lá o 11.º e 12.º.

Para aí a partir do 7.º ano já pensava que queria ser advogada, mas depois a partir do 8.º/9.º a minha mãe ficou desempregada e como os meus pais são divorciados e tenho um irmão mais novo eu até pensei que não vinha para a Universidade. Se fosse para a Universidade, sabia ‘Ok, queria Direito’, mas não tinha a certeza. Depois é que no 12.º ano é que a minha mãe me disse ‘Ah então vais para que Universidade?’ e eu ‘Espera o quê? Vou para a Universidade?’.

Eu estava 80% inclinada para Direito, mas também gostava muito de psicologia. Psicologia é daquelas áreas que também me interessava. Eu gosto muito de psicologia na teoria, agora na prática não é bem aquela profissão que eu gostasse de exercer. Como o Direito também é muito vasto e tive a ver as duas e depois... eu gosto muito de psicologia na teórica, agora na prática não é bem aquela profissão que eu quero exercer e como o Direito também é muito vasto, porque eu se mudar de ideias e não quiser ser advogada também tenho um leque imenso de opções, por isso então acabei por preferir Direito, apesar de ter colocado três opções em psicologia.

Estou no 2.º ano da Licenciatura de Direito, devia de estar no 3.º, mas chumbei no 1.º ano, porque o 1.º ano foi muito complicado. Eu achava que queria mesmo isto, mas a verdade é que a realidade da Faculdade é muito mais difícil do que aquilo que as pessoas nos dizem! As pessoas dizem que ‘vai ser difícil’ e que ‘tens que estudar’, mas enquanto não estiveres mesmo a sentir isso na pele não sabes o que é! Eu vim dos Açores e é complicado estar longe da família. Estava em

Lisboa desde janeiro, chegou a junho e eu disse à minha mãe: 'Estou farta, não quero saber mais disto.' Então fui para casa e depois até estive a ver os cursos. Só que pronto não havia nenhum que eu quisesse! Foi mesmo do tipo 'Ok! Se calhar quero mesmo é Direito, vai ter que correr bem!'. E depois voltei e está a correr muito melhor! Eu fui lá só duas semanas de férias. E férias, não foram férias! Tive que estudar para os exames, depois tive orais e depois tive recursos e depois começou o 2.º semestre e estava demasiado cansada.

Em termos profissionais só trabalhei mesmo em Festivais e nos Açores trabalhei durante os meses de Verão.

## **BLOCO B.**

### **VIDA FAMILIAR**

A minha mãe é funcionária numa casa de saúde e tem o 9.º ano obtido através das novas oportunidades. E o meu pai é polícia e tem o 12.º ano incompleto, porque reprovou a Matemática. Já a minha avó materna era doméstica, e o meu avô auxiliava um senhor que tinha uma quinta, a cuidar do seu jardim. A minha avó paterna não faço ideia, porque quando morreu, o meu pai ainda era muito novo. E o meu avô, eu não sei se antes disso ele teve algum trabalho, mas do que eu me lembro ele trabalhava num mercado. Por fim, tenho um irmão mais novo que tem dez anos e está no 5º ano.

Atualmente vivo com três rapazes, que têm todos por volta de 30 anos de idade e já trabalham. Eu sei que eles trabalham em empresas, um tem a ver com informática, outro trabalha na Moche e o outro em qualquer coisa dos telefones, mas eu agora também, eu nunca sei bem.



## **BLOCO C.**

### **SOCIABILIDADE E PRÁTICAS CULTURAIS**

Normalmente acordo às 7h30 para tomar o pequeno-almoço, para tomar banho e ir para a Faculdade. Eu como moro perto da Faculdade, demoro cerca de quinze minutos e às nove estou aqui. Começo a estudar às nove e paro entre meio-dia e a uma, conforme esteja cansada ou não. Às duas começo a ter aulas e saio as seis.

Quando saio às seis normalmente vou sempre a casa jantar ou fazer almoço. Depois se vir que ainda tenho muita matéria para estudar volto para a Faculdade, senão então ou fico em casa a ver uma série ou vou dar a um passeio a algum sítio ou vou a algum café.

Quando não tenho de estudar, vou para uma esplanada apanhar sol! Então se tiver calor, vou à praia! Também gosto de passear, conhecer sítios novos e observar as paisagens e coisas do género.

Apesar de não ter muito tempo livre desde que entrei na Faculdade, jogo vólei. Por isso, faço parte de vólei no clube da Faculdade e do departamento de desporto da associação de estudantes e também estou num núcleo de estudantes das Regiões Autónomas. Basicamente nós ajudamos Açorianos e Madeirenses a integrarem-se, porque chegam aqui muito de para-quedas! Não conhecem bem as zonas onde podem viver, as zonas onde podem ou não passear, esse tipo de perguntas nós então ajudamos mais. As pessoas dão uma ideia geral, mas não acompanham tanto.

Depois faço voluntariado esporadicamente, quando vejo que naquele dia vai haver qualquer coisa, então eu ajudo, porque não consigo estar frequentemente a fazer, então faço só de vez em quando. Nos meus tempos livres também leio, vou ao cinema, gosto muito de passear, muito de viajar. Gosto imenso de fotografar!

Em manifestações nunca participei e eu por acaso até gosto bastante de ir, só que normalmente nunca sei atempadamente das coisas, eu quando sei já passou.

## **BLOCO D.**

### **PARTILHA DE BOLEIAS**

Eu comecei a utilizar as boleias, porque o meu namorado é de Viana do Castelo. Então eu ia até ao Porto e depois ele vinha-me buscar, para irmos para Viana do Castelo. Antes ele estava em Lisboa, então eu ia com ele no carro e ele é que recebia pessoas do grupo. Eu fui muitas vezes com o meu namorado e sabia que ele estava no grupo e que metia no grupo... Mas depois chegou uma altura em que eu precisava da boleia, então eu fui procurar o tal grupo e aderi. Agora como ele não está em Lisboa, eu tenho que ir até lá e eu é que procuro pessoas. Tento ir três vezes por mês ou só uma a Viana. Sempre que eu preciso de ir para Viana, eu apanho boleia!

Nunca partilhei boleias com nenhum familiar e inclusive a minha mãe tem sempre aquele medo “Não vás com estranhos!”. Com amigos e conhecidos já partilhei boleia. Esta partilha ocorreu mesmo através da página, uma minha amiga como sabia que eu ia falou comigo. Tenho talvez uns trinta amigos que utilizam esta página.

Um dia de boleais é sempre igual. Depois das aulas acabarem, vou até ao sítio aonde combinamos e normalmente tento sempre combinar aqui perto, porque não tenho passe e para não gastar dinheiro no passe e no bilhete. Eu ou chego na hora ou chego sempre cinco/dez minutos atrasada. É uma coisa, sempre! Normalmente a pessoa já está lá e chego eu, depois outra... Pronto depois apanho a boleia, vamos cima e o condutor deixa-me no sítio que eu pedir. No que toca ao pagamento, é sempre feito depois da viagem, no final, ou então, alguém vai sair primeiro que eu, já que ele parou eu digo “Olha deixa-me já dar-te o dinheiro.” É sempre assim em dinheiro.

Eu quando vejo a pessoa, toco no perfil, vejo logo se tenho algum amigo em comum! Vejo de onde é que a pessoa é, se estudou, se é casada... Vejo as fotos, tento ver se a pessoa é muito esquisita ou não. Senão me parecer esquisita, pronto acredito que vai correr tudo bem. Se for com mulheres não me preocupo muito! Sempre que vou com homens pelo sim pelo não, eu mando a matrícula ao meu namorado.

No dia-a-dia, eu venho sempre a pé da Faculdade, porque eu moro a dez minutos... quinze minutos da Faculdade. Então só mesmo se precisar de ir para um sítio mais longe é que apanho transportes. Eu tento ao máximo andar sempre a pé, mesmo quando é um bocado longe, se estiver bom tempo eu não me importo, vou a pé e volto. Se tiver que ir para um sítio mesmo que não dá... Uma vez dá mais jeito ir de metro e outras vezes dá mais jeito ir autocarro.

Quando não utilizo as boleias para distâncias mais longas, depende, se eu sei que vou para lá com alguma antecedência... Tento aproveitar as promoções do comboio, senão tem de ser de autocarro, porque é sempre mais barato.

Eu acho que as boleias são sempre mais vantajosas em tudo, porque o preço do comboio obviamente é mais caro, o autocarro compensa, mas mesmo assim nos vindo de boleia a pessoa normalmente até nos apanha onde nós quisermos, ou seja, não temos que utilizar outros transportes para ir até às paragens do comboio e autocarro. Portanto vai sair sempre mais barato! Depois é sempre muito mais flexível, porque a pessoa vai-me deixar mais ou menos onde eu quero. No comboio ou no autocarro eu saía na paragem! Além disso também costuma ser mais rápido e por exemplo já me aconteceu fazer Lisboa Porto sozinha à frente no carro, porque é muito mais confortável do que estar no autocarro três horas de um lado para o outro na autoestrada.

A mim nunca me aconteceu nada de muito estranho, mas já me aconteceu ir no carro em que decidiram meter três pessoas atrás e como era um bocado mais pequeno nós não tínhamos assim tanto espaço e estávamos sempre a tocar umas

peessoas nas outras. Depois há umas pessoas que têm uma bagageira maior e há outras que não, então às vezes não dava para levar malas assim tão grandes.

Valorizo o facto de conhecermos pessoas novas. É sempre bom conhecermos pessoas novas e todas as pessoas que eu conheci eram muito diferentes umas das outras. Fui com um PSP, depois fui com uma senhora que também me disse “Ah sou uma advogada estagiária”, partilhamos histórias, e vi como era Direito no Porto. Foi, foi engraçado.

Apesar de ser um bocado tanto faz, acho que preferia sempre companhia de pessoas que conhecia. Já me aconteceu ir em viagens em que a gente conversa muito, mas também há viagens em que ninguém fala e torna-se um bocado aborrecido, com pessoas que eu conheço sei que íamos estar sempre a falar.

Considero que estas boleias podiam ser utilizadas no dia-a-dia. Conheço pessoas que fazem isso na Faculdade e parece-me bastante lógico, porque assim não precisam de vir tantos carros, não precisam de gastar tanta gasolina, tanta poluição... “Nós moramos os cinco ao pé um do outro, podemos ir os cinco no carro até lá!” Parece-me lógico! Claro que a pessoa também vai com alguém conhecido sempre vai a socializar durante a viagem. Talvez por conhecer novas pessoas, a pessoa vai sempre conhecendo novas realidades, vai sempre sabendo novas experiências que as pessoas viveram e ganham um bocado mais de cultura acerca de tudo.

Para a sociedade é benéfica esta partilha pelo facto de estarmos em constante cooperação uns com os outros... Eu só posso àquela hora, podemos arranjar-nos no intermédio... Sempre que der vou partilhar boleias no futuro! Por nunca me ter acontecido nada muito estranho ou muito mau, eu acho que é sempre benéfico, sempre vantajoso. E eu acho que as boleias é algo que se vai generalizar até porque eu agora conheço cada vez mais pessoas que estão a aderir, ou porque ouviram falar ‘Olha um amigo meu vai, eu também vou!’ e acho que sim, acho

que é para aumentar!”. Sei que vou sempre conhecer pessoas novas, sei que vai-se apresentar sempre como a melhor opção, por motivos económicos e temporais.

Mais uma vantagem de ir de boleias é que eu sei que se chegar lá às dez e cinco e o comboio ou o autocarro era as dez, eles já se foram embora! Não vão esperar por mim. Nem que me atrase cinco ou dez minutos, em princípio a pessoa não se vai embora sem mim. É muito mais maleável.

## Edição da Entrevista 4 – Joaquim Santos

### **BLOCO A.**

#### **TRAJETÓRIA ESCOLAR E PROFISSIONAL**

Privilegiei a proximidade e entrei no ISCTE, em Lisboa. A minha primeira aventura fora do país ocorreu quando frequentei *Erasmus* em Ljubljana. Mais tarde optei por vir para o Porto para frequentar o mestrado em Gestão de Serviços. Esta escolha por Gestão de Serviços já foi bem ponderada. Por um lado, queria vir viver para o Porto, por outro a área de serviços e logística sempre me fascinaram.

Com 18 anos inscrevi-me como promotor de eventos e fui também monitor de colónias de férias. Sem contar com uma experiência fugaz de dois meses como contabilista, é no grupo SONAE que tenho trabalhado, primeiro no Porto e agora na Wells, em Lisboa.

### **BLOCO B.**

#### **VIDA FAMILIAR**

No Porto, vivia com um amigo, mas mudei-me recentemente para Lisboa e estou agora a viver com o meu pai e a minha irmã.

Os meus pais são divorciados. O meu pai tem 57 anos e é bancário, enquanto a minha mãe tem 55 e é advogada.

A minha irmã tem 21 anos e está a seguir as pisadas da mãe, uma vez que estuda Direito, aqui, em Lisboa.

### **BLOCO C.**

#### **SOCIABILIDADE E PRÁTICAS CULTURAIS**

Num dia de trabalho normal, acordo e depois normalmente tomo um banho, tomo o pequeno-almoço em casa e vou trabalhar. Termina de trabalhar entre as

seis, sete horas, dependendo do volume de trabalho que existir. Depois do trabalho venho para casa jantar e muitas vezes tomo um café com os amigos a seguir. Enquanto estive Porto ia muitas vezes jantar fora com colegas de trabalho e com amigos do Porto, porque vivia sozinho. Neste momento, como vivo com o meu pai e irmã, ei-de passar a ter uma rotina mais de casa.

Na maior parte dos fins-de-semana ou pelo menos num fim-de-semana de cada mês, almoço fora. Para além de almoçar fora, dou um passeio ou vou a uma explanada, vou beber um café ou vou a casa de um amigo. Ao Sábado muitas vezes também janto fora e aproveito para beber um copo e sair à noite.

Neste momento admito não ter tido muitos tempos livres. Mas sempre que os tenho, joga normalmente em torneios de futebol amador em Lisboa e também jogava no Porto. Para além de jogar muito futebol amador, passeio pela cidade e viajo bastante. Não tenho nenhum *hobby* específico que pratique para além destes.

Nunca fiz parte de nenhuma associação nem de nenhuma manifestação. Nunca fiz parte de nenhuma manifestação não é porque os temas não me interessem, mas sim porque não faz parte da minha personalidade manifestar-me.

## **BLOCO D.**

### **PARTILHA DE BOLEIAS**

Já dei boleia com a minha irmã no carro, enquanto era eu o condutor, mas nunca partilhei boleias com outros familiares, apenas o fiz com um amigo.

Lembro-me que foi no período em que fui estudar para o Porto que comecei a utilizar a plataforma de boleias, por volta de setembro de 2014.

Na altura tinha família cá e, sempre com o objetivo de poupar dinheiro, achei uma ideia interessante partilhar boleia através deste sistema. Quem falou disto

foi um amigo meu. Normalmente faço o papel de condutor e até já levei amigos meus de uma cidade para a outra.

Partilhava boleia por dois motivos: quando ia no meu carro queria dividir custos; quando ia com alguém esta opção ficava mais barata que as restantes e é sempre uma viagem mais agradável e divertida, passa-se melhor o tempo.

Numa primeira fase, enquanto estive no Porto, partilhava boleia duas vezes por semana. Numa segunda fase, quando comecei a trabalhar e quando mudei de casa, comecei a ir a Lisboa só uma vez por semana.

Quando eu era condutor combinava com os restantes passageiros um sítio para nos encontrarmos que fosse conveniente para todas as pessoas, com fácil acessibilidade. Já quando procurava boleias, tinha de ir ter aos sítios que estavam definidos como ponto de encontro. Nestes casos os condutores ou deixavam-me no destino ou muito perto de minha casa, no Campo Grande.

O meio de transporte que mais utilizo é o carro, porque é confortável e permite que tenha os horários que quero. Quando vivia no Porto, não tinha outra forma de ir para o trabalho a não ser de carro, contudo o carro permite-me ir às horas que quero para o trabalho e regressar às horas que quero.

Se tivesse oportunidade de viajar de avião, fá-lo-ia em detrimento das boleias, dependendo dos dias. Há dias em que gostamos de conversar e conhecer pessoas novas, outros há que não nos apetece tanto. Contudo, eu diria na maior dos dias, desde que não tivesse um tempo muito maior de deslocação do que o avião, preferia a boleia.

Considero que o que corre menos bem é não termos a certeza de que as boleias vão acontecer, pode não haver condutor ou boleia para o dia, hora e local que procuramos. Já me aconteceu querer uma boleia e não a ter, porque não havia nenhuma disponível. O principal problema das boleias é não ser algo certo!

Antes de utilizar estas boleias, pedi boleia com o dedo na estrada, quando fiz *Erasmus* em Ljubljana.



Em relação à partilha de boleias, eu considero que é uma forma viável para nos deslocarmos no dia-a-dia. Porém, também nas partilhas de boleias durante o dia-a-dia impõe-se a questão dos horários. Por exemplo, quando eu vivia em Paços de Ferreira e tinha de me deslocar para o Porto, partilhei o carro com mais duas pessoas que também tinham que fazer este trajeto. Esta partilha durou menos de uma semana, pois percebemos que não era compatível com os horários de trabalho de cada um. Houve dias em que tive de ficar a trabalhar até mais tarde, houve atrasos, se quisesse ir jantar com amigos não podia, porque vinha de boleia, etc. Apesar do incómodo dos horários, considero que este meio de transporte é benéfico para a sociedade e que pode funcionar bem esta forma de deslocação para utilizadores que já têm uma família e que depois do trabalho vão logo para casa. Não é que eu tenha a vida muito instável mas este meio de transporte pode funcionar melhor, numa vida em que tens uma mulher, um filho e que vais para casa quase todos os dias às seis e meia, depois do trabalho. No meu caso eu vivia sozinho, por isso não tinha necessariamente que sair do trabalho e ir para casa e por isso se me apetecesse combinar alguma coisa num dia em que partilhasse boleia já não podia,

Já sob o ponto de vista da partilha de boleias entre Porto e Lisboa considero sem dúvida que é muito benéfico, porque conheces pessoas novas e a viagem decorre por isso de uma melhor forma. Vamos entretidos na maior parte do tempo, porque vamos 3 a 4 pessoas a conhecer-nos melhor e a partilhar interesses.

Para a sociedade, a redução da poluição e do trânsito constituem os principais benefícios das boleias. Não poluímos tanto e se toda a gente partilhar boleia com 4 pessoas, temos um quarto dos carros na estrada, o que é muito bom. É benéfico para a sociedade, porque as pessoas não passam tanto tempo no trânsito e por consequência vão havendo tanto trânsito tantos carros não há tanta poluição.

Não atribuo nenhum significado simbólico à partilha de boleias, uso por necessidade.

Se voltar a fazer viagens entre Porto e Lisboa não tiver companhia ou não tiver amigos para partilhar boleia, vou voltar a utilizar estas boleias. Pelo que vi e experienciei, tem todas as condições para continuar a existir, porque é uma forma mais económica e eu conheci muita gente que gosta de boleias por isto, porque conhece novas pessoas.

# Anexos



## Anexo I – Declaração de Confidencialidade

## DECLARAÇÃO DE CONFIDENCIALIDADE

O presente acordo é celebrado entre:

Ana Catarina Aguiar Rodrigues (**“compromitente”**), estudante do Mestrado de Gestão na Universidade Católica do Porto; e

(“entrevistado”).

Considerando que a entrevista é parte do projeto de investigação da **compromitente** no âmbito da realização da Tese Final de Mestrado, cujo tema é *Estudo sobre práticas de consumo colaborativo e perfis de consumidor*, de acordo com os termos acordados na presente declaração, a **compromitente** terá acesso a dados / informações sobre o/a entrevistado/a cujo conteúdo deverá ser estritamente utilizado para realização do projeto acima referido.

**Compromitente e entrevistado/a**, de mútuo acordo, decidem celebrar o presente Acordo de Confidencialidade com o intuito de evitar a divulgação e utilização dos dados/informações confidenciais, nos seguintes termos e condições:

- Todos os dados / informações que sejam fornecidos à **compromitente**, de forma escrita (incluindo registos eletrónicos) ou verbal, serão tratadas sob a mais estrita confidencialidade;
- A **compromitente** obriga-se a assegurar o anonimato e confidencialidade dos dados/informações fornecidas pelo entrevistado/a, que poderão ser usados para efeitos académicos;
- A **compromitente** obriga-se a assegurar o anonimato da identidade dos entrevistados, utilizando para este efeito nomes alterados para os entrevistados.

## Porto,

**A compromitente:**

**O/A entrevistado/a:**